



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

ALEXANDRE CAETANO DA SILVA

**RECIFE, UMA CIDADE DOENTE:
A GRIPE ESPANHOLA NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE (1918)**

RECIFE
2017

ALEXANDRE CAETANO DA SILVA

**RECIFE, UMA CIDADE DOENTE:
A GRIPE ESPANHOLA NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE (1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586r Silva, Alexandre Caetano da.
Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano
recifense (1918) / Alexandre Caetano da Silva. – 2017.
155 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.

Inclui Referências e anexos.

1. História. 2. Epidemias. 3. Doenças transmissíveis. 3. Gripe
Espanhola, 1918-1919. I. Miranda, Carlos Alberto Cunha (Orientador).
II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-135)

ALEXANDRE CAETANO DA SILVA

**RECIFE, UMA CIDADE DOENTE:
A gripe Espanhola no Espaço Urbano Recifense (1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 04/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Antônio Paulo de Moraes Resende
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Carolina Pinheiro Mendes Cahu
Secretaria de Educação de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Deus!

Quero agradecer a tanta gente que de uma forma ou outra contribuíram para a construção desse trabalho, pessoas que nem sabe o quanto me fortaleceram nessa caminhada. A minha Esposa Adriana, que com seu amor me aturou em momentos difíceis nesses anos de mestrado, minhas Filhas Maria Luísa e Maria Giovana, sendo essas mulheres os grandes amores de minha vida. A minha Mãe Maria José, pessoa amada que me educou e me encaminhou ao encontro das primeiras leituras, ao meu Pai Severino Caetano (In memória), na qual mantenho até hoje seus ensinamentos de honestidade, obrigado papai. Aos meus irmãos Andreza, Sérgio e João, pessoas que dividiram a infância com minha pessoa de uma forma maravilhosa. Agradeço a minha tia Cristiane, com sua paciência no cuidar das minhas filhas, para que eu pudesse estudar.

Ao meu Orientador o Professor Carlos Miranda, pois esse foi mais que um orientador, um amigo que ganhei não só para a vida acadêmica, um parceiro de verdade, que entre puxões de orelha na construção desse trabalho também vinha o afago e palavras de estímulos e grandes orientações.

A uma dupla mais que perfeita: Sandra e Patrícia, as melhores secretárias que um departamento acadêmico pode ter, a vocês um agradecimento por tudo, por nunca deixarem os alunos sem qualquer que fosse a orientação, para o bom andamento das atividades na pós de história, vocês foram muito importante nessa minha jornada, obrigado.

Ao professor Biu Vicente, primeiro professor a me incentivar nessa jornada do mestrado, aos professores (as): Cristiano Luis Chistillino, Maria do Socorro Abreu e Lima e Christine Paulette Yves Rufino Dabat, Professores da pós-graduação da UFPE na qual tive a oportunidade de cursar suas disciplinas. Ao também professor da pós-graduação Antônio Paulo de Moraes Rezende, por ter tido a oportunidade de compartilhar com seus ensinamentos como seu aluno e pelo privilégio que ele me concedeu de fazer parte de minha banca de qualificação e defesa da Dissertação.

A Carolina Pinheiro Mendes Cahu, por sua gentileza de fazer parte de minha qualificação e na formação da banca de minha defesa. Ao arquivista Emerson do Arquivo Público Estadual Jordão Hemericiano, pessoa que muito me ajudou na procura de documentos para a construção do texto dissertativo.

Aos meus companheiros de turma: Flávia, Geraldo, Diego, Emanuel o mano, Roberto, Rafael, Bruno, Arthur o garoto prodígio, Davi e Vitor o parceiro dos almoços de fina textura nos intervalos de algumas aulas. Aos amigos Bruno Kawai e Luis Augusto pelos conselhos acadêmicos, vocês foram muito importante para meu ingresso no mestrado, e ao grande amigo Jamerson Marcelino pelas orientações e revisão de boa parte desse texto.

Agradeço aos amigos fora da academia que nunca me abandonaram com suas palavras de incentivo, amigos de infância e outros conquistados ao longo da vida: Ao meu primo irmão Júnior, João Ricardo, Evandro Lopes, Jaildo Ferreira, Otávio Lobo, Gonzaga, Paulo Magalhães, Gilson, Francisco Germano o bodinho, Augusto Lira e Alcides Lira (in memória).

Meu muito obrigado a meu cunhado Irhineu Correia por também ter me ajudado em momentos difíceis na construção desse trabalho, nunca esquecerei. Aos meus amigos do colégio princesa Isabel em especial: Marcia, Rose, Kátia, Erick, Fernanda, Fábio, Israel, e ao Lamartine sendo esse último um dos que mais me ouvia nos momentos de aflição na escrita desse trabalho, brincava com ele ao telefona-lo e dizê-lo; estou precisando de terapia, ou seja, tomar cerveja.

Para finalizar cito aqui outras pessoas que fizeram parte de minha jornada, cada um de seu jeito: Rubem Menezes, Adelson (careca), Paulinho, Herivelto, Josemar (Bar), Dona Fátima, Sr. Tião, Nem, Sr. Mendonça, Ademir (Dema), Dona Beth, professora Si e minha amiga Érica e Fernanda.

RESUMO

No ano de 1918, o mundo enfrentou uma das mais violentas epidemias, a da Gripe Espanhola, com o Recife não foi diferente, a cidade passa pela experiência dessa enfermidade entre os meses de setembro a dezembro. Era o último ano da Primeira Guerra Mundial, e a questão de saúde pública vinha à tona com a epidemia da Gripe. Fazer historicizar uma doença é um dos percursos para se compreender uma sociedade. O trabalho procura a partir do estudo da epidemia de Gripe Espanhola na cidade do Recife, fazer um resgate do cotidiano da cidade, enfocando as mudanças ocorridas em seu espaço urbano, em decorrência do fechamento de estabelecimentos durante o evento epidêmico. Os registros dos jornais da época serviu de espaços para as autoridades sanitárias orientar a sociedade, de como lidar com a situação, e de palco principal de conflitos na esfera política sobre a discussão em torno da Gripe. A epidemia foi encarada como um problema social em sua representação, diante da sociedade recifense, em que coloca a saúde pública em uma condição de imprecisão, por não conseguir definir nem caracterizar a inimiga espanhola, pois não tinha muito que fazer diante do novo, para a medicina no período do evento. Objetivamos apontar as medidas tomadas pelas autoridades sanitárias em relação ao comportamento de sua população, ao mesmo tempo de atentar em citar os espaços criados de cura, por gente do povo, no enfrentamento da doença. Por último esse texto mostrar a cidade se convalescendo da Gripe espanhola, no final do mês de dezembro de 1918.

Palavras-chave: Política Sanitária. Epidemia. Gripe Espanhola.

ABSTRACT

In the year 1918, the world faced one of the most violent epidemics, the Spanish Flu, In Recife it was not different, the city goes through the experience of this illness between the months of September to December. It was the last year of World War I, and public health was on the rise with the Flu epidemic. Historicizing an illness is one of the paths to understanding a society. The study aims to recover the daily life of the city, focusing on changes in its urban space, due to the closure of establishments during the epidemic moment. The newspapers' records of the time served as figure for the health authorities to guide society how to deal with the situation, and the main stage of conflicts in the political sphere on the discourse around the Influenza. The epidemic was seen as a social problem in its representation, facing the society of Recife, in which public health is placed in a condition of imprecision, for not being able to define or characterize this Spanish enemy, because it did not have much to do before the medicine news in the current time. We aim to point out the measures taken by the health authorities in relation about the behavior of their population, while at the same time attempting to mention the created spaces of healing by common people in confrontation of the disease. Finally this text shows the city convalescing of the Spanish Flu, at the end of December 1918.

Keywords: Health Policy. Epidemic. Spanish flu.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	UM OLHAR SOBRE UMA CIDADE ADOECENDO	16
2.1	A MODERNIZAÇÃO DO RECIFE, SUA POPULAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX E A QUESTÃO SANITÁRIA DA CIDADE.....	16
2.2	OS PRIMEIROS RELATOS DE UMA VISITANTE INDESEJADA, A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL	27
2.3	AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA GRIPE ESPANHOLA NO RECIFE.....	32
2.4	A SAÚDE E A QUESTÃO SANITÁRIA: MUDANÇAS E NOVAS CONCEPÇÕES DO PODER MÉDICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL	50
3	UM RECIFE DOENTE: A GRIPE ESPANHOLA	58
3.1	FRAGMENTOS DE UMA EPIDEMIA: A GRIPE ESPANHOLA NO RECIFE DE 1918	58
3.2	DISCURSOS E PRÁTICAS DO DIRETÓRIO DE HIGIENE DO ESTADO, EM SUAS PRIMEIRAS AÇÕES FRENTE À GRIPE ESPANHOLA	73
3.3	AS RUPTURAS IMPOSTAS À VIDA COTIDIANA E A MORTE NO RECIFE.....	84
4	A CIDADE SE CURANDO, O RECIFE SE CONVELESCENDO	93
4.1	AÇÕES DE OCTÁVIO DE FREITAS FRENTE À EPIDEMIA DA GRIPE.....	93
4.2	RECEITAS MÉDICAS E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE CURA EM UM RECIFE CONVALESCENTE.....	107
4.3	O DECLÍNIO EPIDÊMICO DA GRIPE ESPANHOLA.....	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A – FONTES IMPRESSAS FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO	129
	APÊNDICE B – JORNAL A PROVÍNCIA	130
	APÊNDICE C – JORNAL A ORDEM	131
	ANEXO A – RELATÓRIO DO DOUTOR OTÁVIO DE FREITAS SOBRE A GRIPE	132

1 INTRODUÇÃO

Pensar em pragas é de imediato fazer uma ligação com a cólera, peste negra e ebola, a Gripe não fazia parte de doenças que podemos apontar como praga. No entanto, uma faixa de quarenta milhões de pessoas chegaram a óbito com a Gripe Espanhola durante a epidemia de 1918 no mundo, no Brasil uma média de 34.240, e em Recife, foram mais de 2 mil, e podendo até ter passado de 3 mil.

Para o Ministério da Saúde do Brasil, os vírus da influenza (**A**) são classificados de acordo com os tipos de proteína que se localizam em sua superfície, chamadas de hemaglutinina (**H**) e neuraminidase (**N**)¹. Coloca-se que no vírus influenza (**A**) humano, são caracterizados três subtipos de hemaglutinina imunologicamente² distintos – H1, H2 e H3 – e duas neuraminidase³ – N1 e N2. No caso da Gripe Espanhola a combinação que faz gerar o vírus é o H1N1, atacando animais e humanos, de uma agressividade muito grande, levando pessoas ao óbito com tamanha facilidade.

A enfermidade gripal, sobre o qual trata este trabalho, afeta o curso da História com uma presença aterrorizante no ano final da Primeira Guerra Mundial. A moléstia, que assumiu estatura pandêmica, não deixou nenhuma parte do Planeta a salvo e sacrificou, muitas vezes, famílias inteiras. Segundo Jeffery Taubenberger, patologista molecular americano,⁴ afirmou que essa é uma “história policial”. Há cerca de oitenta anos houve um assassinato em massa que jamais foi levado à justiça, e o que estamos tentando é encontrar o “assassino”. Fazendo referência a Gripe Espanhola.

Na primeira guerra de 1914-1918 segundo o historiador Eric Hobsbawm, essa foi mais traumática que a segunda de 1939-1945, pois países europeus como a Inglaterra perderam mais de uma geração no conflito.⁵

Mesmo com a grande quantidade de óbitos que a Primeira Grande Guerra provoca, não supera o número de mortes da epidemia de Gripe Espanhola no mundo na segunda

¹ BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretoria Geral da Saúde**. Brasília. 2005, p. 434.

² A hemaglutinina é a proteína do vírus da gripe que é responsável pela entrada do vírus nas nossas células. Para entrar, tem primeiro que se ligar ao receptor celular, o ácido siálico. Daí que se utilize a metáfora da chave (hemaglutinina) e da fechadura (ácido siálico).

³ A neuraminidase é uma enzima viral, inserida através de sua haste no envelope lipoprotéico, que desempenha papel crítico nas etapas de invasão, replicação, maturidade e liberação dos vírus influenza.

⁴ Jeffery Taubenberger, patologista molecular, é citado no livro de Gina Kolata: **Gripe: A História da Pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁵ HOBshawm, Eric. **A era dos extremos o breve Século XX: 1914-1991**: São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 32.

metade de 1918, ano final dessa Guerra. A diferença é que a Gripe não fez escolha de classes, atingindo de imediato todas as classes sociais, evidenciando que as mais prejudicadas foram às baixas devido à situação de condições de vida, em referência a questões econômicas.

O planeta padece diante da gripe e as autoridades dos países que estavam em guerra não admitiam que seus exércitos estivessem sendo dizimados por essa doença, fazendo a censura dos países envolvidos no conflito procurarem uma nação neutra para atribuir a condição de armazenadora do vírus, podendo ser esse o motivo da epidemia ficar conhecida como a da Gripe Espanhola, era a Espanha fora da Primeira Guerra Mundial de 1914 - 1918. “de acordo com Stefan na Inglaterra e no País de Gales, morreram cerca de duzentas mil pessoas. Os Estados Unidos computaram meio milhão de mortes. Boa parte entre os acampamentos militares com soldados de prontidão a serem enviados aos campos de batalha europeus.”⁶

O planeta ficou gripado. Cerca de vinte milhões de pessoas morreram de uma gripe muito mais letal do que costumávamos presenciar. Alguns pesquisadores elevam o número de mortes para próximo dos quarenta milhões. Não era um vírus qualquer da gripe, era um vírus recém-criado e recém-entrado no organismo dos humanos. Como não estávamos habituados a ele, não apresentávamos defesa formada e necessária para evitar tamanha mortalidade (UJVARI, 2015, p. 144).

Nesse contexto entraram para a história epidêmica da Gripe Espanhola cinco personagens: dois soldados americanos, dois ingleses que morreram em um hospital em Londres e um esquimó. Um grupo de cientistas no final do século XX recuperou pedaços de pulmões dessas pessoas, que haviam morrido há oito décadas com a Gripe Espanhola, nessa ocasião fragmentos de tecidos dos soldados americanos e dos dois ingleses foram retirados para necropsia no período de suas mortes, esses fragmentos foram colocados em conservas em produtos químicos.

Do esquimó os fragmentos dos pulmões foram recuperados através da exumação de seu corpo na década de 1990, onde seus órgãos estavam preservados parcialmente devido às condições climáticas de terras geladas do Alasca. Com a utilização do microscópio eletrônico foi possível ver o que não era possível em 1918 por questões tecnológicas, à silhueta⁷ do vírus H1N1 da Gripe Espanhola, passando o Poder médico internacional a ter conhecimento do vírus da Influenza Espanhola através da ajuda do aparato científico do final do século XX, descobrir sua formação e ações no organismo humano.

⁶ UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 144.

⁷ Perfil do Vírus da Gripe Espanhola.

Alguns americanos acreditavam que a Gripe Espanhola chegara aos Estados Unidos pelo porto de Boston, trazida pelos alemães em submarinos durante a primeira guerra, fato muito difícil de acreditar, era a imaginação de uma sociedade que padecia com os horrores dessa moléstia, onde alemães que eram inimigos nesse conflito eram personagens perfeitos para justificar um momento de sofrimento que passava o país pela epidemia da Gripe: “Eles espalharam os germes pelos teatros e por entre multidões reunidas para os intermináveis comícios de Liberty Bond”⁸, esse discurso apontava como sendo uma arma biológica alemã na primeira guerra mundial, contra os americanos, em que introduziram o vírus da Gripe em seu território.

A praga, como era conhecida nos Estados Unidos a Gripe Espanhola, logo se alastrou no mês de setembro de 1918, e ganhou todo seu território, afetando a sociedade de uma forma geral. A gripe chega quando o mundo estava cansado de uma longa guerra mundial, já eram quatro anos de conflitos concentrados em território europeu, tendo uma dimensão global e matando mais pessoas em curto espaço de tempo do que qualquer outra moléstia na história da humanidade. Jamais poderemos ter com exatidão o número de óbitos com a Gripe de 1918, pois vários lugares afetados pela doença não apontam uma estatística de mortalidade.

A epidemia é colocada por Gina Kolata como se fosse uma profecia que de forma devastadora matava sem piedade:

A praga de 1918 foi chamada de gripe, mas não era como nenhuma outra gripe já vista. Parecia mais a concentração de alguma profecia bíblica, algo como o Apocalipse, que dizia que o mundo seria primeiro assolado pela guerra, depois pela fome e, em seguida, com o rompimento do quarto selo do rolo de pergaminho prevendo o futuro, o aparecimento de um cavalo, “amarelo-pálido; o que estava montado nele tinha por nome Morte e seguia-o o Inferno” (KOLATA, 2002, p. 15).

A Gripe Espanhola chegou a ser 25 vezes mais mortal do que as Gripes comuns, fazendo chegar a óbito 2,5 por cento das pessoas que a contraíam. Não se sabe realmente como a Gripe se originou em 1918, e se transformou em uma ameaça a humanidade, ela se apresentou como uma gripe comum e rapidamente muda a sua forma de atuação, nunca havia morrido tanta gente num curto espaço de tempo:

Em comparação, a Aids matou 11,7 milhões de pessoas em 1997. A primeira Guerra Mundial foi responsável por 9,2 milhões de mortes em combate e por um total de 15 milhões de mortes. A Segunda Guerra por 15,9 mortes em combate. O historiador Crosby⁹ Chama a atenção para o fato de que, qualquer que seja o número exato de baixas ocasionadas pela gripe de 1918, uma coisa é indiscutível: o vírus “matou mais seres humanos do que qualquer outra doença num período de mesma duração na história mundial” (KOLATA, 2002, p. 17-18).

⁸ KOLATA, Gina. **Gripe: A História da Pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.14.

⁹ ALFRED, W. Crosby, historiador e um dos maiores pesquisadores da Gripe Espanhola de 1918.

Na Europa e nos Estados Unidos a Gripe era vista como um mal de menor importância em relação ao episódio da Primeira Guerra, não havendo motivo de registro aos casos que ocorriam, levando a crer que os números de óbitos em decorrência da Gripe ultrapassaram os vinte milhões de pessoas, com um número de 200 milhões de infectados.

No caso da Gripe de 1918 o poder médico europeu tinha ciência que o mal que estava atacando o mundo era da família da Gripe, porém não se sabia o tipo. Sendo uma prática de classificação de doenças utilizada desde o século XIX, conhecida como medicina classificatória, a Gripe coloca a comunidade científica mundial em condições de inércia por não saber como lidar com um novo problema, sendo a certeza da medicina na época abalada pelo desconhecido:

O conhecimento das doenças e a bússola do médico; o sucesso da cura depende de um exato conhecimento da doença; o olhar do médico não se dirige inicialmente ao corpo concreto, ao conjunto visível, à plenitude positiva que está diante dele, o doente, mas a intervalos de natureza, a lacunas e a distância que aparecem como em negativo, os signos que diferenciam uma doença de outra, a verdadeira da falsa, a legítima da bastarda, a maligna da benigna.¹⁰

Foi à falta de conhecimento sobre que tipo de moléstia atacava a sociedade que fez com que, em diversas partes do mundo, a Gripe fosse tratada de uma forma diferente. Nos Estados Unidos, a Gripe inicialmente ficou conhecida como a febre dos três dias, isso na primeira onda da doença no primeiro semestre de 1918.

No mês de abril na mesma proporção a Gripe chega à França fazendo atingir um número grande de soldados de diversas nações¹¹ que lutavam na guerra. No mês de maio chega à Inglaterra e coloca na enfermidade o Rei Jorge V, quando em junho faz visita à China e ao Japão, local que também era chamada como nos Estados Unidos de febre dos três dias ou febre dos combatentes, em referência aos combatentes da guerra. A enfermidade dos soldados atrapalhava os planos das divisões militares de todas as frentes dos exércitos envolvidos no conflito:

O general alemão Erich von Ludendorff, líder das aclamadas ofensivas do país, queixava-se de que a gripe, ou a febre de Flandres, como era chamada pelos alemães, estava frustrando os seus planos de batalha. Como se não bastassem os soldados famintos, com frio e molhados, tentando atravessar com dificuldade campos lamacentos que podiam engolir um tanque, havia a gripe que, como dizia Ludendorff, estava enfraquecendo seus homens e baixando o seu moral (KOLATA, 2002, p. 22-23).

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1977, p.7.

¹¹ A Gripe atinge na França tropas francesas, britânicas e americanas.

As andanças da Gripe Espanhola que como citado era conhecida por diversas nomenclaturas em diferentes partes do mundo, lentamente vai fazendo suas vítimas junto com o conflito da Primeira Guerra Mundial. Porém, outros espaços no mundo ainda não haviam sido infectados pela Gripe, como foi o caso do Canadá, parte do continente africano e quase toda a América do Sul, que só conhecerão sobre uma forma avassaladora a epidemia em meados de setembro de 1918, essas regiões atingidas tardiamente, fazendo a Gripe se apresentar nos espaços já visitados, sob uma forma mais agressiva e letal: “Em fins de agosto de 1918 iniciou-se a segunda vaga epidêmica, caracterizada por altas taxas de infectividade, patogênicidade e virulência” (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 71).

Segundo Claudio Bertolli filho até o final de novembro toda população mundial havia entrado em contato com a Gripe Espanhola, com exceção da Austrália que em função de ter uma rigorosa política sanitária só tivera o seu espaço invadido pela doença no mês de janeiro de 1919. Uma estatística na questão dos óbitos constatou que a população que mais sofreu tinha uma faixa etária entre 20 e 35 anos de idade, confundindo-se com mortos em guerra, um percentual de 50%, na sociedade europeia e nos Estados Unidos. Alguns dados colocados por Bertolli Filho¹² em decorrência de pessoas mortas, na esfera mundial, apontam outras taxas de mortalidade como na Inglaterra e País de Gales 200 mil mortes; França de 500 mil soldados que contraíram a Gripe, 31 mil vieram a óbito; soldados americanos na guerra morreram 43 mil em seu território, e na sua população cerca de 500 mil mortos; na Índia foi responsabilizada a Gripe por um total de 5 milhões de óbitos.

A Gripe Espanhola também atinge regiões como pequenos povoados afastados do continente europeu, como o caso da Nova Zelândia em que uma média de 25% de sua população chega a óbito com a epidemia, essa proporção atinge 60% de um povoado esquimó da aldeia de Nome, mostrando que regiões que não foram atingidas com a primeira epidemia de 1918, que ocorrera no primeiro semestre, tiveram uma baixa bem maior das que já tivera contato com a Gripe naquele ano. Apontando que as populações que tiveram contraído o vírus da gripe em um primeiro momento, contraíram certa imunidade, tendo um menor número de óbitos das que não tiveram ainda contágio com a moléstia.

Para Bertolli Filho¹³ até hoje pouco se sabe sobre a influenza ou Gripe Espanhola: A gripe constitui um verdadeiro anacronismo científico, já que é uma das últimas patologias de

¹² FILHO, Claudio Bertolli. **A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918; epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

¹³ Ibidem, p. 75.

caráter epidêmico que ainda está longe de ser suficientemente conhecida pelo mundo médico, sendo atualmente comparada, pelo desconhecimento que se tem de sua especificidade, com a Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida (AIDS).

Nunca houve na opinião de Bertolli Filho, condições ou até mesmo um interesse em fazer contar a quantidade de óbitos provocados pela epidemia da Gripe Espanhola no Brasil. Existindo informações que em todo o São Paulo morreram 12.386 pessoas e no Rio de Janeiro oficialmente 12.383 gripados. Somando esses dados dos dois Estados com números parciais, em outras federações, chegando a um total de 35,240 óbitos, acreditando-se esses números estão abaixo das cifras reais de brasileiros que foram vitimados pela epidemia da Gripe em 1918.

No Recife de 1918 com a Epidemia da Gripe Espanhola não foi diferente, pois a manifestação epidêmica dá a oportunidade de observar a maneira como as pessoas se portaram, frente a uma situação de calamidade pública, conseqüente dessa moléstia, e como se deram as relações dos diversos grupos que formavam a sociedade recifense no momento do evento epidêmico.

A contemplação de tal cenário permite ainda considerar as relações do aparelho de Estado, no que toca às medidas tomadas relacionadas a esses grupos, em função do quadro epidêmico que se instalou. Procurar entender como a sociedade do Recife de 1918 encarou essa calamidade em função da saúde é dar voz a Escola dos *Annales*: O que a *Annales* reclamará bem mais tarde será uma história cuja pesquisa se estenda às dimensões de todas as ciências humanas, à “globalidade” dessas ciências humanas, das quais se apossaria de certa forma, para reconstituir seus próprios métodos e seu verdadeiro domínio (BRAUDEL, 1992, p. 16). Assim, a história procurando visitar suas vizinhas, como defendeu Henri Berr. A história da saúde é uma das vertentes que podem ser apontadas na visão da Escola dos *Annales*, que procura entender um momento histórico através de situações sociais que envolvem a questão da saúde de uma determinada sociedade.

Os jornais do Diário de Pernambuco, A Província e A Ordem foram às fontes primárias para a elaboração desse texto. Fazendo valer que sobre o tema da Gripe Espanhola as informações pertinentes só serão encontradas com riquezas de detalhes nos periódicos que circulavam no período do evento epidêmico em 1918. Estando essas fontes localizadas na Fundação Joaquim Nabuco.

Sobre as informações do evento da Gripe na cidade do Recife em 1918, observaram-se constantemente as posições dos jornais que noticiaram o cotidiano da cidade, notando quase

sempre uma parcialidade de suas informações: “Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo¹⁴”. Colocando dessa forma essa pesquisa sobre a Gripe Espanhola em Recife a posição dos dois lados da imprensa, procurando com isso dar voz aos acontecimentos na construção desse texto.

Segundo Michel de Certeau, a história atesta uma autonomia e uma dependência cujas proporções variam, segundo os meios sociais e as situações políticas que presidem à sua elaboração¹⁵. A elaboração desse trabalho traz como base documental os artigos publicados pelos veículos de comunicação impressos no período de recorte desse trabalho (1918), ficando como coloca Certeau, no caso do trabalho presente, fazer observar com cuidado, e analisar as informações que esses veículos passavam no dia a dia do evento epidêmico, da Gripe no Recife, apontando a escrita de oposição e de situação política local quando se posicionavam em referência a epidemia:

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo.¹⁶

Porém é de importância fazer salientar que as fontes não são uma garantia dos fatos relatados nos documentos, principalmente os jornais que quase sempre se posicionava de uma forma parcial em suas escritas, deixando se envolver em questões de caráter político partidário, onde essas colocações eram práticas comuns dos que faziam a imprensa jornalística no Recife do início do século XX, espaço trabalhado nessa pesquisa. O trabalho procurou em sua construção, todas as informações dentro do possível em relação aos acontecimentos da epidemia da Gripe Espanhola de 1918 no Recife.

¹⁴ FONTES HISTÓRICAS. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. Tânia Regina de Luca Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). São Paulo: Contexto, 2008, p. 116.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Florense, 2011, p. 40.

¹⁶ *Ibidem*, 2011, p. 112.

2 UM OLHAR SOBRE UMA CIDADE ADOECENDO

2.1 A MODERNIZAÇÃO DO RECIFE, SUA POPULAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX E A QUESTÃO SANITÁRIA DA CIDADE

“Cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.”

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*.

No início do século XX, influenciado pelas reformas urbanas que os países europeus vinham realizando desde o final do século XIX – notadamente as de inspirações higienistas e com vistas a um projeto progressista de desenvolvimento sanitarista – o Brasil, através de sua estrutura de governo, buscou colocar em prática ações ligadas ao processo de modernização de seus centros urbanos, tendo como ponto de referência a capital federal, o Rio de Janeiro. Com o Recife não será diferente, a cidade se modernizava em função das transformações ligadas à economia da região, entre as quais, a crise da lavoura canavieira nordestina. Provocando a chegada de pessoas, provenientes de regiões açucareiras do Estado para o espaço urbano do Recife.

A instabilidade provocou ampla corrente de migração para o espaço urbano recifense, promovendo dessa forma novas relações sociais que foram sendo construídas com o aparecimento de novos agentes na sociedade, como o proletariado e a diversificação da classe média, que atuava de forma relevante nas questões políticas da capital pernambucana. Entre esses grupos sociais, destaca-se atuação dos médicos, que influenciaram no processo de transformação urbana, principalmente no que toca à higiene e à estrutura sanitária do centro urbano do Recife.

Por ser o Recife a principal Metrópole da região Nordeste no início do século XX, fez dessa posição elemento fundamental para atrair um número maior de habitantes para seu núcleo urbano. Uma das fases importantes, que provocará o que Gilberto Freyre chamará de *inchado*, estende-se do século XIX a meados do século XX, e esteve relacionado à expansão algodoeira, à diversificação de atividades e ao adensamento da população, tratando-se verdadeiramente de um processo acelerado de pecuarização, que acarretara a proletarização e a emigração.

As ideias do positivismo ganharam espaços em um Brasil que acabara de implantar um sistema republicano. “Um dos pontos centrais do pensamento político dos positivistas,

expresso na divisa “Ordem e Progresso”, era o mesmo de Benjamin Constant, isto é, tornar a República um sistema viável de governar” (CARVALHO, 1990, p. 20). Entre as representações de governo na saída de um Brasil imperial, a República foi a que mais bem se enquadrava nos anseios das classes dominantes e de outros setores da sociedade. Porém, essa noção positivista de cidadania deixava de fora os direitos políticos, não aceitando os partidos e a própria democracia representativa, admitindo apenas os direitos sociais e civis.¹⁷

Em um momento de transformações em seu espaço físico no início do século XX, no Recife os representantes do Governo, procuram introduzir um modelo de civilização, tendo como referência os países europeus. Essas autoridades constroem para Recife um projeto em que se entrelaçavam: a engenharia, o urbanismo e a medicina, com o poder médico em ascendência decorrente de uma população que carecia - com urgência - de ações higienistas ligadas à saúde pública, para um Recife ainda sem esgotos e água não encanada. Dificultando o controle de epidemias quando entravam em ambientes insalubres, como será o caso da Gripe Espanhola de 1918, objeto desta pesquisa.

A população da capital pernambucana se mescla mais, e se constituirá em sua maior parte de pessoas pobres, porém não sendo capaz de fazer gerar uma dinâmica necessária a dar sustento ao processo de desenvolvimento interno da região. Isso é consequência da renda diminuta e precária da maioria dos que compunham esse segmento populacional. “Recife cresce e se moderniza, sem levar em consideração as necessidades básicas dos seus novos moradores, comprimidos em suas favelas e mocambos” (BARRETO, 1994, p. 45).

O fim da escravidão, em paralelo com a transformação dos engenhos em usinas, faz surgir modificações nas relações de trabalho, impelindo ex-cativos e pobres a um êxodo rural em direção ao espaço urbano do Recife.

Na cidade do Recife, de acordo com Angela Maria Maranhão Barreto¹⁸, essa massa de trabalhadores irá ajudar a formar uma nova classe de assalariados que sempre esteve ligada à agricultura de exportação, mas agora se voltava para o espaço urbano recifense, mantendo-se com atividades de biscates e em outros serviços de força braçal. Restando, a esses habitarem espaços precários de moradias em que as condições higiênicas eram as piores possíveis, abrindo dessa forma o caminho para a entrada de doenças epidêmicas, como foi o caso da

¹⁷ Para um melhor entendimento da implantação do regime Republicano no Brasil, Ver: CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não Foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁸ BARRETO, Ângela Maria Maranhão. **O Recife Através dos Tempos: A formação da sua paisagem**. Edições FUNDARPE, 1994, p. 44.

Gripe Espanhola que, como uma visitante indesejada, invade e atinge essas pessoas, causando um surto de epidemia e levando a óbito milhares dessas, em 1918.

A modernização do bairro do Recife objetivava alargar ruas estreitas, sanear casas e cercanias, tudo isso montado por um discurso elitizado, passando os médicos a serem vistos não só apenas como mais uma forma de se chegar à cura, mas também por sua inserção nas obras de caráter social e junto com os engenheiros praticarem uma engenharia sanitária por meio da qual ocorria o problema da seletividade, onde não era apenas a questão de higiene que se tratava, mas a tentativa de imposição de costumes e hábitos. Tentou-se extirpar o que não era considerado civilizado:

Conforme foi observado, muitas vezes as reformas urbanas assumiram um caráter excludente. Tanto na Capital Federal como no centro do Recife, o preconceito e a exclusão social contra as camadas mais pobres da sociedade tornaram-se mais visíveis e corriqueiros. Suas moradias, formas de vestir, se divertir, seus hábitos, higiene etc., representavam itens passivos de serem policiados e reprimidos. Para as classes abastadas, fazia-se necessário “gerenciar” e disciplinar essas populações, que apresentavam sinais de decadência e de falta de civilização (MIRANDA, 2004, p. 168).

Os valores de “modernização” ou eurocêntrico conseguem se firmar e impulsionar o tal progresso de uma cidade que, com o tempo, começa a substituir seus traços históricos em função da modernidade, era o bairro do Recife no início do século XX: “O aspecto mais visível das mudanças percebidas é o das ruas centenárias que desaparecem, das novas construções que despontam, das linhas inteiras de velhos sobrados removidas na empreitada das demolições urbanas, que vão apagando importantes referências espaciais da cidade” (ARRAIS, 2006, p.9).

A reforma urbana do bairro do Recife provoca mudanças em todos os aspectos, faz desaparecer a praia do Brum em 1910, a Praça Santos Dumont, que era conhecida como Cais do Trapiche e passa a se chamar Praça do Rio Branco. Tudo isso estimulado pelos anseios de um progresso direcionado ao modernismo. “A cidade perdera uma de suas fortes marcas históricas, com a demolição do velho Arco de Santo Antônio, mas ganhara uma nova ponte que substituía a acanhada Sete de Setembro, como em 1917, a moderna ponte Maurício de Nassau” (REZENDE, 1997, p. 59).

O bairro do Recife começa a ganhar uma nova vista no que se refere ao seu espaço físico mais velho, o seu marco zero, que envolve o porto e outras habitações em sua parte mais antiga. Para Michel de Certeau¹⁹ torna-se a cidade contemporânea um labirinto de

¹⁹ CERTEAU, Michel de. **A Cultura no plural**. Campinas, SP: Papiros, 1995, p. 46.

imagens, sendo essas representações, muitas vezes, uma utopia necessária a pessoas que procuram formar no imaginário um mundo melhor para viver. O Recife oferece essas utopias através de suas imagens que se transformam de acordo com o avanço de uma mentalidade modernista em ascensão, fazendo oferecer constantemente a reconstrução de metáforas dentro de sua vida urbana. Será no meio dessas metáforas que a Gripe Espanhola se apresentará para escrever suas marcas em uma cidade em transformação.

São os valores da cidade como a formação de um texto, em que os leitores são as pessoas que habitam e visitam seus espaços, podendo se deslocar pelo movimento cotidiano que a cidade propõe, onde os cidadãos vivem inquietações sociais provocadas por mudanças constantes no seio da sociedade. A cidade do Recife será em sua parte mais “antiga” reconstruída por compartimentos, materializando-se e formando traços normativos de uma hierarquia social em espaços, e os seus habitantes são os representantes da fala cotidiana que ela profere. Para José D’Assunção Barros em uma cidade:

Sua paisagem fala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida mental dos que nela habitam e daqueles que a visitam; seus caminhos e seu trânsito falam das mais diversas atividades que no seu interior se reproduzem; seus mendigos falam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas. Cada um destes índices remete às letras de um alfabeto que pode ser pacientemente decifrado pelos sociólogos, pelos historiadores, pelos urbanistas (BARROS, 2007, p. 40-41).

As representações do cotidiano de uma cidade fornecem uma leitura dela mesma; no Recife, a escrita diacrônica urbana faz suas habitações mais antigas conviverem com outras mais modernas, oferecendo ao leitor um dinamismo através de uma visão antagônica sobre a representação de novos imaginários no início do século XX, com suas transformações arquitetônicas. Permite-se dessa forma o deslocamento da escrita urbana, de maneira que os habitantes e visitantes da cidade reescrevam o seu traçado constantemente: “As motivações para este deslocamento podem ser lidas pelo historiador: a história da deterioração de um bairro pode revelar a mudança de um eixo econômico e cultural, uma reorientação de um tecido urbano que tornou periférico o que foi um dia central ou ponto de passagem importante.”²⁰ Como foi o caso das transformações feitas no bairro do Recife com sua reforma.

A área em reconstrução do Recife ganha uma valorização econômica rápida e, logo após a destruição de várias habitações, seus espaços são loteados para a comercialização. Nesse processo de reocupação por novos ocupantes de um Recife reformado, os locais de

²⁰ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 42.

moradias deram lugar a casas comerciais e financeiras. “À medida que os novos lotes iam sendo vendidos, iniciavam-se logo as construções nas avenidas principais, a Central e a Marquês de Olinda. Foram companhias comerciais, financeiras, seguradoras e outras firmas do gênero, os primeiros Ocupantes da área” (LUBAMBO, 1991, p. 126).

É colocado o espaço como materialidade de um processo de narração em que a cidade é vista como uma rede de discursos. No Recife, esses discursos eram reproduzidos por uma elite que desejava uma reforma urbana, ligada ao progresso de modernização. Colocando em segundo plano, pessoas ligadas à classe baixa, formada principalmente por trabalhadores simples que desejavam uma vida melhor quanto a condições de moradia e sobrevivência.

Profissionais especializados foram contratados para dar início ao processo de reforma da cidade, como os engenheiros ingleses Mitchell Witley e Douglas Fox. Foi criada a Comissão de Saneamento para a Cidade do Recife, com a direção do engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, nome esse que ganhará destaque com sua atuação em trabalhos no cenário de obras da cidade. A referida Comissão coloca em prática ações como a derrubada de casebres e casarões velhos, alargamento de ruas e o saneamento de quarteirões. No entanto, essa Comissão deixa de lado e não dá importância ao patrimônio histórico da cidade, sendo o crescimento do comércio e a entrada forte do capital financeiro determinantes na aceleração da demolição de um Recife carregado de história.

A inauguração de bonde elétrico e o aparecimento, mesmo que de uma forma tímida do automóvel, apontam um Recife em crescimento para algumas classes que eram privilegiadas pelo avanço modernista de uma cidade eufórica pelo desenvolvimento. O antigo serviço de bonde era prestado pela então Companhia Ferro Carril de Pernambuco, com bondes puxados a burros, tendo serviços prestados à sociedade pernambucana desde 1870.

Também existia a Brazilian Street Railwal Company, que chegara ao Recife em 1867, que antes se chamava Empresa de Trilhos Urbanos e prestava serviços com o famoso maxambombas, que eram trenzinhos chamados de Maria Fumaça, minúsculos comboios bastante lentos que serviam a não mais de três bairros um serviço de transporte. Com o crescimento da população recifense, fazia-se necessário um meio de transporte que atendesse uma população trabalhadora, que possuía moradias nos arredores do centro da cidade. Essa necessidade de transporte, por sua vez, foi atendida pela empresa Pernambuco Tramways, que ganhou a concessão para administrar o transporte público na cidade:

Assim, concluídas todas as formalidades – assinaturas dos contratos, etc. – e após período de experiência, foi inaugurado oficialmente no dia 13 de maio de 1914, o serviço de bondes elétricos do Recife, em cerimônia festiva com a presença do governador do estado, general Dantas Barreto e outras altas autoridades, além do povo, que afluiu às ruas do centro, para ver o novo e moderno veículo (MOTA, 1982, p. 11).

Era tempo de substituir os meios de transporte da cidade: “Encerradas, porém, as atividades da ‘Ferro Carril’ e da ‘Brazilian Street’, permaneceu o bonde elétrico senhor absoluto do transporte de massa da capital pernambucana até sua extinção total, pelos anos de 1956 a 1957”. (MOTA, 1982, p. 11). Essas modificações no transporte urbano atendiam todos os grupos sociais, mas, por outro lado, antigos moradores, pessoas humildes, eram marginalizadas pelas construções modernas que ajudavam a formar o novo Recife “civilizatório”. A decorrência dessas transformações foi uma segregação social no centro do Recife, promovida por um urbanismo de exclusão em que a falta de condições melhores de saneamento ligado às moradias, levava a povo a colocar em prática hábitos de higiene que não eram bem vindos ao novo bairro do Recife em construção, essas moradias eram chamadas de *pardieiros*²¹:

Com o mocambo, podemos apontar um aumento significativo de moradias em péssimas condições de vida de uma população que se exprime nos arredores do centro do Recife. Com o mocambo, por exemplo, que era a marca habitacional ditada pela miséria do êxodo rural. Não crescia propriamente, inchava, na feliz expressão de Gilberto Freyre. E, nos baixios desse delta, o mocambo saía de dentro d’água, nos aterros improvisados que apenas se alçavam um pouco à altura dos níveis das grandes marés (BARROS, 2015, p. 84).

Será justamente nesse cenário de exclusão que o povo do Recife enfrentará uma das maiores epidemias, que ocorrera nesse espaço urbano. Fazendo ressaltar que a epidemia atinge todo o Recife, não ocorrendo só na sua região central (o bairro). Não se afirma aqui nesse trabalho que essa só atacara os pobres, mas sem dúvida foi à classe social que mais sofreu com essa moléstia. Ressalvando que a epidemia da Gripe Espanhola atacara a Europa e regiões que eram tidas como modelos de civilização em questão de higiene, como foi o caso da França.

O referido quadro de propagação da epidemia Gripal foi favorecido, nesse período em Recife, por um aumento considerável em sua população, segundo REZENDE “A população teve um crescimento expressivo: dos 113 mil habitantes, em 1900, passou para aproximadamente 239 mil, em 1920.”²²

²¹ Precárias habitações que eram localizadas no bairro do Recife antigo.

²² REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife Histórias de uma Cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, p. 94.

O Recife com o seu processo de expansão comercial e, em consequência com suas modificações, reservava como uma das opções à classe pobre trabalhadora as docas, que lhe ofereciam trabalho manual pesado no descarrego de navios que não paravam de chegar com a representação de várias bandeiras de linha nacional e internacional.

Foi também através de um empório comercial construído com o impulso de uma nova época, que o Recife se impõe não só pelo seu Porto, mas também por hospitais, a faculdade de Direito e da recém-inaugurada Faculdade de Medicina em abril de 1915, duas escolas de Engenharia e uma de Comércio. Era uma postura de uma cidade em desenvolvimento, procurando constantemente se modernizar.

É construída no Recife uma estrutura para atender os anseios de crescimento em um momento no qual se dá uma atenção à formação acadêmica em sintonia com os avanços da modernidade, mesmo sabendo que nem todos tinham acesso a esse tipo de formação. Tal estrutura atraiu para a capital pernambucana um numero grande de pessoas ligadas a outras aristocracias e pessoas comuns, trabalhadores com ligação a zona rural e urbana, não só de outros estados como também do próprio interior de Pernambuco como já fora citado.

De acordo com Chartier²³, os diferentes grupos sociais não são apenas um efeito do discurso, mas antes, também designam as condições de possibilidades. Pois foram as possibilidades dentro de uma construção cotidiana que fizeram esses grupos ocuparem o espaço físico recifense em busca de melhores condições de sobrevivência, em função de uma estabilidade econômica e, conseqüentemente de uma melhor qualidade de vida.

Foi no meio das contradições sociais construídas pelo dinamismo de um projeto de urbanização que a Gripe Espanhola desembarca no Recife em 1918, sendo o centro da cidade o palco maior de um espetáculo de horrores provocado por um dos maiores surtos epidêmicos que a capital das terras dos altos coqueiros já vira.²⁴

As mudanças que o Recife necessitava incluíam, entre outras medidas, a questão da higiene pública e de melhores condições de moradias, onde as precariedades das habitações, devido à insalubridade e péssimas condições sanitárias, se transformaram em ambientes de maior incidência de epidemias como, foi o caso da Gripe Espanhola em 1918.

A reforma do Porto do Recife pode ser um referencial de início das transformações da cidade, reforma essa que tem início em 1912, passando por momentos de dificuldade, como o

²³ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 49.

²⁴ Pernambuco é conhecido como a terra dos altos coqueiros.

período da Primeira Guerra Mundial, fazendo a reforma andar com lentidão, tendo o Porto concluído suas alterações “modernas” só em 1926.

Essa reforma já era cobrada pelas autoridades recifenses ao poder federal desde o final do século XIX, reforma para receber, por exemplo, embarcações de grande porte, pois o porto do Recife não tinha estrutura para que esses grandes navios entrassem para atracar, de modo que eles ficavam afastados, o que fazia com que as pessoas desembarcassem por intermédio de uma Alvarenga²⁵ que suspensa por um guindaste carregava uma cesta com capacidade para seis pessoas, na qual transportava passageiros e produtos que chegavam até o porto:

Pelo porto do Recife circulava toda a produção dos Estados vizinhos rumo à exportação, fortalecendo as atividades ligadas ao comércio, ao desenvolvimento de indústrias e à administração pública. Tais empreendimentos geraram empregos e impulsionaram a modernização do espaço urbano, com a remodelação do bairro portuário e a abertura de avenidas, segundo os conceitos europeus da época (BARRETO, 1994, p. 43).

O governo procurou utilizar no processo de reforma um discurso também de higienização, como medida de sanar problemas de ordem sanitária no centro do Recife e ao mesmo tempo uma forma de procurar dar legitimação ao seu poder.

Sobre a atuação do aparelho do estado no que se refere à reforma urbana no Brasil em função do saneamento e higienização Cátia Wanderley Lubambo coloca:

Nos espaços urbanos, onde a nova ordem se propagou com mais intensidade e rapidez, tornou-se oficial a urgência do saneamento e da higienização. Formalizaram-se, nesta época, as Políticas Sanitárias e os planos de Saneamento nas principais cidades do País. Neste ímpeto, assume a Diretoria Geral da saúde Pública, em 1903 no Governo de Rodrigues Alves, Oswaldo Cruz, permanecendo no cargo até 1909 (LUBAMBO, 1991, p. 80).

Na cidade do Recife, é criada a Inspetoria de Higiene Pública no ano de 1902, mais tarde criadas e colocadas em prática delegacias de Saúde Pública do Estado, sendo essas subordinadas à Diretoria de Higiene e Saúde Pública, órgão responsável pela questão sanitária e da saúde pública de Pernambuco.

A questão do saneamento do Recife no início do século XX era muito complexa, era necessário realizar medidas de higienização da urbe com tamanha urgência, como limpeza de becos, ruas e moradias insalubres.

Existia uma quantidade no Recife alta de habitações em condições de insalubridade, com compartimentos mal divididos sem luz e ventilação, essas moradias eram insalubres por

²⁵ Alvarengas eram embarcações Rústicas utilizadas para descarga de navios, onde pessoas também eram transportadas em situações desconfortantes.

si, facilitando dessa forma a proliferação de doenças nesses lugares. Sendo comum a todas as classes sociais esse modelo de habitação, não sendo o povo como era colocado pela elite, o único responsável pelos problemas ligados à questão de higiene da cidade do Recife.

Sobre as condições sanitárias no Recife, essa já tivera favorecido epidemias no século XIX, como cólera, a febre amarela e a varíola, em que na ocasião fizeram muitas vítimas. No início do século XX, fazia-se necessário para o Recife um plano de saneamento que apresentasse: a higienização das moradias e ambientes de trabalho, a drenagem de pântanos, a escoamento das chuvas entre outras medidas.

Em 1909, após acordo firmado entre o Ministro da Viação Dr. Miguel Calmom e o senador Rosa e Silva, o engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, estando ocupado em obras de saneamento em Santos, desembarca em Recife para estudo preliminar sobre o abastecimento de água da cidade, isso em setembro. Já no ano de 1910 no mês de fevereiro Saturnino de Brito vem em definitivo para o Recife dando início no final do mês de março a construção de novos esgotos para a capital pernambucana. Substituindo os esgotos da “Recife Drainage”, companhia inglesa que cuidava desse serviço em Recife desde 1873:

No dia 12 de dezembro de 1915, sendo ainda governador o general Dantas Barreto, inaugura-se o novo serviço de esgotos planejado e construído por Saturnino de Brito. Aos 14 de abril de 1918, fica concluído e é inaugurado o abastecimento d'água conforme o plano geral igualmente elaborado por saturnino de Brito, sendo as águas colhidas no ribeirão Gurjaú do Pirapama.²⁶

Os avanços que o Recife fazia quanto a sua remodelação física atendiam as novas exigências do modelo ligado à corrente da Belle Époque.²⁷ Tais avanços também estavam vinculados à preocupação com uma reforma sanitária que atendesse os padrões de outros espaços já modernizados, como a Europa e a própria capital Federal, o Rio de Janeiro. Assim, ficam em segundo plano medidas de assistência ao povo no que toca a questões habitacionais.

O Recife se defronta com suas próprias contradições, pois a cidade não se restringia às classes dominantes de contornos ainda mal definidos, a urbe crescia e se transformava, integrando-se ao conjunto nacional, modelo de habitação. Contudo não atentou para o crescimento populacional em seu espaço e seus problemas que envolvia em decorrência desse crescimento: saúde, higienização e a questão sanitária. Pois esses aspectos sociais careciam de atenção por parte das autoridades sanitárias.

²⁶ PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife:** ontem e hoje. Recife: Companhia e editora de Pernambuco, 1978, p. 157.

²⁷ Época de prosperidade e avanços na Europa e principalmente na França que vivia sua terceira república, período que compreende entre 1817-1914.

Sendo importante ressaltar que essa expansão demográfica da população recifense ultrapassou a sua capacidade de oferecer emprego aos contingentes populacionais que contribuíam para esse crescimento e que, mesmo com a formação de um empório comercial no centro da cidade, não conseguiu atender aos anseios de uma população que nela já estava e também da que chegava à procura de trabalho.

Ficando os mangues e regiões alagadas do Recife como locais de moradias, com a construção de barracos e mocambos, pois nesses espaços eram encontrados alimentos como o caranguejo, siri e aratu, retirado em grande quantidade pelos que ali fixavam suas habitações, facilitando a subsistência de grande parte da população sem que precisasse obedecer às determinações do mercado capitalista.

Foram nos espaços nos arredores da região central do Recife que a população de baixa renda se aglomerou, fazendo surgir diversas comunidades que procuravam maneiras de sobreviver. Nesses espaços, foram construídos os mocambos que apresentavam péssimas condições de habitação, que não ofereciam água encanada e cujo sistema de esgoto era aberto, favorecendo um ambiente propício para a proliferação de doenças de caráter endêmico e epidêmico como a Gripe Espanhola.

Referencialmente a história do Recife, do início do século XX ou até desde sempre, é a história de seu porto em certa medida. Recife foi um núcleo urbano construído pelo porto, abrindo dessa forma espaço para uma “Zona” portuária, inclusive de prostituição como afirma o historiador Denis Bernardes.²⁸ Nesse espaço, que envolve o porto podemos ver surgir casas de câmbio, agências bancárias nacionais e internacionais, armazéns, casas exportadoras e importadoras.

Um real empório comercial e financeiro é construído em um Recife que cresce e, ao mesmo tempo, assiste simultaneamente à formação de uma sociedade cada vez mais estratificada, deixando em condições precárias de sobrevivência o seu maior grupo, formado por pessoas pretas, pardas e pobres. Grupo esse que como já fora dito será o mais atingido com a doença da Gripe Espanhola de 1918, devido à falta de condições básicas de sobrevivência: moradia, alimentação e saneamento básico, ganhando a moléstia gripal campo fértil nos espaços sociais dessas pessoas.

Este trabalho procura entender como essas comunidades se comportaram e reagiram às dificuldades de enfrentar uma inimiga invisível que matava com tamanha facilidade,

²⁸ DENIS, Bernardes. **Recife o Caranguejo e o Viaduto**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

principalmente nas localidades habitadas pela classe de trabalhadores de menor poder econômico em um Recife de 1918 assolado pela epidemia da Gripe. Objetivando analisar a forma de enfrentamento desses grupos à doença, e dos mecanismos utilizados por esses fora da estrutura do Estado.

Sendo as classes formadas por pobres vistas como perturbadoras da sociedade e conseqüentemente perigosos para um Recife em modernização, estavam inclusa principalmente os negros, que eram vistos como os que mais impulsionavam a questão da desordem. “Na verdade, o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de classe ‘classes perigosas’ no Brasil fez com que, desde o início, os negros se tornassem os suspeitos preferenciais” (CHALHOUB, 1996, p. 23). É nesse diálogo em sintonia com a questão da abolição que não está tão distante de 1918 da epidemia da Gripe, em que Chalhoub já colocará a posição do negro na sociedade brasileira escravocrata, na qual as autoridades criavam dificuldades em manter a ordem sem os recursos de domínio do cativo:

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios seus pais (CHALHOUB, 1996, p. 29).

É sobre essas representações de uma herança de um Brasil imperial que Chalhoub²⁹ faz refletir, no início de uma República, que a partir delas pode-se observar que como no Império os hábitos de moradias dos pobres, também no Brasil dos primeiros anos da República, são considerados ainda nocivos à sociedade em desenvolvimento.

Os cortiços de um Brasil imperial eram uma opção de fuga de um escravo em sintonia com um mundo livre fora de um imaginário de cativo e ao mesmo tempo de recém-libertos de uma estrutura escravocrata. Os mocambos em Recife, no início de uma República, ao contrário de uma opção, eram a única possibilidade de uma população que sofrerá uma exclusão social, obrigada a dar espaço à formação de uma área reservada a um projeto de modernização em que cabia aos pobres só a contribuição de seus serviços braçais nesse preito.

Esses ambientes eram propícios à propagação de epidemias, como foi o caso da varíola no Rio imperial e da Gripe Espanhola como já dito no Recife, nos primeiros anos da República. Tais espaços foram caracterizados também como terrenos férteis para proliferação

²⁹ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: Cortiço e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

de vícios em todas as escalas. Daí, a ideia de que era tanto um problema no controle social da parcela da sociedade pobre pelo Estado, quanto uma ameaça em relação às condições da higiene do espaço público da cidade. Sendo essa, mais uma vez, salientando, a visão da elite social da época, pois os costumes não eram tão diferentes entre ricos e pobres em um Brasil no início de sua vida republicana, podendo sim ser diferenciado a questão da alimentação desses grupos.

2.2 OS PRIMEIROS RELATOS DE UMA VISITANTE INDESEJADA, A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL

Sobre a Gripe “O nome vem do italiano Influenza desde a epidemia ocorrida em 1387 em Florença, quando se acreditava ser ela fruto da influência dos astros ou do frio (Influenza di freddo).”³⁰ No início do século XX, a ciência da medicina é pega de surpresa em relação a um inimigo invisível, ficando a medicina neutralizada em função de uma novidade desastrosa, a Gripe Espanhola, que se apresenta ao mundo sob a sua forma mais agressiva em 1918. O aparecimento dessa epidemia coincide com o evento da Primeira Guerra Mundial que vivera o seu último ano de conflito. Dessa forma, as autoridades em diversas partes do mundo não dão a atenção que deveria ter dado a essa epidemia que coloca em óbito um número maior de pessoas que a própria guerra, isso só no ano de 1918.

Para Bertolli Filho a versão mais aceita sobre a chegada da Gripe no Brasil cita o pacote britânico *Demerara* que, vindo da Europa no início de setembro de 1918, atracou no Rio de Janeiro no dia 14 daquele mês, já com vários tripulantes enfermos, logo após passar por outros portos brasileiros³¹ (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 74). No final de setembro a Gripe já grassava epidemicamente em três portos brasileiros: Recife, Salvador e Rio de Janeiro. O navio que viera de Liverpool com escala feita nesses portos tinha alguns de seus tripulantes Gripados, chegando a Gripe logo depois na Paraíba e no Espírito Santo, e no mês de outubro fazendo a epidemia frequentar todos os espaços urbanizados do Brasil.

A primeira experiência de brasileiros com a moléstia da Gripe Espanhola a missão médico-militar em campos de batalha da Europa durante a primeira guerra mundial. A

³⁰ DINIZ, Luiz Carlos. **A história do Hospital de Santa Águeda**. Recife: Avellar Gráfica e Editora, 1994, p. 74.

³¹ FILHO, Claudio Bertolli. **A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: Epidemia e Sociedade**. São Paulo: Paz Terra, 2003, p. 74.

esquadra brasileira depois de atravessar o Atlântico chega à África no porto de Dacar no Senegal francês, tendo caídos enfermos a maior parte de sua tripulação.

O desacerto da esquadra nacional chamou a atenção das autoridades sanitárias brasileiras para a ameaça da gripe. Em 24 de setembro, o médico Carlos Seidl, diretor geral da Saúde Pública, temendo a introdução da moléstia no Brasil, decretou a reabertura do Lazareto da Ilha Grande, tornando obrigatória a desinfecção e isolamento quarentenário de todas as embarcações provenientes dos portos africanos. Entretanto antes dessa data a gripe já havia sido introduzida no Brasil.³²

Segundo Bertolli Filho a Gripe ou Influenza chegou até regiões isoladas do território brasileiro, causando um número altíssimo de óbitos, atacando populações indígenas, e fazendo dessa forma, as autoridades ligadas a Saúde Pública nacional a tomar medidas de quarentena, as embarcações provenientes do continente africano.

Em São Paulo nas pesquisas Liane Bertucci³³ a primeira notícia sobre casos de Gripe Espanhola na cidade, foi em 10 de outubro de 1918, pelo jornal local O Combate que logo depois noticia a primeira pessoa atacada pela moléstia: “Três dias depois deu entrada no Hospital de Isolamento o primeiro caso registrado como gripe espanhola: um estudante vindo do Rio de Janeiro.³⁴” A situação epidêmica foi confirmada na cidade no dia 15 de outubro do ano corrente, pelo Serviço Sanitário do Estado sob a direção do doutor Arthur Neiva.

Foi criado pelo Serviço Sanitário da urbe de São Paulo um parecer que recebeu o nome de Conselho ao Povo, onde eram publicados através de forma repetitiva pelos jornais locais, com o objetivo de instruir a população sobre como se comportar para evitar o contágio com a Gripe, e ao mesmo tempo combatê-la.

Sobre os conselhos construídos pelo poder público de São Paulo pedia-se: evitar aglomerações, principalmente no horário noturno; não visitar enfermos gripados e alguns cuidados higiênicos com o nariz e a garganta, fazendo gargarejo com água e sal. Postos de atendimentos foram montados para dar socorro aos que precisassem atacados pela moléstia. Eram feitos atendimentos médicos, distribuição de medicamentos e até alimentos aos mais necessitados.

Teve a cidade de São Paulo basicamente todas as suas atividades suspensas, o cotidiano da urbe paulistana se transformou em consequência do avanço da epidemia da Gripe Espanhola. Os médicos do Governo instruam as pessoas a evitar a prática de costumes

³² FILHO, Claudio Bertolli. **A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: Epidemia e Sociedade**. São Paulo: Paz Terra, 2003, p. 73.

³³ BERTUCCI, Martins, L.M. **Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 143-57, jan. –abr. 2005.

³⁴ Ibidem, 2005, p. 145-146.

simples como aperto de mão, abraços e beijos. Houve uma diminuição de missas, cultos e outras reuniões religiosas na cidade, evitando aglomerações. “A vida em São Paulo foi parando, pautada pelo avanço da doença. Seguindo instruções dos médicos do governo, as compras de várias famílias passaram a ser realizadas por uma única pessoa, para diminuir a probabilidade de contato/contágio.”³⁵

Segundo Liane Bertucci, em São Paulo o flagelo provocado pela Gripe não foi o suficiente para interromper as relações sociais e culturais, pois essas resistiram ao poder do médico que não tinha como evitar visitas aos enfermos, por amigos e familiares do mesmo. Sendo os primeiros óbitos em São Paulo provocados pela Gripe Espanhola, identificados no dia 22 de outubro, divulgados pela imprensa local. A ação nefasta da epidemia da Gripe colocou a sociedade paulistana em desespero até o dia 4 do mês de novembro de 1918, uma média de 7.786 atacados pela epidemia, sendo um total de mortos, só no dia 4, de 172 pessoas.

Analisando a chegada da Gripe espanhola na cidade de Salvador verifica-se que para o poder público local, a epidemia teve início em 27 de setembro de 1918, porém o jornal *A Tarde*³⁶ periódico regional, afirmava que desde o dia 24 do mês de setembro uma epidemia desconhecida assolava Salvador. Verificou-se cerca de setecentos enfermos nos quarteis, hospitais, casas particulares e em todos os centros de aglomeração de operários da região de Salvador.

Como em Pernambuco, a sociedade baiana³⁷ também estava confusa em função de noticiários de jornais que se colocavam de lados opostos em disputas políticas em que a Gripe ainda não era apontada como uma questão emergencial de saúde pública nos primeiros dias do mês de outubro de 1918. Entretanto, dava sinais de que estava presente, só não se colocando de uma forma ainda agressiva.

É apontado por Christiane Maria Cruz de Souza³⁸ que, ocorrera na Bahia no tempo que grassou a epidemia de Gripe espanhola um forte embate político, provocado pela imprensa que apoiava e a de oposição ao governo. Logo após uma pressão política realizada

³⁵ BERTUCCI, Martins, L.M. **Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 143-57, jan. –abr. 2005, p.147.

³⁶ Ver: *Jornal A Tarde de Salvador*, 25 de setembro de 1918, p. 1.

³⁷ SOUZA, Chistiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia, política e medicina em tempos de epidemia.** Tese (doutoramento em história das ciências da saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2007.

³⁸ SOUZA, C. M. C. de. **A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan. – abr. 2005.

pela oposição, cria a Diretoria de Higiene através de seu Diretor o Dr. Alberto Muylaert, uma comissão formada por médicos para estudar o problema que se agravava. Comissão essa formada pela elite médica do estado, tendo em seu corpo o professor da faculdade de medicina da Bahia Dr. Frederico Koch.

Foi constatado que a Gripe que atacava Salvador era a comum, que todos os anos, colocava pessoas enfermas na cidade, contudo nada de novo grassava, isso nos primeiros dias de outubro de 1918, sendo registrado pela comissão de médico um total de 06 óbitos vitimados com a Gripe em 04 de outubro do ano corrente.

No decorrer do mês de outubro ocorreu uma acréscimo na mortalidade na cidade de Salvador com a incidência da Gripe, a população se encontrava aterrorizada, ressaltando que a manifestação da doença colocava a cidade em condições precárias, em relação as suas atividades, com a falta de trabalhadores pelo motivo de estarem enfermos com a Gripe:

O mês de outubro foi um dos mais difíceis daquele ano de 1918. O livro de registro de enterramentos do cemitério da Santa Casa de Misericórdia, o Campo Santo, registrou 41 óbitos por gripe ou complicações decorrentes desta moléstia (ASCM-BA; H/Base/1331; 7.12 1915 a 26.8.1923). Entretanto, no mesmo período, as informações oficiais fundamentadas em notificações dos inspetores sanitários apontavam para um acréscimo sensível do índice de pessoas acometidas pela gripe. A disparidade de informações revela possivelmente as intrincadas relações no âmbito do poder público, a questão socioeconômica (vinculada à necessidade de preservação de uma imagem de 'salubridade') diante da desatenção à saúde da população na República Velha baiana.

Para Christiane Maria Cruz de Souza a reforma urbana em Salvador tem início em 1912, sendo um dos grandes problemas da urbe a questão do saneamento básico, colocando a cidade com características de insalubridade ainda em seu momento de epidemia da Gripe Espanhola no ano de 1918. Sobre o aspecto de assistência médica “nas primeiras décadas do século XX, as camadas pobres de Salvador não tinham fácil acesso aos serviços médicos, muito caros para aqueles que não podiam garantir as mínimas condições materiais de existência.”³⁹ Essa condição da saúde na capital baiana levou a população de baixa renda a ser a que mais enfrentou dificuldades no período epidêmico da Gripe Espanhola na cidade.

Fazendo uma análise sobre a epidemia da Gripe Espanhola na cidade do Rio de Janeiro os números de óbitos são de assustar. Segundo Adriana Goulart⁴⁰ no mês de outubro de 1918, computou-se 930 óbitos vitimados pela Gripe Espanhola, isso só no dia 22 do mês, levando a situação de enfermidade uma média de 600 mil pessoas no tempo em que durou a epidemia,

³⁹ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan. – abr. 2005, p. 89.

⁴⁰ GOULART, A. da C. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan. abr. 2005.

sendo 66% da população local atingida com a moléstia. Levando a óbito um total de 15 mil vidas.

As notícias sobre a Gripe Espanhola chegavam à capital federal, destacando a imprensa local que componentes da missão médica brasileira a caminho de Dakar, no navio La Plata ficaram enfermos com a moléstia gripal. Somando um total de 156 mortos, sendo essas informações passadas pelo chefe da missão, Nabuco Gouvêa, no dia 22 de setembro de 1918.

Segundo Adriana Goulart as instituições de saúde do Rio de Janeiro não dispunham de condições para atender a população carioca que era atacada pela epidemia da Gripe, com a ausência de formação técnica de seus enfermeiros. Não procurando as autoridades elaborar, de imediato, uma estratégia para combater à doença que se alastrava.

Era apontada, na medida em que a epidemia crescia na capital federal, a falta de autonomia da chefia da Diretoria Geral de Saúde Pública, pois essa tinha suas ações dificultadas pelo ministério da justiça e negócio interior, que, não dava muita atenção à questão da saúde pública, tendo o ministério à última palavra sobre as ações dessa Diretoria. A cidade maravilhosa entra em caos, faltavam remédios, médicos, alimentação e até hospitais para fazer recolher os enfermos com a Gripe:

O caos social acabou sendo amplamente explorado, não só pelos jornais, mas também por grupos políticos de oposição ao governo Wenceslau Braz. O quadro de insatisfações se tornou cada vez mais agudo devido à morosidade no estabelecimento de medidas profiláticas e as limitações estruturais das instituições sanitárias que se encontravam totalmente despreparadas e desaparelhadas para dar combate à doença.⁴¹

Era denunciada a escassez de verbas aplicadas na saúde pública na capital federal, que contribuiu para a falta de manutenção na assistência as pessoas enfermas pela Gripe Espanhola, passando outras instituições a dar apoio no atendimento aos que caíam com a moléstia, com a contribuição de clubes, igrejas, escolas e a cruz vermelha brasileira, no acolhimento e cuidado às pessoas adoentadas pela Gripe.

Depois de muita pressão de alas oposicionistas do Rio de Janeiro, no dia 30 de setembro de 1918 começaram a ser implantados serviços de assistência, como prontos socorros públicos e atendimento domiciliar aos acometidos pela Gripe. Essas medidas fizeram representar o reconhecimento oficial pelo Estado da existência um quadro de epidemia na capital federal.

⁴¹ GOULART, A. da C. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan. abr. 2005, p. 109.

Mostrando está lidando com um problema de saúde novo: “no dia 03 de outubro, o diretor de saúde pública, Carlos Seidl, determinou a adoção nos portos de uma profilaxia indeterminada, pelo desconhecimento da natureza da moléstia.”⁴² Onde medidas constantes de enfrentamento ao surto fossem tomadas, até que o problema epidêmico fosse sanado.

A representação do poder público carioca pelo seu Diretor de Saúde em tomar medidas de combate à epidemia da Gripe Espanhola foi pautada ao aumento de enfermos com a doença, mostrando que as autoridades em saúde do Brasil muitas vezes só se manifestavam em criar mecanismos de enfrentamento às epidemias com o agravamento do problema, com o acúmulo de pessoas acometidas e de mortos. Sendo importante colocar que as epidemias nem sempre podem ser evitadas, e o poder médico estará sempre limitado à tecnologia e conhecimento do seu tempo.

2.3 AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA GRIPE ESPANHOLA NO RECIFE

Sobre epidemias de Gripe que assolaram o Recife: “A primeira referência histórica à Gripe no Recife remonta ao ano de 1890. Foi uma epidemia de forte proporção.” (PARAHYM, 1978, p. 200). Ela apresentou-se de forma epidêmica, acometendo praticamente toda a população urbana do Recife. A moléstia virótica chegou novamente a terras recifenses em 1894. Ela alastrou-se rapidamente e, como em 1890, apresentou-se de forma benigna. Porém, causou – nesse ano – um total de 43 óbitos, levando sofrimento a quase toda a população local.

Foram vários os momentos que a Gripe fez visitas em terras recifenses: “Em 1900, a gripe veio mais forte e deixou um saldo funesto de 145 óbitos. Começa o século XX e, em 1905, ocorre uma epidemia com 106 mortes. No ano seguinte, espalha-se novamente a influenza, levando 113 vítimas ao cemitério” (PARAHYM, 1978, p. 200). De 1901 até 1917, a Gripe não deixa de visitar a capital pernambucana⁴³, provocando sempre óbitos, mas em nenhuma dessas visitas pode ser comparada a de 1918, em que essa leva à morte um número de 1893 só em outubro daquele ano, sem deixar de levar em consideração os que morreram e não tiveram atestado de óbito. Assim, esse número pode passar dos 3.000, isso só na capital

⁴² GOULART, A. da C. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan. abr. 2005, p. 110.

⁴³ **Relatório de Otávio de Freitas de 25 de novembro de 1918**, quando era Diretor do Serviço de Saúde do Estado. Biblioteca CCS, UFPE.

Recife, pois nos noticiários dos periódicos chegavam com frequência notícias do interior do Estado. Porém, esta pesquisa se detém ao espaço urbano do Recife de 1918:

Em agosto de 1918, acabou-se a Primeira Guerra Mundial. Em setembro, alastrou-se pelo mundo inteiro a pandemia gripal que passou à história médica com o nome de INFLUENZA ESPANHOLA. Em outubro, a “espanhola” surge no Recife. Assume, de logo, feição de epidemia grave. Cerca de cento e vinte mil pessoas adoeceram da influenza numa população orçada em 220.000 habitantes. A “espanhola” grassou mais forte em outubro, quando se anotaram 1893 óbitos devidos à gripe. Tal cifra equivalia a 70 por cento da mortalidade geral do Recife, naquele mês (PARAHYM, 1978, p. 201).

No Recife, a Gripe Espanhola aporta no mês de setembro de 1918, assolando esse espaço físico até novembro daquele ano. Os recifenses acompanhavam inicialmente a pandemia da Gripe à distância através dos periódicos que circulavam na cidade do Recife: Diário de Pernambuco; A Província, A Ordem, entre outros. Mostra-nos que já existia uma expectativa dos recifenses em relação à Gripe. Esses Jornais noticiam a presença da Gripe Espanhola de forma contraditória, inicialmente:

A propósito de certas notícias alarmantes publicadas a respeito dessa epidemia que tanto tem dado que falar entre nós, sobretudo depois das dolorosas perdas ocorridas a bordo dos navios da nossa esquadra de guerra, procuramos ontem o Sr. Dr. Abelardo Baltar, inspetor da Higiene do Estado, que nos disse mais ou menos o seguinte: Os casos de “influenza” ocorridos a bordo do “Piauhy” nada apresentam de extraordinário. São casos comuns de gripe, como aqui e por toda parte ocorrem em certas épocas, geralmente de forma torácico-abdominal (VARIAS. Diário de Pernambuco, Recife, 30 set. 1918, ano 94, n. 269, p. 3).

Essa era a posição do jornal Diário de Pernambuco no que tocava o evento em curso da Gripe em Recife, se posicionando em defesa do governo de Manoel Borba. Em relação ao jornal A Província a posição era de procurar tentar mostrar a sociedade recifense os perigos que essa passava em decorrência do avanço da moléstia gripal, fazendo firmemente noticiar a chegada da Gripe. Era uma forma de se colocar em uma postura de oposição ao governo estadual:

Para cúmulo das nossas infelicidades aí temos também uma epidemia. Não percamos tempo com o nome. “Epidemia espanhola” ou “moléstia espanhola” como se diz em Portugal, “influenza espanhola” como se está chamando no Brasil, “gripe” simplesmente, ou “gripe torácica”, ou “gripe intestinal”, “gripe catarral”, ou que outro nome lhe deem os médicos da Higiene, o que é certo, é que ela já matou vários médicos brasileiros, vários oficiais e marujos da nossa esquadra, e está aí, agora ameaçando devastar a cidade e matar os habitantes (A EPIDEMIA. A Província, Recife, 30 set. 1918, ano XLI, n. 269, p.1. FUNDAJ).

Como é possível observar, os jornais A Província e o Diário de Pernambuco entram em contradição e, por que não dizer, em contraposição no tocante às notícias veiculadas no final de setembro de 1918 sobre a chegada da Gripe Espanhola no Recife. Esse antagonismo provém do fato que, para além de informar, os jornais ajudam a formar opinião e são

permeados de concepções conflitantes. Porém, nem todas as informações colocadas ao público são de conveniência para os que estão no poder. Diante desse acontecimento, encontrava-se o povo, o trabalhador, os menos assistidos pelo Estado, que diante da pandemia da Gripe Espanhola se veem mais vulneráveis à situação de morte e procuram criar foras das instituições estatais espaços de cura em um Recife atormentado pelo medo dessa tal indesejada visitante.

Sobre a chegada da Gripe no Recife, em 25 de setembro é noticiado pelo *Jornal Pequeno* o primeiro alerta. Com uma nota, o jornal informa que o vapor *Piahy* chegara ao porto do Recife com dois doentes no dia 24 de setembro.⁴⁴ Com rapidez, a doença se transferiu do porto para as ruas da capital pernambucana. Logo no início de outubro, os doentes se multiplicavam em ritmo acelerado, e o cotidiano da cidade recifense foi modificado. O centro comercial, repartições, escolas e cinemas fecharam e outros serviços públicos como telefonia e transporte ficaram quase paralisados.

A espanhola não fez distinção de posição social, atingindo todos os segmentos da população brasileira. Contudo, na epidemia de 1918 em Recife, os primeiros a contraírem essa moléstia foram os trabalhadores do Porto. Depois, haverá uma situação epidêmica que atingirá os residentes e transeuntes do centro urbano de um Recife que adoecera, afligindo com mais destaque aos desprovidos socialmente, o povo. Seria normal que os trabalhadores portuários fossem os primeiros a contrair a Gripe Espanhola, por ser o porto entrada principal de pessoas de outras regiões do Brasil e do mundo.

Porém, o que era colocado em discussão pela imprensa oposicionista era a falta de assistência às pessoas que caíam enfermas com a doença, mesmo levando em consideração que o Estado estava à frente de um inimigo invisível e diante de uma situação inesperada e nova para a realidade do aparelho de saúde pública no momento histórico da epidemia. A imprensa fazia publicar em seus periódicos jornais medidas como receitas caseiras que a população poderia fazer, como forma de prevenção da moléstia que se apresentava com o nome de Gripe Espanhola, pois não existia nada muito além de receitas caseiras para o enfrentamento da doença:

⁴⁴ *Jornal Pequeno*. Recife. 1918, P. 1. FUNDAJ.

A Gripe Espanhola

Remetem-nos: “A essa ilustrada redação pedimos a divulgação das receitas abaixo para prevenir e combater a epidemia que, sob o título de “Influenza Espanhola”, está grassando no Recife: PRESERVATIVO – Deixar enxofre na água que beber e cozinhar. A um litro de álcool adicionar: cascas de dois limões, uma colher das de chá de erva doce, uma colher das de sopa de tintura de brynnia. Para usar 6 gotas em um cálice d’água 2 vezes ao dia. Tomar de preferência na volta dos passeios ou trabalho. Sendo atingido pelo mal no uso deste medicamento será o mesmo de forma benigna (A GRIPPE Espanhola. Diário de Pernambuco, Recife, 04 out. 1918, ano 94, n. 273, p.3. FUNDAJ).

Os veículos de comunicação construtores do discurso governista no momento da epidemia se colocavam na função dos mediadores entre o Estado e o povo, para tentar dar formas de domínio do problema que atacara a cidade e favorecer o controle político, procurando evitar inquietações sociais que eram provocadas pela moléstia que pairava sobre o Recife.

O mundo vive o final da Primeira Guerra no mês de agosto de 1918, mas também assiste o aparecimento de uma das maiores epidemias que acometera o globo, à Gripe Espanhola. “Em uma das últimas sessões da Academia de Medicina de Paris e da qual só tivemos conhecimento pelos derradeiros jornais franceses aqui recebidos, discute-se a “influenza espanhola”.⁴⁵ Esse noticiário aponta as primeiras notícias da Gripe em terras estrangeiras, que chegam a Recife através do Diário de Pernambuco. E tendo como base as referências da academia parisiense que era vista como referencial, não só de um esplendor da modernidade, mas também, como fonte segura de informações ligadas ao setor médico.

Sobre o noticiário do Jornal A Ordem: “Dentre as suas terríveis calamidades, a Europa nos manda mais uma praga que os médicos de lá apertados por defini-la convencionaram chamar, provisoriamente, influenza espanhola.”⁴⁶ O Jornal A Ordem é mais enfático quando se refere à Gripe, procurando, no seu primeiro artigo sobre o assunto, tratar de uma forma mais contundente e realista para sociedade recifense o grande perigo dessa moléstia. A sua postura é diferente dos primeiros artigos dos outros jornais pesquisados para este trabalho: O Diário de Pernambuco e A Província.

Em relação ao noticiário da Província: “A Saúde do Porto, após a chegada, anteontem em nosso porto, do vapor “Piauhy”, constatou alguns casos de uma moléstia desconhecida em diversos tripulantes deste navio.”⁴⁷ O jornal A Província aponta indícios de pessoas

⁴⁵ A INFLUENZA Espanhola e a Academia de Medicina de Paris. **Diário de Pernambuco**, Recife, 29 set. 1918, ano 94, n. 268, p.1. FUNDAJ.

⁴⁶ CHRONICA. **A Ordem**. Recife, 29 set. 1918, ano II, n. 269, p.1. FUNDAJ.

⁴⁷ É uma febre desconhecida ou é gripe intestinal? **A Província**, Recife, 26 set. 1918, ano XLI, n. 265, p.1. FUNDAJ.

contaminadas pela suposta Gripe, sempre fazendo referência a essa doença sem realmente dizer o que acometia o Recife, até pelo desconhecimento e de uma certeza se realmente era a gripe.

A leitura dos noticiários sobre a epidemia da Gripe Espanhola aparece como uma oportunidade de entender como a sociedade recifense se comportou no período que reinou a epidemia da Gripe Espanhola na cidade, Analisar essas fontes é, contudo, uma forma de avaliar a atuação do Estado em função da mediação científica na questão da Saúde no Recife na primeira metade do século XX. Esses noticiários da imprensa recifense de 1918 ajudaram na construção de arquivos, que servem para a montagem de apontamentos historiográficos da sociedade do Recife no período epidêmico da Gripe Espanhola:

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, *sistema de sua enunciabilidade*. O arquivo não é, tampouco, o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o *sistema de seu funcionamento* (FOUCAULT, 2005, p. 147).

Em sua coluna diária o jornal do Diário de Pernambuco registrava: “Até agora pelo menos não há motivos que justifiquem maiores apreensões”.⁴⁸ O Diário de Pernambuco tentava acalmar a população recifense, mostrando que nada de excepcional estava acontecendo na cidade, dizendo ainda que o Dr. Carlos Seidl, o eminente chefe da Saúde Pública Federal, dera uma declaração que a Gripe que aqui se encontrava já fora diagnosticada com a mesma moléstia simples, já anteriormente assinalada.

Os doentes que chegaram ao Recife a bordo do vapor “Piauhy” foram levados para o hospital de Santa Águeda⁴⁹, sendo atendidos por médicos ligados à Inspetoria de Higiene do Estado, onde foram atendidos, constatando que nenhum sintoma novo fora apresentado, mas sim características comuns à Gripe, que a sociedade já conhecia e que nada segundo os inspetores médicos, de tratar de uma nova entidade mórbida.

O jornal A Província colocava um artigo de afronta ao poder público em relação à questão da Gripe: “Não adiantou muito para o Sr. diretor da Higiene, nas declarações que fez ao “Diário de Pernambuco, sobre a atual epidemia, dizendo que são casos de gripe que ocorrem em toda parte e em todas as épocas, geralmente de forma toracoabdominal.”⁵⁰ A

⁴⁸ VARIAS. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 set. 1918, ano 94, n. 269, p.3. FUNDAJ.

⁴⁹ Antigo Hospital de Variolosos que passa a se chamar Santa Águeda até meados de 1920, em que dar espaço para o nascimento do Hospital Oswaldo Cruz. Ver: Diniz, Luiz Carlos. **A História do Hospital de Santa Águeda**. Recife: Avellar Gráfica e Editora LTDA, 1994, p. 7.

⁵⁰ A EPIDEMIA. **A Província**, Recife, 30 set. 1918, ano XLI, n. 269, p.1. FUNDAJ.

posição jornalística do jornal A Província continua chamando a atenção para o perigo que circula e ameaça a sociedade do Recife, exigindo, sob uma forma de posicionamento político, uma ação imediatista das autoridades do Estado ligadas à saúde pública, acusando sempre as autoridades de não se mobilizarem e cruzarem os braços, colocando-se na espera de soluções de fora para nomear e tomar providências sobre o que estava acontecendo.

Falava-se da imundice da cidade, os seus pântanos, as suas águas esverdeadas, as suas sarjetas, os seus mosquitos eram outros tantos convites a todas as epidemias⁵¹. Existe uma denúncia feita pelo Jornal A Província no que toca à estrutura de saneamento do Recife, em que questões sanitárias eram apontadas como facilitadoras de epidemias. Colocava-se que a cidade tinha seus principais pontos limpos, como ruas e avenidas, porém não dava atenção às ruas paralelas, aos becos e às vielas. Procura-se uma desculpa para a chegada e proliferação da Gripe, não entendendo que o Recife era só mais uma das várias vítimas que a Espanhola começava a fazer no momento mais agressivo, que foi o de outubro 1918.

O noticiário do Jornal A Ordem coloca o medo aparente para a sociedade em decorrência de um futuro surto epidêmico: “Deus nos livre dela, a nós que já vivemos tão atropelados com as outras. Se estas, as moléstias conhecidas, frequentes, familiares, quando se nos metem pela pele, deixam-nos confusos e alheios à sua natureza o que não acontecerá com esta nova inimiga desconhecida”.⁵² O medo de uma sociedade, que já passara por outras epidemias como a Cólera, é visível nesse noticiário do jornal A Ordem, que mostra o desconhecimento dos males que essa Gripe pudesse trazer deixando clara a tensão de uma sociedade desprovida de um método que fizesse frente à Gripe Espanhola, até pelo motivo de não existir.

Segundo o Jornal Diário de Pernambuco: “A inspetoria de saúde dos portos de Pernambuco, que aliás é de 1ª classe, recebeu do digno Diretor Geral de Saúde Pública, instruções detalhadas para proceder com o máximo rigor nas medidas contra a moléstia ainda não caracterizada.”⁵³ O Diário de Pernambuco se posiciona com elogios à ordem médica local e ressaltando as recomendações do poder público ligado à saúde em reforçar as atenções para impedir a entrada da chamada Influenza Espanhola no Recife. Fez ordenar o Diretor de Saúde Pública que todos os navios que mesmo tendo inspetor sanitário em suas acomodações, que tenha chegado dos continentes asiático, africano e europeu, deveriam ser visitados pelas

⁵¹ A EPIDEMIA. **A Província**, Recife, 1º out. 1918, ano XLI, n. 270, p.1. FUNDAJ.

⁵² CHRONICA. **A Ordem**. Recife, 29 set. 1918, ano II, n. 269, p.1. FUNDAJ.

⁵³ SAÚDE PÚBLICA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 04 out. 1918, ano 94, n. 273, p.2. FUNDAJ.

autoridades de saúde do Estado, sendo obrigados a todos os passageiros, principalmente aqueles de terceira classe, serem examinados individualmente para a verificação dos doentes com suspeitas de qualquer sintoma ligadas ao aparelho respiratório.

O pobre é sempre, como já aqui apontamos, uma das maiores ameaças a ordem sanitária, e a posição do Diretório de Saúde Pública em principalmente averiguar as pessoas da terceira classe mostra essa postura do governo no que toca à diferença de tratamento dada a esses indivíduos pobres, onde esses eram vistos como ameaçadores da Ordem sanitária.

É importante fazer observações quanto à crise sanitária em diferentes segmentos sociais, pelas contradições dos noticiários entre os jornais de 1918 que noticiavam sobre a questão da saúde pública, procurando analisar o conteúdo do discurso da imprensa, com diferentes formas de abordar o problema da Gripe Espanhola em que os noticiários publicavam certezas e dúvidas sobre a doença, contribuindo dessa forma para aumentar o medo e a insegurança da população. Contudo “Uma realidade nunca é compreendida melhor do que por suas causas.”⁵⁴ Toda a agitação provocada pela ansiedade da população recifense frente a uma moléstia epidêmica em ascensão é fruto de uma realidade vivida por pessoas que desconheciam o perigo que as rondavam, inclusive o próprio poder Médico de 1918. E as causas desse evento que começavam a dar insegurança a toda à sociedade eram abstratas, de maneira que era mais fácil para a elite dominante encontrar nas classes subalternas a origem do problema do que apresentar de imediato uma solução para esse.

Como forma de combater a entrada e permanência de pessoas doentes e suspeitas de estar com a Gripe Espanhola no Recife, a Inspetoria de Higiene oficia ao Dr. Fernandes Barros, Inspetor federal da Saúde dos Portos, fazer comunicar que o Hospital de Santa Águeda não poderia aceitar doentes, vindos de vapores com suspeitos da enfermidade, onde essa Inspetoria do Porto defendia a ideia que cuidavam dos enfermos de varicela e disenteria ali acolhidos, afirmando que esse Hospital não estava preparado para a acomodação e tratamento de pessoas com esse tipo de moléstia:

Não poderia ter sido mais desastrosa a deliberação da autoridade pernambucana, relativamente aos doentes aqui aportados. Não se diz a um doente: - cá não o recebo; eu não o posso receber; vá se tratar em outro lugar, ou siga seu caminho. Uma autoridade, um governo, que tem o encargo da Assistência, se impõe a si o dever de providenciar de qualquer modo, nunca de abandonar. Porque, além da demonstração de incapacidade administrativa, o que menos lhe pode acontecer é que os doentes lhe vão morrer à porta, contaminando o ambiente. (A RESPOSTA. A Província, Recife, 3º out. 1918, ano XLI, n. 272, p.1. FUNDAJ).

⁵⁴ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**, 2001, p. 62.

As críticas em relação ao comportamento do governo em se negar a aceitar pessoas com a Gripe no Hospital de Santa Águeda, feita pela imprensa oposicionista mostra a posição de um poder público ligado à saúde perdido, em decorrência de uma situação nova. Porém, esse poder se manifesta na figura do Dr. Abelardo Baltar, Diretor de Higiene do Estado, em que ele dá a solução de reabrir o Isolamento de Tamandaré, localizado no litoral Sul de Pernambuco, tendo como objetivo, fazer afastar a moléstia da Gripe do centro da cidade do Recife, para evitar uma maior forma de proliferação da doença, pois o Isolamento de Tamandaré ficava distante do Recife.

No periódico *A Ordem*, um personagem se destaca pela sua oposição constante a Manoel Borba, então governador de Pernambuco em 1918, escrevendo artigos com fortes críticas às ações do aparelho médico, principalmente à falta de habilidade, a seu ver do seu Diretor de Higiene, o Dr. Abelardo Baltar. “Os doentes do vapor “Piauhy” continuam na berlinda. “O Sr. Gonçalves Maia promete não os deixar em paz tão cedo, pelo menos enquanto fornecem matéria para a composição das suas destemperadas picuinhas.”⁵⁵ Nota-se na construção desse trabalho que o *Jornal A Ordem* noticia com menor intensidade o problema da Gripe, ficando, na maioria das vezes lacunas de um noticiário para outro, em suas notas não faltam elogios e apontamentos feitos ao Governo de Manoel Borba em relação às medidas tomadas no enfrentamento a Gripe:

Entretanto o quanto se poderia fazer e conseguir nessa emergência têm sido feito pela repartição da Higiene. A Prefeitura do Recife deu permissão para que fiquem abertas durante a noite as farmácias que a tanto se dispuserem. Todos os médicos da Saúde Pública se acham a postos tratando e aconselhando os doentes, tomando medidas preventivas para evitar ou combater o mal, felizmente de efeitos muito passageiros. O que é verdade é que ninguém receia a morte, apesar do grande número de pessoas afetadas em toda parte da moléstia. É assim que o poder público vai cumprindo serenamente o seu dever. O que é preciso é que ao seu encontro venham todas as corporações civis e religiosas (INFLUENZA reinante. *A Ordem*. Recife, 08 out. 1918, ano II, n. 278, p.1. FUNDAJ).

Sobre essas corporações civis e religiosas citadas a cima foi o Estado, através de articulação com essas, usando seus atributos de poder e convocando vários segmentos da sociedade civil, para junto com ele orientar a população na prevenção da Gripe Espanhola, como não promover eventos que aglomerassem pessoas, alertando para o perigo da proliferação dessa doença. Fazendo o poder público inclusive um pedido ao Sr. D. Sebastião Leme, Arcebispo do Recife, para que esse procurasse suspender as festas religiosas em que pudessem demorar uma grande quantidade de pessoas, fazendo-se preocupar principalmente com mulheres e crianças no contágio da moléstia. Produzindo o *jornal A Ordem*, críticas à

⁵⁵ A SOLUÇÃO do Sr. Maia. *A Ordem*. Recife, 06 out. 1918, ano II, n. 276, p.1. FUNDAJ.

postura de outros periódicos que se posicionavam contra o governo, procurando outra mudança de comportamento em suas posições, mostrando que essas notícias se tornaram tendenciosas, se aproximando do governo de Manoel Borba com as lideranças desse jornal, fazendo mudar seu posicionamento em relação às ações do poder público em função da Gripe Espanhola, noticiando artigos de apoio ao Governo.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que os atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.⁵⁶ Independente dos discursos que esses noticiários construíam para a população de um Recife que adoecia perante uma epidemia emitente da Gripe Espanhola, onde essas contradições das informações jornalísticas em decorrência da doença se confrontavam em um cenário eminentemente de disputas políticas, o que realmente imperou foi à falta das certezas, mesmo as científicas que demoravam.

De um lado, jornais escreviam sobre o perigo que a população estava passando, acusavam o poder público de ser inerte perante a situação de calamidade, fazendo aumentar o medo e com isso a insegurança da população. Enquanto isso, o lado que apoiava politicamente o Governo se posicionava com publicação de matérias procurando esclarecer a sociedade de que nada de tão grave estava acontecendo na cidade e que o que tinha de ser feito o Estado, com suas representações médicas, estava fazendo. Provocando dessa forma um desencontro de informações e acabando por confundir ainda mais a sociedade recifense nos primeiros dias do mês de outubro de 1918.

Com o processo de agravamento da situação de notícias de ordem pública relacionadas à Gripe que circulavam pela cidade, o Diário de Pernambuco não teve mais como se posicionar de uma forma tão apaziguadora no tocante à situação. Procurou então noticiar um cenário epidêmico em que se encontrava a sociedade do Recife. Assim, colocou-se em uma postura de orientar no referente a medidas de prevenção para evitar o contágio dessa moléstia. Tal procedimento passou a ser uma prática muito comum entre os outros periódicos também durante o período em que se instalou a epidemia da Gripe Espanhola no Recife.

Era feito um paralelo do que estava acontecendo na Europa, sobre os acontecimentos da gripe e as medidas tomadas pelo poder público do velho mundo, com o objetivo de colocar em prática no Recife. Era noticiada a maneira como a Influenza da Espanhola se apresentava

⁵⁶ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 9-10.

na sua forma legítima e como acometia pessoas, atacando com bravura provocando complicações pulmonares, como estava a acontecer na Europa.

Provocava a Gripe hemorragias uterinas e nasais, manchas de púrpura e, do terceiro para o quarto dia, um quadro de broncopneumonia; e, por último, a pneumonia que logo levava ao óbito no quinto ou sexto dia. Outras orientações eram dadas como os cuidados individuais para evitar o contágio, tal qual fazer gargarejo com desinfetantes adequados e, sobretudo evitar grandes reuniões, procurando nesse sentido passar às pessoas os perigos da doença e provavelmente meios de combatê-la.

Mesmo como as orientações feitas pela Diretoria de Higiene do Estado a imprensa de oposição ridiculariza essas ações: “Havia uma “solução feliz” do açúcar, agora há, também, uma “solução feliz” da Higiene”. Pernambuco está sendo a terra das “soluções felizes.”⁵⁷ O jornal A Província não dá trégua ao governo e incisivamente continua a pressionar as autoridades a tomar medidas mais eficazes em relação ao problema da Influenza. O seu alvo principal era a pessoa do Diretor de Higiene Dr. Abelardo Baltar, a qual o jornal se refere como Diretor da nossa admirável Higiene, fazendo duras críticas pelo fato de não aceitar a acomodação de doentes provenientes de outros lugares que desembarcavam no Porto do Recife, recusando-se a receber essas pessoas necessitadas de cuidados médicos.

A figura de Dr. Abelardo Baltar, torna-se o centro das críticas realizadas por vários segmentos da sociedade recifense, principalmente pela imprensa de oposição, em decorrência do estado que se encontrava a capital pernambucana em função da epidemia que se instalava. Mas é importante salientar que o poder médico da época não tinha muito o quê fazer em relação ao novo que se apresentava como a Gripe Espanhola, ficando o Dr. Abelardo Baltar como uma vítima de situação epidêmica instalada.

No meio das desavenças políticas representadas pela imprensa local os órgãos estaduais e federais, ligados à saúde se desentendem, sobre a forma de tratamento que deveria ser dado aos que em Recife desembarcassem no porto com a moléstia da Gripe espanhola: “O inspetor sanitário dos portos, sem observar certas disposições regulamentares, fez recolher ao Hospital de Santa Águeda dois doentes suspeitos, desembarcados de bordo do Piauhy.”⁵⁸ Essa atitude foi tomada pelo Dr. Fernando Barros, Inspetor de Saúde do Porto do Recife, em que esse contraria a ordem estabelecida pelo Diretor de Higiene do Estado, dizendo ele que o Hospital de Santa Águeda era submetido à Santa Casa de Misericórdia e que essa casa era

⁵⁷A “SOLUÇÃO feliz” de Hygiene. **A Província**. Recife, 5 out. 1918, ano XLI, n. 274, p.1. FUNDAJ.

⁵⁸ FUNDAJ, A “SOLUÇÃO feliz” de Hygiene. **A Província**. Recife, 5 out. 1918, ano XLI, n. 274, p.1.

ajudada com verba federal, era uma divergência dos poderes em meio de uma situação epidêmica.

Formas de instrumentalização, em função das ações do aparelho médico, descontentavam a oposição ao governo que questionava, por exemplo, o abandono do Hospital de Lazareto em Tamandaré, localizado no litoral sul do Estado e que, naquele quadro de propagação de uma enfermidade, estava sendo colocado pelo poder Médico recifense como saída para a não aceitação de doentes no centro urbano do Recife, como era o caso do Hospital de Santa Águeda, ficando dessa forma o Estado se esquivando da acomodação dos enfermos com a Gripe.

O cotidiano da cidade se transformava com a apresentação da Espanhola, sem que as autoridades e demais segmentos dela tomassem conhecimento do perigo, era uma situação de expectativa, de tensão construída em forma de hipóteses apontadas por posicionamentos políticos antagônicos, em que no seio desses discursos se encontrava o povo, que começaria a adoecer pela Gripe Espanhola. A doença ainda não ganhara as ruas de uma forma epidêmica; porém, enquanto existia a troca de notas entre a Inspetoria do Porto e a Diretoria de Saúde de Estado, a doença começava a tomar espaços na cidade do Recife. Muito além dos fatos biológicos que constituem uma epidemia, há a sua representação discursiva:

As interações sociais surgidas das limitações impostas pela doença e, em casos como o da gripe espanhola, da perspectiva da morte. É essa representação que vai se impor e definir como o evento biológico vira evento histórico, como ele é compreendido no momento de sua passagem e como será definido e interpretado depois. Essa representação está no discurso (FARIAS, 2008, p. 22).

São as relações desses discursos e as práticas de uma ação médica no Recife no início da epidemia da Espanhola que mudarão o cotidiano da cidade, em que a questão biológica criará uma perspectiva sobre a morte, promovendo a construção do evento histórico, a inquietação social era grande, e as posições dos discursos, independente de oposição ou governista, fez ajudar a propagação de informações sobre a chegada de uma doença nova para a sociedade recifense, ajudando na reconstrução de uma história social de uma sociedade enferma. Foi nesse ritmo de incertezas que o Recife adoecia sem ter a noção da gravidade representada pela Influenza, moléstia essa que se preparava para cravar sua marca, para ser uma das maiores epidemias que essa cidade já conhecera.

Chegavam ao Recife notícias de outros estados, como o Maranhão em que estivadores se negaram a descarregar um paquete⁵⁹ com o nome de Cerará porque esse levava a bordo

⁵⁹ Navio grande a vapor que carregava passageiros e mercadorias.

vinte e cinco doentes com a gripe, fazendo esse não ter contato com a terra e seguir para Belém. “Deus não permita que os estivadores de Belém façam a mesma coisa, porque o “Ceará” teria de seguir para Barbados e para Nova York ou para o Polo Norte até achar quem lhe quisesse receber a carga.”⁶⁰

Rechaçando a postura dos estivadores do Maranhão, o jornal *A Província* mostra como as autoridades estavam se comportando em outros estados dando as costas para os acometidos pela Gripe Espanhola, posição igual ao do poder público de Pernambuco que na pessoa do Dr. Aberlado Baltar, Diretor de Higiene do Estado, que mesmo com atitudes como essa diz que Pernambuco estava preparado para combater a moléstia da Gripe Espanhola:

Mas, o fato de achar-se a inúmeras milhas de distância do Recife, não livra na opinião do Sr. Oswaldo aquele ilustrado médico da pecha de propagador da incômoda e aborrecida epidemia reinante, que não enriqueceu o obituário, mas, forneceu abundante matéria para a confecção de picarescas picuinhas e de tremendas invocações à Divina Providência.⁶¹

O jornal *A Ordem* que muda sua postura em relação ao governo sai em defesa do poder público, quando o Dr. Oswaldo, um médico opositor, escreve um artigo no *Jornal do Recife*, fazendo duras críticas à postura do Estado em relação à Gripe, dizendo que o poder médico não estava dando atenção ao perigo pelo qual passava a sociedade, sendo colocado como um velho que só escreve asneira.

A Ordem escreve: “*A Província*” e o “*Jornal do Recife*” vivem a alarmar a população com as notícias mais inverídicas e escandalosas sobre o estado sanitário da capital. Todos os dias registram sem o menor escrúpulo, numa revelação indecorosa de cinismo, os casos mais fantásticos de insalubridade e morte.”⁶² A Gripe Espanhola era uma só, porém com diferentes representações sociais da doença nos discursos dos noticiários, em que se aponta o descaso da saúde pública com a população e, ao mesmo tempo, uma ordem médica preparada e com total controle da situação. Não só o Recife como todo o mundo que fora atingido por essa moléstia passava por essa situação.

Até o final de setembro de 1918, nesses noticiários não fora apontado nenhum óbito em consequência da Gripe e nem qualquer tipo de mudança na rotina da cidade do Recife. O que fica claro nas leituras dos Jornais da época é que existia nitidamente uma disputa e uma briga política em torno de uma situação de saúde pública. Os jornais *A Província* e o *Jornal do Recife* são chamados pelo jornal *A Ordem* como sendo órgãos do Dantismo, em referência a

⁶⁰ *A Província*, Recife, 5 out. 1918, ano XLI, n. 274, p.1.FUNDAJ.

⁶¹ A PARVOIÇADA do Sr. Oswaldo. *A Ordem*. Recife, 08 out. 1918, ano II, n. 278, p.1. FUNDAJ.

⁶² ECOS. *A Ordem*. Recife, 08 out. 1918, ano II, n. 278, p.1. FUNDAJ.

Dantas Barreto, político de oposição ao governo de Manoel Borba, então governador de Pernambuco no período da Gripe Espanhola, sendo o prefeito na ocasião era o Sr. Manoel Antônio de Moraes Rego, como já colocado.

A postura do jornal Diário de Pernambuco começa a mudar sobre a sua opinião a respeito da Gripe, admitindo em artigo que essa que se apresentava não era da mesma forma que a de costume com a mudança de clima. “Aumentou bastante, nos dois últimos dias, a intensidade com que vem grassando nesta capital a influenza espanhola. Conforme se tem dito trata-se da “influenza” nas suas formas conhecidas.”⁶³

Aponta-se o crescimento de doentes com a Gripe e já se encara como uma epidemia, não oferecendo perante as autoridades um perigo de morte, mas provocando tamanho surto, que o cotidiano do Recife começa a ganhar traços de uma cidade doente com a Gripe. Pela segunda vez, o Jornal Diário de Pernambuco emite orientações sobre como fazer para evitar a Gripe, com precauções individuais e evitando grandes reuniões. Apontam que os sintomas da Gripe de imediato eram fadiga, amolecimento, dores na cabeça, febre e calafrio, e que a doença duraria de três a quatro dias.

A Gripe ainda estava sendo vista como a mesma visitante que acometera todos os anos a cidade de uma forma benigna, porém se espalhando rapidamente, dizendo a ordem médica não justificar medidas de desinfecção e quarentena, vendo a Gripe como caráter epidêmico, mas sem oferecer grandes perigos à sociedade como já citado. Essas colocações são feitas pelo então Dr. Carlos Seidl, Diretor de Saúde Pública Federal, afirmando que essa Gripe antes de se apresentar no Recife grassou intensamente na Bahia com um número de óbitos diminuto.

Pela primeira vez, é colocada a questão da morte em função da Gripe, de uma forma tímida, sem números, porém é admitida a presença de óbitos provocada por essa doença, faltava agora confirmar ou admitir que essa realmente não fosse a Gripe comum como fora dito, mas sim a tão indesejada Espanhola. Era uma situação epidêmica que passava o Recife, provocando um embate promovido pelas forças que formavam a política local, sendo esses representados explicitamente pela imprensa:

⁶³ A INFLUENZA Espanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277, p.1. FUNDAJ.

Em períodos de crise desencadeada por epidemias, era comum que os órgãos de imprensa de oposição procurassem desacreditar o grupo representante do poder no estado. No debate instaurado na imprensa baiana durante o período de incidência da “espanhola”, os governistas procuraram passar uma imagem de tranquila competência na escolha e gestão das ações de saúde pública. Por sua vez, a oposição buscou destruir essa imagem, denunciando a crise financeira do estado, o nepotismo que conspurcava as instâncias da administração pública e as fragilidades do serviço de saúde pública (SOUZA, 2007, p. 100).

No início do século XX, os jornais pernambucanos não omitiam suas posições partidárias e suas vinculações políticas e praticavam um jornalismo com total parcialidade. No Sul do Brasil, a situação era parecida no que toca às informações sobre a doença da Gripe. “Enquanto o jornal “Echo do Sul” abria a manchete no dia 10 de outubro: “Grave! Influenza Hespanhola”; o seu principal concorrente, o jornal “O Tempo”, chamava-a de Moléstia Suspeita.”⁶⁴

Nas entrelinhas desses discursos e até mesmo no próprio silêncio, encontrava-se o medo, o medo da morte, isso em todos os espaços urbanizados no Brasil, e o Recife, cidade que faz parte dessa pesquisa, não foi diferente, em que a situação da morte colocava todos em uma condição de igualdade. A forma de morrer trazida pela epidemia da Gripe era diferente a da nossa contemporaneidade, pois as pessoas que sofriam em seus leitos de morte, majoritariamente eram acompanhadas de seus familiares em seus lares, quando ambos não estavam juntos na mesma situação. Em nossa sociedade atual, “Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão.”⁶⁵ Condição essa construída pelo avanço das sociedades desenvolvidas que criam espaços para os moribundos, distantes dos olhares da vida normal dos vivos.

Relacionar epidemia e morte é um fator normal, pois os eventos epidêmicos nas sociedades deixam sempre uma marca em função de óbitos, representada pelos números de mortos, porém uns mais que outros como foi o caso da Pandemia da Gripe Espanhola que mata assustadoramente no ano de 1918 no Brasil e em Recife. Sendo Norbert Elias:

As sociedades como tais eram mais pobres antigamente; não eram tão organizadas em termos de higiene como as sociedades posteriores. As grandes epidemias assolavam frequentemente os países europeus; pelo menos desde o século XIII, iam e vinham em geral diversas vezes em cada século até o século XX, quando as pessoas finalmente aprenderam a lidar com elas (ELIAS, 2001, p. 87).

⁶⁴ DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. **Uma Cidade em tempo de Epidemia, Rio Grande e a Gripe Espanhola**, de Beatriz Anselmo Olinto, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995, p. 46.

⁶⁵ ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 98.

Podem essas sociedades europeias ter aprendido a lidar com eventos temporários de epidemias como coloca Norbert Elias, o que fica em questionamento é se essas sociedades tiveram o mesmo aprendizado em relação à morte, a lidar com essa realidade trazida pelas epidemias.

Sobre o primeiro comportamento de autoridades e médicos de negar a presença de um quadro epidêmico grave de Gripe Espanhola talvez fosse uma tentativa de evitar pânico entre a população, colocando os periódicos de oposição na função de denunciar e alertar a população alheia ao perigo em que se encontrava. No caso do Recife, pode-se entender que, por ela ser também uma cidade portuária, se as autoridades admitissem uma situação de epidemia da Gripe Espanhola, isso poderia fatalmente causar uma queda nas suas transações comerciais, uma hipótese interessante.

Em São Paulo, o alerta da Gripe Espanhola é dado de uma forma mais direta, e os órgãos de comunicação se posicionam já em outubro, dando números de doentes e apontando - de imediato - que esses foram afetados pela Gripe não comum, e sim pela Espanhola. Essa pesquisa constatou que esses primeiros relatos sobre a Gripe e sua introdução na promoção de um desmantelamento social, em que extrapolou os limites de um saber médico para a época em relação a essa moléstia, ocorrem de uma forma quase que uniforme sobre os períodos. Mostrando que os dez primeiros dias de outubro foram marcados em várias capitais do Brasil como sendo o início da epidemia de Influenza no país:

Nos primeiros dias de outubro, a cidade de São Paulo vivia atormentada. As notícias sobre a epidemia eram cada vez mais alarmantes e próximas. Dia 10, o jornal O Combate em manchete de primeira página afirmava: “A “espanhola” em S. Paulo. Numerosos casos suspeitos”. A agonia estava apenas começando. Era 13 de outubro, quando deu entrada no Hospital de Isolamento, o primeiro caso oficialmente registrado de gripe espanhola: um estudante vindo do Rio de Janeiro. Os casos pioneiros de Influenza na cidade estariam, entretanto, ligados a um time carioca de futebol amador que havia visitado São Paulo. Os jogadores adoeceram na Capital dia 9 de outubro e teriam sido os transmissores da moléstia que fez muitas vítimas no famoso Hotel D’Oeste, onde o grupo havia se hospedado (BERTUCCI, 2002, p. 100).

A Gripe trouxe com ela a questão da morte em quê: “O ocidente tenta ignorar a morte e o desconhecido que se colocavam a sua frente, como uma criança que fecha os olhos diante das sombras no escuro do seu quarto e ao reabri-los espera que elas tenham ido embora. Mas não foram.”⁶⁶ A Espanhola estava nas cidades, passeando livremente e frequentando as casas das pessoas, fazendo visitas sem ser convidada e com ela a expectativa da morte.

⁶⁶ ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 52.

O poder médico do Estado perdido e recebendo duras críticas de uma imprensa oposicionista: “Em Pernambuco, a Diretoria de Higiene disse que a epidemia não era de “influenza”, mas de “gripe”, e aconselhou que se atirassem no mar os doentes que viessem nos vapores aportados e, depois, saiu por aí, pelas ruas, a passear no seu automóvel”.⁶⁷ De uma forma irônica, o noticiário da Província faz acusações ao governo, afirmando que a Saúde Pública de Pernambuco estava, através da imprensa do Sul do país, sendo vista como ineficaz quanto ao tratamento ao problema epidêmico da Gripe.

Essa era a posição da Saúde pública do Estado sobre a Gripe, no início de outubro de 1918, procurando deixar a sociedade calma e mostrando a doença como sendo benigna, sempre ressaltando a importância de continuar evitando reuniões. “Não se iluda o povo com a Higiene pernambucana: a epidemia que o visita é a mesma de Espanha, de Portugal, da África”⁶⁸. Fazendo o jornal A Província uma ressalva de oposição em que chama a atenção da sociedade pernambucana para a gravidade do problema, incentivando o descrédito ao governo e, ao mesmo tempo, exigindo medidas mais enérgicas no referente à situação:

Grassando nesta cidade uma doença epidêmica, benigna, mas extremamente contagiosa sob indicação do comissário do governo a Delegação de Saúde faz público: I – Que a doença de que se trata tem os característicos da que grassou na Espanha, em meados e fins do mês passado, e que são os seguintes: invasão brusca, com catarro das vias aéreas superiores, temperatura em regra muito alta, prostração e por vezes perturbações digestivas. É raro durar mais de três dias, mas a convalescença pode prolongar-se por uma semana (A EPIDEMIA. A Província, Recife, 06 out. 1918, ano XLI, n. 275, p. 1).

É certo que, nos dois últimos dias, a moléstia se tem propagado em toda a cidade, especialmente nos estabelecimentos de vida coletiva, fábricas, quartéis, repartições públicas, escritórios, armazéns, etc. Assim diversas casas comerciais estiveram ontem fechadas por terem adoecido todos os seus auxiliares: a “Pernambuco Tramways” lutou com dificuldade para atender ao seu tráfego, tendo utilizado no serviço de bonde pessoal de todas as seções; o mesmo acontece na “Great Western”, na repartição de Higiene e Assistência, Saneamento e Obras Públicas; nas Docas do Porto, no Correio, nos Telégrafos, nas fábricas, padarias, etc., em todos os serviços que dependem de pessoal mais ou menos numeroso (A INFLUENZA HESPANHOLA. Diário de Pernambuco, Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277, p.1. FUNDAJ).

O jornal Diário de Pernambuco se colocava ao lado do governo, passando para a sociedade que a Gripe era a mesma que nos visitava todos os anos, apontava a mudança do cotidiano do Recife que começa a parar em decorrência da doença. Fica muito claro que o jornal entra em contradição ao afirmar que a Gripe seria a mesma, pois, em outros anos, o Recife não parava dessa forma como no início de outubro de 1918. O quadro epidêmico estava instalado, e o que faltava era saber qual Gripe se acomodava na cidade. Se a que visitava a cidade todos os anos ou uma nova moléstia:

⁶⁷ A EPIDEMIA. A **Província**, Recife, 06 out. 1918, ano XLI, n. 275, p.1. FUNDAJ.

⁶⁸ *Ibidem*.

É certo que, nos dois últimos dias, a moléstia se tem propagado em toda a cidade, especialmente nos estabelecimentos de vida coletiva, fábricas, quartéis, repartições públicas, escritórios, armazéns, etc. Assim diversas casas comerciais estiveram ontem fechadas por terem adoecido todos os seus auxiliares: a “Pernambuco Tramways” lutou com dificuldade para atender ao seu tráfego, tendo utilizado no serviço de bonde pessoal de todas as seções; o mesmo acontece na “Great Western”, na repartição de Higiene e Assistência, Saneamento e Obras Públicas; nas Docas do Porto, no Correio, nos Telégrafos, nas fábricas, padarias, etc., em todos os serviços que dependem de pessoal mais ou menos numeroso. (A INFLUENZA Hespânica. Diário de Pernambuco, Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277, p.1. FUNDAJ).

O movimento nas farmácias aumentara consideravelmente, e as pessoas chegavam constantemente com várias receitas, perdidas dentro de uma cidade que começava a entrar em caos. Algumas das farmácias não abriram por falta de funcionários que adoeceram com a Gripe, colocando-se na mesma situação das empresas citadas acima, inclusive o próprio jornal que escreve: “O “Diário de Pernambuco” avisa aos seus leitores que, estando atacados da influenza quase todos os seus auxiliares, o serviço da folha começa de hoje a ressentir-se de grandes falhas.”⁶⁹

Diz o Diário que, apesar desses fatos, o periódico estava se dedicando ao máximo para não deixar seus leitores sem informações, salientando que, entre seus vendedores, 30 se encontravam enfermos com a Gripe. É apontada a queda do movimento de pessoas no centro do Recife, comentando o jornal que as pessoas, mesmo sabendo que a Gripe era benigna, estavam se retraindo para evitar o contato com doentes. As casas de diversões e os cafés tiveram seu movimento diminuído. Mesmo assim, com sua postura de situação governista, o Diário noticia a Gripe como estando em sua fase de declínio, colocando que a situação da moléstia estava a diminuir.

As escolas suspenderam suas atividades primárias e secundárias até que a gripe chegasse ao fim. Ainda sem definição sobre qual era precisamente a moléstia gripal, o calendário da semana eucarística oficial da Matriz da Boa Vista no centro do Recife foi transferido para o dia 13 do mês corrente, em virtude, a epidemia da Gripe com o objetivo de evitar aglomerações. No Hospital Português, seu provedor mandou transformar os salões nobres e outras dependências em enfermarias, para atender doentes e mandou chamar os médicos substitutos para ocuparem seus postos em virtude a insuficiência dos efetivos.

A Diretoria de Saúde começa a colocar à disposição médicos para atender pessoas enfermas com a gripe, mostrando dessa forma a crença na presença da Gripe espanhola em terras pernambucanas, onde o Estado, de acordo com os acontecimentos, passa a colocar em

⁶⁹ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277, p.1. FUNDAJ.

evidência as duas formas da doença, a conhecida Gripe comum e a Espanhola, porque a segunda ataca com mais força e é letal.

Em uma ação de prevenção fez “O diretor do Hospital Pedro II comunicou-nos que se acham suspensas as visitas públicas a todos os hospitais a cargo da Santa Casa de Misericórdia enquanto durar a influenza espanhola.”⁷⁰ A situação rapidamente se faz mudar a forma como a própria imprensa governista começa a se colocar em decorrência da epidemia que atinge o Recife, no início do mês de outubro de 1918.

Comparando governos o jornal A Província noticia: “E como não é possível, na atual administração, falar, sem comparar, vem à tona os nomes de Dantas Barreto e Gouveia de Barros, como uma glória daquela época e uma garantia de que outra seria a situação, se eles estivessem, porventura, à frente do serviço público.”⁷¹ Posicionando-se como aliado político de Dantas Barreto em oposição ao Governo de Manoel Borba, o jornal A Província mais uma vez endurece o discurso de oposição à forma como a Direção de Higiene se coloca diante de uma situação de emergência. Uma das críticas mais fortes ao aparelho de saúde do Estado era esse não admitir que a moléstia que se instalava na capital pernambucana não fosse a temida Gripe Espanhola e sim A Gripe comum que a sociedade já conhecia.

A atitude do Estado, talvez fosse pelo fato de não saber como lidar com esse tipo de doença e não ter uma estrutura de Saúde Pública que atendesse os anseios de uma população que adoecia e ficava à mercê de uma resposta ou orientação de combate ao problema em questão pelas autoridades “competentes”. “Possuímos uma Higiene que, diante de uma epidemia, não tomou uma providência, não deu um passo, não aconselhou um remédio! É uma inutilidade absoluta”!⁷² Completa o noticiário da Província.

As contradições quanto às informações são diversas no que se refere à moléstia da Gripe, porém as medidas tomadas por instituições fora da Ordem médica do Estado faz esse trabalho construir uma ideia do que estava acontecendo em Recife, no início na epidemia da Espanhola, como é informado nos primeiros dias de outubro. Instituições como a Igreja Católica e os estabelecimentos educacionais, como foi o caso da Matriz da Boa Vista e do Lyceu de Artes e Ofício, que suspendem suas atividades em virtude do surto epidêmico da Gripe. Sobre essa mudança no cotidiano da cidade do Recife é observado que essa situação também se repetiu em outras capitais brasileiras, que entraram no ritmo da “bailarina espanhola”, a Gripe:

⁷⁰ A INFLUENZA Hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 09 out. 1918, ano 94, n. 278, p.3. FUNDAJ.

⁷¹ A EPIDEMIA. **A Província**. Recife, 07 out. 1918, ano XLI, n. 276, p.1. FUNDAJ.

⁷² *Ibidem*, n. 276, p.1. FUNDAJ.

Assim, ao retratar o cotidiano da peste, o primeiro fato que se observa refere-se a uma atitude ambígua da população diante dos primeiros casos de infecção. Ao mesmo tempo em que se iniciava uma verdadeira corrida às farmácias em busca de drogas protetoras, havia uma forte descrença de que a enfermidade perdurasse em São Paulo e, mesmo que isso acontecesse, muitos julgavam que não passaria de um resfriado coletivo sem maiores consequências. Dessas percepções contraditórias sobre o futuro flagelo, um sentimento repleto de dúvidas apoderava-se da população (FILHO, 2003, p. 212).

A situação ainda era de descrença por muitos não só no Recife onde no espaço dessa pesquisa as informações encontradas foram diversas, mas também em São Paulo, apontada no trabalho de Claudio Bertolli Filho.⁷³ O cotidiano dessas urbes é modificado radicalmente, farmácias têm seus movimentos acrescidos devido à procura de forma intensa por medicamentos. No Recife as mudanças no contexto social serão notadamente pelo aumento gradativo de pessoas enfermas, provocando dessa maneira um número grande de faltosos nos estabelecimentos comerciais da cidade e paralisando grande parte da mobilidade urbana e dos seus serviços públicos, como já apontados: escolas, igrejas e outros órgãos públicos e estabelecimentos privados. Nas leituras desse trabalho, essa situação faz alterações no cotidiano das cidades, de maneira quase que igual entre as unidades federativas brasileiras, fato que leva a crer que essa moléstia teve sua ação simultânea, quando atingi os espaços urbanizados do Brasil.

2.4 A SAÚDE E A QUESTÃO SANITÁRIA: MUDANÇAS E NOVAS CONCEPÇÕES DO PODER MÉDICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL

A conceituação por parte do Estado, de saúde e de doença está intimamente ligada à economia e à política, em suas particularidades socioculturais que perpassam valores individuais, lugares, tempo, concepções religiosas, científicas e filosóficas. Foi no início do século XX que a política de saúde no Brasil começa a ganhar contornos próprios, pois os primeiros anos desse século foram de um forte crescimento na economia, mas também de crise em decorrência de surtos epidêmicos que assolaram o país, como o da Gripe Espanhola em 1918. Tais surtos fizeram com que vários navios estrangeiros evitassem atracar em portos brasileiros, observando-se uma preocupação internacional com a saúde. Por conseguinte, o poder público nacional procura dar uma maior atenção à saúde sanitária desses espaços, sendo que o de Recife, como já foi citado, teve suas obras de reforma iniciadas em 1905.

⁷³ FILHO, Claudio Bertolli. **A gripe Espanhola em São Paulo, 1918: Epidemia e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

A falta de uma maior atenção em função de investimentos na saúde pública fez gerar como consequência a vulnerabilidade das cidades brasileiras às epidemias. Moléstias como a febre amarela, varíola, malária, cólera, peste e gripe assolaram a população e causaram conturbações na sociedade brasileira, sendo os trabalhadores pertencentes à classe baixa os mais vulneráveis a essa situação de calamidade. Observando que a questão operária estava associada a esse repensar sobre a saúde do trabalhador. Em que o aumento no número de embarcações nos portos, com as relações internacionais, faz colocar em evidência a necessidade de se repensar a questão das doenças e a saúde pública.

No governo de Rodrigues Alves, então presidente do Brasil, em seu primeiro mandato de 1902-1906, é colocado em prática um sistema de campanha, que seria uma intervenção na saúde coletiva através do uso da força e da autoridade para procurar dar conta da epidemia de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, causando dessa forma a Revolta da Vacina. A população rejeitava as práticas médicas, onde fazia o Estado o uso de excesso de força para implantar suas ações médicas perante a sociedade.

Para comandar a execução dessa campanha, nomeou-se como então Diretor do Departamento Federal de Saúde Pública o médico Oswaldo Cruz. Esse sistema tratava de forma brusca a população pobre dos cortiços, que era vista como um dos maiores causadores do alastramento das epidemias pela escassez de saneamento nos seus espaços de habitações. Em consequência disso, seus pertences, como colchões e roupas, eram queimados no intuito de acabar com focos de doenças:

Oswaldo Cruz tem lugar reservado na história da saúde brasileira, além de ter sido cientista, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista, também foi pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil, organizou a diretoria geral de saúde pública criando entre outros, um serviço de engenharia sanitária e de profilaxia de febre amarela (CARVALHO, 2012, p. 187).

Tempos depois foi substituído Oswaldo Cruz, em 1917, após sua morte, pelo médico Carlos Chagas⁷⁴, que procurou dar continuidade ao seu trabalho, colocando em prática a expansão das atividades de saneamento para outros espaços urbanizados fora do Rio de Janeiro como foi o caso da Recife. Além disso, o citado sanitarista criou também a primeira escola de Enfermagem Anna Nery em 1923 no Rio de Janeiro:

⁷⁴ Consegue restaurar o Departamento Nacional de Saúde que até então era ligado por incrível que pareça ao Ministério da Justiça, isso em 1920.

A Escola de Enfermagem Anna Nery/EEAN da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, primeira Escola de Enfermagem no Brasil, surgiu no contexto do movimento sanitário brasileiro do início do século XX, sendo criada pelo Decreto nº 16.300 de 31 de dezembro de 1923, como Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, denominada Escola de Enfermeiras D. Ana Néri, pelo Decreto nº 17.268 de 31 de março de 1926, implantando a carreira de Enfermagem – modelo “Nightingale”⁷⁵ – em nível nacional.⁷⁶

Segundo Ária Maria Carvalho⁷⁷ é nas primeiras décadas do século XX, em meio aos esboços de conquistas de direitos sociais, que políticas de saúde e previdência social têm suas histórias entrelaçadas. Foi também nesse momento da história brasileira que modelos arquitetônicos e de higienização etc., vindos dos países da Europa contribuíram para dar início ao processo de industrialização do Brasil, provocando dessa forma a chegada de mão de obra especializada de trabalhadores de indústrias do exterior.

Esses trabalhadores desembarcavam, no país, inclusive com experiências em movimentos operários, o que conseqüentemente, ajudará na formação de uma consciência de classe que se converteu em conquistas de direitos sociais no Brasil. Esses direitos eram ainda desconhecidos pelos que formavam os grupos menos abastados. “O movimento operário foi, sem dúvida, o ponto de partida para a construção das políticas públicas de saúde no Brasil”. (CARVALHO, 2012, p. 189).

O poder médico no Brasil no início do Século XX foi formado por instituições ligadas a saúde, tendo vínculos com uma organização disciplinar, uma forma de conservação e recuperação dos corpos em relação ao trabalho. Esse controle é direcionado prioritária e majoritariamente às classes dos trabalhadores que faziam formar o operariado brasileiro, e teve por objetivo maior manter a disciplina dentro das relações sociais existentes, com a preocupação da classe burguesa industrial em manter seu proletário com saúde para não perder força de produção. “Entendemos por efeito especificamente político o efeito de controle que exercem os planos, programas e políticas de saúde sobre as classes e grupos sociais subordinados” (LUZ, 1979, p. 52).

Uma das exigências das classes que estão no poder junto ao Estado é a contenção da doença, porque as epidemias são colocadas como um obstáculo ao desenvolvimento da economia, uma constante ameaça física que obrigatoriamente precisa ser afastada. As

⁷⁵ NIGHTINGALE, Florence (1820-1910) é considerada a fundadora da enfermagem moderna, inglesa que viveu na época Vitoriana na Inglaterra.

⁷⁶ **Texto retirado do Discurso da Diretora da EEAN, Profa. Dra. Maria Antonieta Rubio Tyrrell, por ocasião da celebração dos 80 Anos, em 19/02/2003.** www.eean.ufrj.br/sobre/sobre.htm

⁷⁷ CARVALHO, Ária Maria. A história das Políticas de Saúde no Brasil: 512 anos Vivos na Memória. In: **História da Saúde e da Doença.** Antônio Emilio Morga (org.). Itajaí: Casa Aberta Editora, 2012, p. 189.

epidemias atacavam principalmente espaços habitados pelos trabalhadores devido às péssimas condições que esses ofereciam, provocando dessa forma a falta ao trabalho e, de uma maneira mais drástica, a morte dessas pessoas:

Entretanto, até a década de 20 não se observa uma clara definição de política de saúde por parte do Estado. Verifica-se a preocupação com uma ou outra enfermidade, principalmente, embora não exclusivamente, com aquelas que atingem a própria capital federal, do que são exemplos a febre amarela, a gripe espanhola no início do século e os surtos epidêmicos dos anos de 1928 e 1929, que mobilizaram os setores governamentais visando ao seu controle. Sintomática preocupação, esta que procura resguardar da doença a sede de poder do Estado (LUZ, 1979, p. 56).

Procura o Estado fazer ampliar seu poder de interferência com projetos de higienização da população, no entanto após as primeiras conquistas médicas no controle de doenças, a medicina brasileira consegue expandir seu espaço de atuação, organiza o Departamento Nacional de Saúde Pública, procurando atuar em áreas do saneamento rural e urbano com a finalidade de combater endemias e fazer evitar epidemias. O Departamento também atua na higiene da indústria e nos serviços de maternidade, além de combater as endemias em zonas rurais do país. “Política de saúde é a forma histórica mais ou menos explícita como o Estado conduz o problema das condições sanitárias da população” (LUZ, 1979, p. 62).

Para Foucault o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. Ele afirma que o corpo é uma realidade biopolítica e que a medicina é uma construção de estratégia biopolítica por meio da qual as classes hegemônicas, que detêm do poder político junto ao Estado, fazem das ações médicas uma forma de controle da classe trabalhadora.⁷⁸

O quadro do crescimento populacional tornou necessário o fortalecimento de um poder político capaz de esquadrihar esta população urbana, pois ainda havia muita resistência aos médicos por parte da sociedade, colocando-a ou tentando colocá-la em sintonia com a ordem vigente, sendo a autoridade médica um instrumento de ação, de legitimação de poder dos que formavam o Estado em sua representação política, que de comumente era representado pela elite. Mesmo com todas as práticas médicas, ainda existia muita resistência aos médicos pela sociedade. Foucault chama de nascimento do medo urbano, como consequência da aglomeração de pessoas na formação de uma massa de trabalhadores nos grandes centros urbanos:

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**: o nascimento da medicina social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Nasce o que chamarei de medo urbano, medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosas e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar (FOUCAULT, 1979, p. 87).

O medo apontado do por Foucault é refletido no aparelho de Estado onde coloca em prática através de autoridades sanitárias, um projeto urbanístico voltado para os interesses de classes abastadas, fazendo construir na sociedade brasileira uma reforma urbana de exclusão social, como ocorreu em Recife, onde a questão da saúde esteve também à frente atividades sanitárias e de higienização, utilizadas para dar conta dos espaços excludentes, de habitações insalubres que eram alvos, dessas ações médicas higienistas.

A medicina urbana e suas ações no Brasil do início do século XX foram impostas como métodos de vigilância, através de atividades sanitárias em uma higiene pública, principalmente em lugares de habitações precárias, vistos como os principais responsáveis pela difusão de fenômenos endêmicos ou epidêmicos como já fora dito. Porém tinha como principal objetivo o Estado não sanear os lares e sim os centros urbanos, fazendo sobre pressão a população considerada insalubre migrar para outros espaços físicos.

Pois “Uma política nacional de saúde pública no Brasil foi possível e viável a partir do encontro da consciência das elites com seus interesses, e suas bases foram estabelecidas a partir de uma negociação entre os estados e o poder central, tendo o federalismo como moldura político-institucional” (HOCHMAN, 2012, p. 17). Segundo Hochman⁷⁹, promovido pelo movimento sanitarista, que busca definir, entre 1910 e 1920, uma ligação entre as cidades e o sertão, entre o Brasil urbano e o rural, em relação à questão da saúde pública, visto como sendo o principal problema nacional.

As novas concepções médicas que serão construídas no Brasil estarão entrelaçadas com a estrutura de um aparelho de Estado controlado por uma elite que se apresenta como salvadora através de um projeto ligado sempre à questão sanitária em virtude do crescimento da necessidade de implantação de uma higiene na esfera pública, que atendesse aos anseios do crescimento das cidades em decorrência do próprio desenvolvimento urbano em diálogo com o avanço industrial, era um problema internacional ligado a uma postura eurocêntrica.

Era preciso sanear o país de tudo que representasse o atraso, neste contexto inserem-se também as práticas populares de cura praticada principalmente pela população pobre. “A

⁷⁹ HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**. São Paulo: Hucitec, 2012.

higienização das cidades, estratégia do Estado moderno, esbarrava frequentemente nos hábitos e condutas que repetiam a tradição familiar e levavam os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do Governo” (COSTA, 1989, p. 30).

Os trabalhos médicos sobre a higiene mostram como, no nível do saber, essa troca de favores entre medicina e Estado foi teorizada. Um mesmo eixo lógico orientava todos eles. De início, o fenômeno físico, cultural ou emocional era aspirado e convertido em fato médico e, em seguida, rejeitado no tecido social conforme a articulação prevista. Dessa forma, o repertório de sentimentos e conduta antes administrado pela família era encampado pela medicina e, através dela, devolvido ao controle estatal (COSTA, 1989, p. 64).

Essa organização médica brasileira teve sua base de sustentação no início do século XX na questão da higiene pública, com a introdução de medidas ligadas á arrumação de espaços urbanizados, e fez valer seu poder junto ao Estado, procurando intervir na mudança de hábitos de uma população sem formação educacional no que toca à higiene, e, ao mesmo tempo, impor condutas de comportamento na construção das relações definidas pelo poder público, para com isso fazer prevenir o aparecimento de doenças nesses grupos sociais. Salientando que mesmo com essas ações colocadas em prática pela organização médica brasileira não existia uma consolidação e reconhecimento de um poder médico brasileiro perante a sociedade.

Fica evidente que as medidas estatais de ordem sanitária são direcionadas também para as demais classes, porém ficando claro que a fiscalização e as imposições dessa ordem são bem mais duras e constantes aos que formavam a classe baixa da sociedade brasileira, o povo, até pelo fato de o Estado ter como representantes no governo pessoas ligadas a classes elitizadas.

Dessa forma a autoridade médica do Estado encontra resistências para a aceitação de uma disciplina ligada a questões de higiene, em que essa procurou criar ações como foi o caso do Rio de Janeiro nas campanhas para acabar com a varíola e a febre amarela. Essas se apresentaram como medidas violentas, com as interferências do governo em espaços privados de uma população pobre que se rebela contra o aparelho médico e policial do Estado. E sobre os favorecidos economicamente, a história não deu conta de seu comportamento frente à obrigatoriedade da vacina, ficando a imaginar que certamente se esquivaram da vacina contra a varíola. Sendo esse método de vacinação questionável se realmente era para o benefício dos pobres, considerados pela elite os insalubres, em um momento em que a medicina era colocada em xeque.

É preciso lembrar que essas medidas eram realizadas em uma ação conjunta da polícia com higienistas, pois, no Brasil no início do século XX, o ministério da Justiça assumia também as questões da saúde. Ficando a ideia que a questão da saúde no Brasil nessa época era um caso de polícia, a qual impunha suas determinações para o controle e combate as endemias e principalmente as epidemias.

Em Pernambuco de 1918, Octávio de Freitas⁸⁰ quando assume o cargo de Diretor de Higiene e Saúde Pública, imediatamente reforça a medida de proibir a aglomeração de pessoas no centro do Recife como forma de evitar a proliferação da Gripe. Porém, esse não trata com violência a população como foi o caso do Rio de Janeiro na Revolta da vacina⁸¹. Tem Octávio de Freitas em seu apoio uma estrutura policial para conseguir impor medidas de ordem médica, mas não precisando ele usar de violência para isso, salientando que contrário ao Rio de Janeiro em Recife não existiu uma campanha de vacinação obrigatória, até pelo fato de não existir uma vacina na época para o enfrentamento da Gripe Espanhola.

O processo de intervenção do Estado no território nacional ganha força com arguição mais contundente das políticas públicas de saúde na Primeira República, com o fortalecimento da autoridade sanitária, não observando de imediato à sociedade os benefícios com regularização estatal da saúde pública. Como resultado disso, passa a ter o Estado um aumento na sua capacidade coercitiva na penetração da infraestrutura dos centros urbanos de quase todo o território nacional. Houve sim um crescimento de uma consciência entre os grupos que estavam no poder, representando a elite da sociedade brasileira em relação aos problemas de ordem médica e sanitária da nação.

Era preciso assumir uma responsabilidade maior pela saúde de uma população e da própria salubridade do território brasileiro, fazendo crescer as atividades do poder público em saneamento direcionado à saúde sobre todo o território nacional, tanto no âmbito Federal como no Estadual. Colocando nesse contexto as práticas de cura, consideradas atrasadas pelos que formavam a Ordem médica em formação. “A era do saneamento não significou a solução de todos os complexos problemas de saúde pública, mas legou uma infraestrutura estatal, com a autoridade sanitária presente em grande parte do território brasileiro” (HOCHMAN, 2012, p. 41).

⁸⁰ Médico Sanitarista e grande nome da medicina de Pernambuco e do Brasil no início do século XX, sendo uma figura importante no saneamento da Epidemia de Gripe Espanhola no Recife de 1918.

⁸¹ Movimento ocorrido no Rio de Janeiro no início do Brasil republicano. Ver: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.

No caminho da historicidade do sanitarismo no Brasil, é preciso fazer valer uma narrativa onde devemos historicizar vários personagens que ajudaram essa construção, como os grupos de médicos, cientistas, funcionários dos serviços sanitários e intelectuais de uma forma geral. Esses atores socialmente emergentes em um contexto epidemiológico difundem socialmente a importância para a sociedade que a ordem médica tivera para sanar os problemas de saúde pública.

Foi nesse contexto que a medicina no Brasil ganha campo de atuação no combate às várias epidemias que atingem o país no início do século XX, quando foi realizado um trabalho de atuação de um fortalecimento na ordem médica, em que o médico e pessoas ligadas a essa ordem ganham um papel de destaque na sociedade brasileira.

Há no movimento de reforma sanitária no Brasil uma presença marcante do médico que se fortalece como representação de poder na condição administrativa do Estado, essa presença do médico servia para combater as práticas⁸² populares ditas como atrasadas, em que o crescimento populacional, no início do século XX, nos principais centros urbanos, acarretado pelos processos de industrializações, fez aparecer um dos principais elos da sociedade brasileira, a doença, em especial quando essa se apresentava a sociedade sob a forma de epidemia.

Seria uma maneira de socializar um problema; mesmo de uma forma negativa, uma epidemia significava a mudança de comportamento nas relações entre as pessoas e o Estado, que se apresentava como instrumento ideal no saneamento do problema epidêmico, fortalecendo sua ordem médica representada como já fora colocada pela classe alta da sociedade brasileira. A epidemia obriga o repensar e o reordenamento das práticas no cotidiano da sociedade.

No Recife, o saneamento ganha uma nova orientação na primeira metade do século XX quando o médico sanitarista Octávio de Freitas, substituindo o Dr. Abelardo Baltar, que morre vitimado pela Gripe Espanhola, assume a Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado. Dando Octávio de Freitas continuidade ao seu antecessor no enfrentamento à epidemia e implantando outras políticas sanitárias entre 1918 e 1919.

⁸² Essas práticas eram de Curas, onde era comum na sociedade brasileira da época, colocadas em ação pelas curandeiras e curandeiros.

3 UM RECIFE DOENTE: A GRIPE ESPANHOLA

A epidemia de gripe de 1918 é um dos maiores enigmas da história, apagada da memória dos historiadores que tradicionalmente ignoram a ciência e a tecnologia, mas na maioria das vezes, não ignoram as pragas.⁸³

3.1 FRAGMENTOS DE UMA EPIDEMIA: A GRIPE ESPANHOLA NO RECIFE DE 1918

Quando aqui no Recife desembarcaram os primeiros doentes da Gripe Espanhola foram levados ao antigo Hospital Santa Águeda, hoje já extinto. “Até então a doença não era vista a sério, os jornais de oposição ao governo, como o ‘Jornal Pequeno’ e ‘A Província’, denunciavam a epidemia, o Diário de Pernambuco, situacionista negava-se.”⁸⁴ Sobre as divergências e contradições no que se refere às posições políticas em decorrência a existência da Gripe, e ao mesmo tempo sobre a sua gravidade ou não dessa no final de setembro do ano de 1918 no Recife, já foram feitos esses apontamentos.

Em um Recife que adoecia “A epidemia indiferente às desavenças provincianas, expandia-se, os bondes circulavam em menor número, a liga de futebol suspendeu o campeonato e o comércio passou a fechar por falta de funcionários.”⁸⁵ Mesmo sem reconhecer um surto de epidemia em terras recifense o então Diretor de Higiene Dr. Abelardo Baltar, fez propor em reunião no Palácio do Governo um esquema de quarentena, as embarcações proveniente de regiões⁸⁶ que estavam afetadas com a Gripe, sendo uma forma de prevenção em relação á moléstia. A posição do Governo foi de imediato não aceitar a então proposta devido aos interesses comerciais envolvidos, mas concordou com outra, a proibição de aglomerações de pessoas no centro da cidade do Recife:

Em oito de outubro, em nota oficial, finalmente a Diretoria de Higiene reconheceu a situação epidêmica de Influenza “A epidemia que ora salteia é evidentemente a gripe o Influenza”. Não a gripe no sentido de defluxo ou constipação, mas a gripe verdadeira, a mesma de 1890(...). Os médicos tem instrução para fornecer aos miseráveis, além de receitas, os medicamentos necessários (...). Quanto a medidas e conselhos ao público para evitar a contaminação, a Diretoria de Higiene até hoje se absteve de publicar qualquer aviso neste sentido, certa de ante mão, da ineficácia e no caso não há medida especial a lembrar. Temos apenas a recomendar ao público que se acautele do contacto com os doentes. É também de bom alvitre que não frequentem lugares de grandes ajuntamentos, máxime em recintos fechados (...) (DINIZ, 1994, p. 75-76).

⁸³ KOLATA, Gina. **Gripe: A História da Pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁸⁴ DINIZ, Luiz Carlos. **A História do Hospital de Santa Águeda**. Recife: Avellar Gráfica e Editora, 1994, p. 75.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ As regiões que estavam atacadas com a Gripe Espanhola em destaque eram; Europa, América do Norte e África.

O Governo através de seu poder médico reconhece a situação de epidemia na cidade fazendo menção ao quadro epidêmico que se estalava no Recife, e procurando passar recomendações para a sociedade como evitar aglomerações nos espaços públicos.

O problema da moléstia gripal faz aparecer uma prática de abuso por comerciantes de gêneros alimentícios, onde preços de mercadorias que eram vistas pela população como necessárias ao combate a epidemia, produtos como o leite, a carne e o limão tivessem seus preços aumentados pela crescente procura a esses. Isso fez com que medidas fossem tomadas pelo poder público: “conseguiu por meio de fiscalização efetiva diminuir os preços dos gêneros alimentícios, em especial a carne e o leite”.⁸⁷

Com o passar dos dias mais pessoas caíam enfermas em decorrência da Gripe, e para piorar o problema social no Recife de uma forma muito rápida pessoas começaram a padecer em óbito. Até as Freiras que eram responsáveis pelo atendimento no Hospital de Santa Águeda, tido como hospital de referencia no período da epidemia estava sendo acometidas pela moléstia.

“A epidemia não levou em consideração os pedidos do Arcebispo e prosseguiu implacável, causando só no dia 13 de outubro, 470 óbitos, entre eles o próprio Diretor de Higiene, o Dr. Abelardo Baltar, jovem mártir de 34 anos.”⁸⁸ Com sua morte foi nomeado como novo Diretor de Higiene o médico sanitarista Octávio de Freitas nome esse que se destacará no enfrentamento da Gripe Espanhola, assunto esse que será abordado mais a frente desse trabalho.

Fez o Arcebispo do Recife Dom Sebastião Leme no dia 12 de outubro uma promessa a São Sebastião em nome do povo do Recife, onde pedia que quando a peste da Gripe acabasse que fosse celebrada uma missa de ação de graças em todas as igrejas da cidade do Recife, sendo essa notícia publicada pelo então secretário do Arcebispo, o monsenhor Freitas Machado.

A situação era de caos em um Recife que continuava a adoecer pela moléstia da Espanhola, ficando as autoridades em uma condição de não saber o que fazer frente a uma inimiga invisível e letal, a cidade rapidamente começa a parar, as pessoas em desespero, o cotidiano dos cidadãos muda radicalmente em função da epidemia que reinava e começava a matar.

⁸⁷ DINIZ, Luiz Carlos. **A História do Hospital de Santa Águeda**. Recife: Avellar Gráfica e Editora, 1994, p. 77.

⁸⁸ *Ibidem*, 1994, p. 76.

Perdura no espírito público uma atmosfera de inquietação pela rapidez como se vai alastrando a “influenza”. E esse natural receio fica evidenciado pelo diminuto movimento nas ruas, nos cinemas, cafés, finalmente em todos os estabelecimentos comerciais, muitos dos quais se fecharam por terem todos os empregados doentes. Nas estações Central, do Brum e das Cinco Pontas não se observa mais aquele movimento de passageiros que os trens de Rio Branco, Paraíba e Alagoas despejavam. É justificável que isso aconteça pois algumas das pessoas desses estados que têm chegado a esta capital afim de tratar de negócios têm sido atacadas pela “influenza”, de forma a produzir má impressão nos mesmos estados. As ruas, da primeira casa até a última, estão cheias de doentes, havendo certas famílias cujas pessoas estão atacadas da “influenza” (A “INFLUENZA”. A Província, Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p.1-2. FUNDAJ).

O Recife se transformava rapidamente diante de uma situação de calamidade pública, o movimento na cidade era obrigado a dar espaço ao vazio, a gravidade do problema podia ser medida pelo fechamento de estabelecimentos provocado pela peste que não parava de atacar. Um exemplo de caos e pânico que passava o comércio da cidade foi o armazém de ferragens Affonso de Albuquerque e Cia, que se coloca como a primeira casa comercial do bairro do Recife a ter seu fechamento anunciado.

Os noticiários do jornal A Província continuava enfatizando os acontecimentos que ocorriam na cidade do Recife produzidos pela epidemia da Gripe Espanhola: “Ocorreu anteontem um caso fatal, a Rua de São Jorge”. O Sr. Manoel Joaquim da Motta, aí residente, faleceu de “influenza”.⁸⁹

Mortes como a do Sr. Manoel Joaquim traduzia um contexto caótico produzido pela doença na urbe recifense, esses fatos ajudavam a construir uma ideia que o Recife se transformava em um cenário de horror pelo número crescente de acometidos pela doença, pois estabelecimentos educacionais públicos e privados chegaram a ter 70% de sua frequência de alunos reduzida, pelo fato de muitos estarem enfermos com a moléstia, e pelo medo do contágio deixando de ir à escola, fazendo com que esses não saíssem de suas casas, orientados por seus responsáveis, como exemplo o colégio Ginásio Pernambucano que teve sua frequência diminuída constantemente durante a epidemia.

Os bairros da Torre, Encruzilhada e Afogados foram bastante atingidos pela Gripe, entre outros espaços recifenses, fazendo dessa forma a Diretoria de Higiene descentralizar o atendimento médicos para os que se encontravam acamados. O subúrbio da Encruzilhada, por exemplo, foi um dos que mais sofreram com a epidemia, tendo sua população formada quase toda por famílias pobres, sendo assistido por quatro farmácias onde o custo dos remédios era alto:

⁸⁹ A “INFLUENZA”. A **Província**. Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p.1-2.

A Diretoria de Higiene enviou-nos ontem o seguinte: A partir de hoje, as pessoas que precisarem de socorros médicos, por motivo de “influenza”, basta que deixem seus nomes e residências na secretaria da Diretoria de Higiene, que funcionará até as 20 horas, para que recebam em casa visitas médicas, sendo-lhes aconselhados e distribuídos os necessários medicamentos. As indicações de nomes e residências poderão ser dadas por telefone, para o número 923 (novecentos e vinte e três). Por determinação da Diretoria de Higiene ficarão de plantão nesta semana, durante à noite, as seguintes farmácias: Dia 8 – Farmácia Ricord, na rua Larga do Rosário. Dia 9 – Farmácia Pernambucana, na rua Larga do Rosário. Dia 10 – Farmácia São Paulo, na rua Larga do Rosário. Dia 11 – Farmácia Marques, na rua Duque de Caxias. Dia 12 – Farmácia Simões Barbosa, na rua Primeiro de Março (A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p. 1).

Observou-se que os estabelecimentos de apoio aos doentes eram localizados no centro da cidade do Recife, dificultando o acesso das pessoas que moravam em bairros distantes do centro, como os citados a cima. Principalmente pelo motivo da companhia “Pernambuco Tramways” responsável pelo transporte urbano estivera com dificuldades de manter em funcionamento seus serviços, por motivo de enfermidade de seus funcionários em virtude da Gripe. Fazendo o Departamento de Higiene do Estado, descentralizar o atendimento aos enfermos, levando a assistência para essas pessoas para os bairros.

Em um total de 159 empregados da Tramways que se encontravam enfermos com a Gripe, 52 eram motorneiros, 70 condutores, 33 entre inspetores e fiscais e outros 4 que trabalhavam no setor de burocracia da empresa. Informando a empresa o falecimento de três motorneiros, entre eles a pessoa de Manoel Mendes.⁹⁰

Oferecia a companhia Pernambuco Tramways uma gratificação a cada motorneiro⁹¹ e condutor que conseguisse trabalhar mais de quinze horas por dia, para compensar a falta dos doentes. Passando essa mesma empresa a ofertar um prêmio especial aos motorneiros que conseguissem trabalhar um total de 180 horas no período de quinze dias. A comunicação da cidade do Recife foi também prejudicada em função dos carteiros dos correios estarem quase todos acometidos pela Gripe, fazendo dessa forma os serventes dessa repartição tentar dar conta da distribuição das correspondências. Também sofrera com a Influenza a empresa responsável pelos telegramas em Pernambuco em 1918: “A Wester Telegraph Company Limited, avisa ao público, que devido à falta de pessoal na maior parte acometido da epidemia ora reinante, não fará entrega dos telegramas particulares que chegarem além das 18 horas, sendo feita à distribuição no dia seguinte pela manhã.”⁹²

⁹⁰ A “INFLUENZA”. **A Província**, Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2. FUNDAJ.

⁹¹ O motorneiro era a pessoa que dirigia o Bonde elétrico.

⁹² A Wester Telegraph Company Limited era a empresa responsável pelos telegramas em Pernambuco no ano da epidemia da Gripe Espanhola. Ver: A INFLUENZA Espanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p.2. FUNDAJ.

A condição de calamidade pública faz pessoas em alguns estabelecimentos quererem tirar proveito da situação faltando a seus serviços, fazendo algumas instituições a tomarem medidas de ordem como foi o caso do comandante da Força Pública do Estado que determinou que todos praças adoentados de Gripe, teriam que se apresentar aos seus comandantes dos batalhões em que trabalhavam para que fossem submetidos a exames dos médicos desses, e que deveriam ser excluídos os que desobedecessem a essa determinação.

No dia 08 de outubro o Hospital Pedro II através de seu Diretor de serviços sanitários, o Dr. Pedro Jordão resolve suspender as visitas a esse Hospital até que fosse sanada a questão da Gripe. Os números de pessoas grassadas pela Gripe não paravam de crescer em uma cidade que obrigatoriamente se paralisava, que adoecia com a Influenza onde essa se apresentava como nunca se viu, rápida, perigosa e letal.

O jornal Diário de Pernambuco mesmo na postura de apoio ao governo não consegue mais noticiar a Gripe como uma situação simples de uma doença sem ameaças ao povo recifense: “A diretoria do Jockey Club em virtude de se acharem atacados de influenza alguns de seus membros, diversos empregados, proprietários e jockeys, resolveu suspender as corridas até ulterior deliberação”.⁹³ A presença da Gripe era uma situação generalizada no Recife no mês de outubro de 1918, em que o próprio comportamento dos estabelecimentos da cidade em fazer fechar suas portas era uma denúncia da calamidade que atravessava a cidade.

Mesmo com todos esses fatos ocorrendo na capital pernambucana, à postura do Jornal A Ordem era de omitir a situação vivenciada pela cidade:

Toda imprensa desta capital se tem ocupado minuciosamente, alguns jornais até com exagero, aproveitando-se da situação vexatória do povo, para fazer explorações políticas, da “gripe” ou influenza espanhola que hora, com maior ou menor intensidade, bem que de caráter benigno, se propaga entre nós.⁹⁴

Fica uma contradição nas afirmações do jornal A Ordem, quando esse coloca em sua publicação o povo em uma posição vexatória e ao mesmo tempo afirmando que outros jornais estariam explorando o problema que passara a cidade com a Gripe. Como a mídia se apropriava dos espaços para favorecer e desfavorecer o Estado ou para denunciar a epidemia da Gripe, o que foi constante no Recife doente nesse contexto da doença, porém o que a pesquisa percebe é que o povo apontado pelos jornais, independente da posição dos periódicos, procura se defender com seus próprios recursos, visto que o poder médico do

⁹³ A Wester Telegraph Company Limited era a empresa responsável pelos telegramas em Pernambuco no ano da epidemia da Gripe Espanhola. Ver: A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p.2. FUNDAJ.

⁹⁴ A INFLUENZA reinante. **A Ordem**. Recife, 09 out. 1918, ano II, n. 279, p.1. FUNDAJ.

Governo não consegue atender toda uma população carente de atenção médica que padecia na enfermidade.

Para Foucault a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente.⁹⁵ Sobre essa questão relacionada entre o médico e o paciente em uma Recife doente com a Gripe Espanhola, o volume de pessoas que adoecera não faz permitir esse tipo de assistência médica aos enfermos, pois não existia uma Organização médica preparada para uma situação epidêmica relacionada ao novo, a uma inimiga invisível. Era o que se tinha em questões médicas para a época e os médicos não sabiam o que fazer perante o novo, que era a Gripe Espanhola.

Foi dada entrada até às 7 horas da manhã do dia 08 de outubro de 1918 no Hospital Pedro II um número grande de pessoas atacadas pela Influenza na cidade do Recife, onde foram distribuídas nas enfermarias⁹⁶: São José, 1; São Vicente, 30; São Pedro, 21; São Paulo, 3; Santa Martha, 8; Bom Conselho, 1; São João, 9; Santa Maria, 1; Santa Rita, 3; Santo Anselmo, 5; São Francisco, 2. Faleceram 5. Foram removidos até a mesma hora para o Hospital de Santa Águeda 17. Somando um total de 106 pessoas atendidas, isso só na manhã do dia 08 de outubro, não levando em consideração as pessoas que se dirigiam para outros pontos de atendimentos como as farmácias em lugares diferentes da cidade.

A Gripe rapidamente construía seus fragmentos no Recife, provocando suas vítimas e apresentando um novo caminho à morte aos que na cidade se encontravam, inclusive aos que faziam parte de governos:

As epidemias têm isso de bom: quando as autoridades não fazem caso delas, ou procuram negá-las, elas vão buscá-las por uma perna, e metem-nas na cama, quando não as levam para outro mundo, como aconteceu àquele prefeito de Bom Conselho, dias depois dele garantir que não havia bubônica nem nada no seu município. No Recife acaba de ser assim. E foi depois dessa pilhéria macabra da “bailarina” fazendo tremedeiras e febres às autoridades da Higiene que elas resolveram se convencer de que havia mesmo peste na cidade (AS IRONIAS da peste, A Província, Recife, 10 out. 1918, ano XLI, n. 279, p.1. FUNDAJ).

Ironicamente o Jornal A Província lança um artigo criticando à “apatia” do governo, apontando políticos atingidos pela Gripe, colocando o caso do Prefeito de Bom Conselho, cidade do agreste pernambucano em que deixa a entender que a epidemia já chegara a cidades distantes da capital dentro do Estado de Pernambuco. Mais o que o Jornal destacou é a falta de uma política mais competente no governo de Manoel Borba, em que faz o noticiário uma severa crítica enfatizando os problemas que a cidade do Recife estava passando, com a sua

⁹⁵ FOUCALT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 79.

⁹⁶ A “INFLUENZA”. A **Província**. Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p.1-2. FUNDAJ.

população a cair com tamanha rapidez na enfermidade da Gripe, sendo uma questão normal pela natureza da doença. Onde o jornal opositor chama a atenção pelo fato do governo Borbista, como era chamado, não ter encarado com determinação a questão do flagelo que o Recife se encontrava, mesmo tendo esse governo já tomado algumas medidas como fora citado à cima.

A trajetória da Gripe interferia cada vez mais nos hábitos dos recifenses, “A própria epidemia, a nota oficial, a cidade deserta, os cinemas abandonados, as lojas fechadas, as escolas vazias e os hospitais cheios, se encarregam de responder aos que levavam os dias a garantir que a epidemia era uma exploração nossa.”⁹⁷

As pessoas que se encarregavam de dizer que a situação estava sobre controle eram os governistas, levando a oposição a se colocar com ironia e constantemente a denunciar, afirmando que não estavam fazendo um jornalismo sensacionalista, mais sim uma denúncia ao problema que o Recife passara e que não estava sendo tratado com as devidas atenções pelo poder público. No dia 10 de outubro de 1918 o jornal *A Província* noticia que o então Diretor de Higiene Dr. Abelardo Baltar caíra enfermo acometido pela Gripe Espanhola. Aponta o jornal que a bailarina da espanhola em referência a Gripe, se apresentava fazendo pouco às autoridades que a desafiaram, colocando na cama justamente o líder do poder médico do Estado, fazendo abalar a credibilidade da ordem médica.

A gravidade da situação que assolava o bairro do Recife era de colocar a urbe em condições paralisantes, com estabelecimentos continuando a ser fechados e seu cotidiano em constante mudança para um estado de tristeza e solidão, com ruas cada vez mais desertas, onde só se observava movimentos na repartição de saúde que fazia atendimento aos que caíam na enfermidade com a Gripe:

Prossegue nesta capital a epidemia da influenza espanhola, tendo feito nos dois últimos dias várias vítimas. As ruas continuam apresentar aspecto tristonho, o movimento reduzido e vários estabelecimentos fechados. Na repartição de higiene tem aumentado o movimento de socorros aos doentes necessitados continuando a distribuição de medicamentos às pessoas que solicitam. Os cinemas continuam fechados. Os cafés e restaurantes têm fechado às 20 horas. Todas as diversões estão suspensas em consequência da epidemia. O administrador interino, tendo em vista o estado sanitário da cidade e o grande número de serventuários atacados da moléstia reinante, resolveu, por ato de ontem, além de suspender o serviço de coletas de correspondência das caixas urbanas, determinar que a abertura da Repartição tenha lugar às 7 horas e o fechamento às 17, período de tempo em que funcionarão os serviços de venda de selos e registro da correspondência. A posta restante das 4ª e 5ª seções, das 9 às 16 horas. Só haverá uma distribuição domiciliária às 12 horas. Nenhuma correspondência deve ser postada, até 2ª ordem, nas caixas urbanas. (A INFLUENZA Espanhola. Diário de Pernambuco, Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ).

⁹⁷ AS IRONIAS da peste. *A Província*. Recife, 10 out. 1918, ano XLI, n. 279, p.1.

O Diário de Pernambuco faz noticiar a rotina da epidemia com detalhes em função das andanças da doença, em que essa como já fora dito, interfere nos hábitos das pessoas que habitavam o Recife isso no mês de outubro de 1918, porém o que fica claro na pesquisa e a forma dessas notícias, onde o Diário não acusa o poder público de estar sendo incompetente em relações as suas ações, frente ao problema epidêmico.

Faz de suas notícias o Diário de Pernambuco um suporte de apoio às determinações que eram feitas pelo poder médico do Estado, procurando dessa forma acalantar a sociedade mostrando que o que podia ser feito pelo Governo estava sendo colocado em prática: “O diretor de Higiene em comissão resolveu, por portaria de ontem, dispensar todos os médicos da Diretoria de Higiene das funções que lhe eram normalmente cometidas, designando-os todos para darem plantão na sede da Higiene e para o serviço externo de socorros que está sendo executado.”⁹⁸

Notícias eram dadas como sendo uma forma de mostrar que a situação não se encontrava da forma que a oposição colocava: “Circulando o boato de que haviam sido registrados diversos casos de influenza no Colégio Salesiano, o diretor deste estabelecimento de educação mandou-nos avisar de que fechara o colégio atendendo à solicitação dos poderes competentes, não tendo ocorrido nenhum caso da moléstia no referido educandário.”⁹⁹

A pesquisa observa que algumas instituições como é o caso do Colégio Salesiano, uma instituição educacional, estavam ligadas ao Governo no que toca a sua posição política, em que num estado de epidemia que se encontrava a cidade do Recife seria difícil não encontrar um estabelecimento educacional com pessoas acometidas pela Gripe Espanhola. Pois já fora citado o caso do fechamento de escolas pelo motivo não só de estudantes enfermos com a moléstia, também precauções dos responsáveis não deixando seus filhos saírem de casa quanto durasse a epidemia.

Outras medidas eram tomadas pelos periódicos que davam apoio ao Governo, como denunciar estabelecimentos de farmácias que não estivessem fazendo cumprir as ordens de atendimentos no sistema de plantão que fora determinado pelo poder público: “A farmácia Marques à Rua Duque de Caxias deixou ontem de fazer o plantão para que se achava escalada por motivo de terem sido atingidos pela moléstia reinante os seus dois práticos.”¹⁰⁰

⁹⁸ A INFLUENZA HESPAÑHOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibid.

No que toca a posição do jornal A Ordem, esse continuava a colocar em seus noticiários uma posição de defesa ao Governo do Estado, com um discurso governista e atacando abertamente os periódicos de oposição a Manoel Borba: “A Província” e o “Jornal¹⁰¹” recrudescem dia a dia na campanha anti-patriótica e soez contra o governo do estado, explorando de maneira insólita e grosseira a epidemia reinante”.¹⁰² Era nesse estilo de escrita que o periódico da Ordem se colocava na defesa de seus partidários, onde cobrava-se uma postura de patriotismo da imprensa oposicionista, dizendo que o Governo colocava à serviço do povo todo o aparato científico disponha, e medicamentos era distribuídos para os pobres dentro de suas necessidades:

A Província chega à desfaçatez de noticiar todas as medidas tomadas pela Diretoria de Higiene e termina as suas insolências e desaforos dizendo que o governo não age, que o Dr. Abelardo Baltar nada faz! O “Jornal” na linguagem repulsiva dos alcouces, no baixo calão das ruas, ejacula infâmias e protervias, invocando a fama já muito desmoralizada do milagreiro higienista do dantismo¹⁰³ (ECOS. A Ordem. Recife, 10 out. 1918, ano II, n. 280, p.1. FUNDAJ).

Dentro desse contexto de disputa política a epidemia serviu como manobra política para governistas e oposicionistas, e entre esses se encontrava o povo que sofria constantemente com o evento da Gripe Espanhola, onde o medo estava presente em decorrência do perigo da morte que se apresentava com a doença. As igrejas não eram totalmente fechadas por ter a população crença em Deus para o fim da epidemia. O Recife no mês de outubro de 1918 teve, na observação dessa pesquisa, seu momento maior de caos provocado pela peste da Gripe, essa não poupou ninguém, porém a população que mais sofreu como já citado foi a pobre, em que tem dificuldades de se manter e enfrentar a Gripe em função de suas condições financeiras.

Sendo importante frisar que em 1918 não existia uma legislação trabalhista no Brasil, ficando muitos dos enfermos na epidemia sem ter condições de trabalhar, e conseqüentemente sem dinheiro para o seu sustento e da família, visto que não eram protegidos por leis trabalhistas que lhes assegurassem a garantia de seu salário.

Mesmo com os estragos feitos pela epidemia em meados de outubro em que promovera toda uma mudança no comportamento dos hábitos dos recifenses, levando muitos a óbito, fazia o Jornal A Ordem referência à doença como sendo benigna: “Tranquilize-se a

¹⁰¹ Esse era o Jornal do Recife que tinha como a imprensa da Província uma postura de oposição ao Governador Manoel Borba.

¹⁰² ECOS. **A ordem**. Recife, 10 out. 1918, ano II, n. 280, p.1. FUNDAJ.

¹⁰³ Sobre o Dantismo é em referencia à Dantas Barreto adversário político de Manoel Borba, Governador de Pernambuco em 1918.

população pernambucana que o governo, indiferente aos ápodos da canalha, cumprirá serenamente o seu dever, exercendo todos os meios, pondo em prática todos os recursos para extinguir a epidemia, que embora benigna, vai se generalizando em nossa capital.”¹⁰⁴ A Gripe tem seu momento de auge em outubro não só em Recife mais em todo o território brasileiro, ficando uma observação nessa pesquisa quando fez uma análise sobre a epidemia no Brasil, o estado de Goiás que diferentemente dos outros Estados, tem seu momento epidêmico entre os meses de janeiro a fevereiro de 1919:

O ápice da epidemia de gripe na Cidade de Goiás ocorreu entre janeiro e fevereiro de 1919, logo, a maior quantidade de óbitos aconteceu neste período. Entretanto, deve-se salientar que nos meses de março, maio e junho de 1919 realizaram-se 53 sepultamentos (nos mesmos meses de 1918 registraram-se 46). No ano de 1919, nos meses supracitados, houve sete sepultamentos a mais em relação ao mesmo período de 1918. Infere-se que o aumento no número de sepultamentos se deu por conta das pessoas que convalesciam da moléstia de gripe e, não conseguindo restabelecer a saúde, sucumbiram (NETO, 2010, p. 78).

O que passa a marcar constantemente os noticiários dos jornais locais na segunda metade do mês de outubro é a notícia da morte, era uma realidade de uma cidade em flagelo, onde pessoas diariamente caíam em falecimento. O jornal *A Província* de uma forma direta faz acusar o Governo de Pernambuco de ser omissos ao problema da Gripe que tomava conta dos espaços urbanizados do Recife. “A epidemia aumenta, mas aumenta tragicamente, no seu pior aspecto, espalhando a morte. O primeiro dever da Higiene, em epidemias é a notificação compulsória, é a publicação de todas as suas providências, é a verdade leal e sincera.”¹⁰⁵

Cobranças eram feitas à pessoa do Prefeito do Recife Manoel Antônio de Moraes Rego, mas as colocações dos noticiários da oposição eram direcionadas abertamente ao Governo estadual na pessoa de Manoel Borba. Os médicos não sabiam o que fazer, porém eram feitas acusações de que poder público escondia para a sociedade a real situação que passara o Recife, o segredo e o mistério excitava o imaginário popular na opinião da imprensa oposicionista, seria dessa forma o mistério sobre o novo com um nome estrangeiro, a Gripe Espanhola.

Procura dar aos governantes, os jornais de oposição, à culpa pela epidemia, defendendo a ideia que essa moléstia saiu de sua condição de benigna para a de maligna em vista da imprecisão do poder médico do Estado. Até mesmo o afastamento do Dr. Abelardo Baltar da Direção do Diretório de Higiene é apontado como sendo uma atitude de falta de compromisso com o povo do Recife. Visto que esse se encontrava enfermo com a Gripe,

¹⁰⁴ ECOS. **A ordem**, Recife, 10 out. 1918, ano II, n. 280, p.1. FUNDAJ.

¹⁰⁵ GOVERNO Fúnebre. **A Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1. FUNDAJ.

porém era noticiado constantemente que a população estava entregue a própria sorte, pois a Direção de Higiene tinha sido abandonada até pelo seu Diretor: “Possuímos uma repartição de Higiene onde o seu diretor não aparece, apesar dos jornais amigos afiançarem que ele está bom. Esses mesmos jornais, noticiando os nomes dos médicos da Saúde, atacados da epidemia, não citam o nome do Dr. Abelardo Baltar.”¹⁰⁶ Fazendo crer que o próprio Governo escondera o problema de saúde que acometera seu Diretor de Higiene em decorrência da Gripe:

O que prevíamos, infelizmente está se realizando. A epidemia, cujos efeitos foram benignos ao princípio, nos últimos dias tem tomado um caráter gravíssimo, iniciando o seu período de morte em um elevado número de pessoas. Já não é mais o simples receio que se nota na população; é o pânico, o terror que se apodera de todos, à medida que o terrível mal vai ceifando existências cada dia em maior proporção. A “influenza” vem dizimando assustadoramente e hoje crianças, homens e senhoras foram arrebataadas do seio da sociedade por esta doença, que se alastrou e tomou caráter agudo devido à indiferença da Higiene Pública (A “INFLUENZA”. A **Província**, Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2. FUNDAJ).

Cobrava-se das autoridades uma ação imediatista, em combate ao avanço da epidemia gripal, ações ligadas ao levantamento de mortes e medidas como a desinfecção de ruas becos e outros espaços nas vias urbanas. Pedia-se, pela oposição política, por vias dos jornais, uma organização nas práticas médicas em combate a Gripe, medidas profiláticas rigorosas, pois o pânico já tomara conta do imaginário das pessoas, provocando o terror, apoderando-se a todos onde o mal da doença se ceifava rapidamente.

A influenza continuava a dizimar a população do Recife, tomando a epidemia um caráter agudo na cidade, com suas ruas quase desertas que ganhava um semblante assustador em que a morte se apresentava com um figurino novo, era a bailarina da Espanhola que chegara para matar. A cidade estava contaminada e seu cotidiano modificado pela epidemia, as casas do centro da cidade logo ao cair o sol cerravam suas portas, e logo ganhava à urbe a companhia de sons de gemido, misturado com tosse choros e preces, vindo de dentro das casas, era um cenário de horror que passava o Recife. Sendo esses relatos colocados pela imprensa de oposição.

Mesmo com a intensificação da epidemia o jornal Diário de Pernambuco procurava noticiar que a situação estava sobre controle, e que a rotina da cidade do Recife começava a ensaiar um retorno a sua normalidade: “Conquanto ainda permaneça no espírito público a impressão dolorosa deixada pela epidemia reinante na semana finda, foi ontem notada na cidade maior movimento que nos dias anteriores, movimento que também foi registrado nos

¹⁰⁶ A “INFLUENZA”. A **Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1. FUNDAJ.

estabelecimentos comerciais.”¹⁰⁷ O noticiário do Diário de Pernambuco fazia referência ao dia 14 de outubro, ficando nessa pesquisa a evidência que o problema da Gripe Espanhola ainda estava caminhando para a sua fase mais crítica na segunda metade do referido mês. Notadamente o discurso do Diário era de apoio político ao Governo com essas colocações distante da realidade que passava o Recife.

Casas comerciais continuavam fechadas por proprietários e seus auxiliares estarem adoentados com a Gripe, nos subúrbios do Recife a população pobre que se acometera com a moléstia, passava a ter assistência médica domiciliar pelo poder médico estadual, sendo essa medida bem avaliada pelos que se encontravam ao lado do Governo, porém a oposição via essas ações como não combativas á epidemia e sim um faz de conta de uma péssima administração do Governador Manoel Borba.

A faculdade de direito do Recife é colocada pelo jornal Diário de Pernambuco como tendo suas atividades suspensas, em virtude do mal que grassava seus funcionários adoentados pela epidemia em curso na cidade. A Direção da Faculdade não cita alunos enfermos com a Gripe, dizendo que a paralização desse estabelecimento de ensino se fez em decorrência do padecimento de seus funcionários com a moléstia:

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE – Por ordem do Dr. Adolpho Cirne, diretor da Faculdade de Direito do Recife, em vista o atual estado sanitário da cidade, achando-se a maioria dos empregados doentes de influenza, foram suspensas as aulas de todos os anos até o dia 2 do corrente, permanecendo entretanto, aberta nas quartas e sábados de cada semana a secretaria da mesma Faculdade (A INFLUENZA HESPANHOLA. Diário de Pernambuco, Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p.3. FUNDAJ).

Outros Diretores de estabelecimentos educacionais tomam providências de fazer continuar fechadas as suas instituições também: “Devido ao mal epidêmico que continua grassando ainda terrivelmente na cidade, resolveram os senhores diretores do “Ginásio Oswaldo Cruz”, “Ginásio do Recife” e “Instituto Carneiro Leão”, suspender as suas aulas por mais alguns dias.”¹⁰⁸

Os estabelecimentos educacionais tiveram prejudicados seus dias letivos em virtude do problema epidêmico da Gripe Espanhola, fazendo dessa maneira esses refazem seus calendários letivos para atender a população estudantil do Recife, mas a preocupação maior dessas Instituições educacionais era com o fim da epidemia que assolava a cidade e provocava um número crescente de óbitos.

¹⁰⁷ A INFLUENZA HESPANHOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p.3. FUNDAJ.

¹⁰⁸ Ibidem.

Mesmo com a realidade de dificuldades que o Recife passava, o Diário de Pernambuco continuava insistindo em fazer publicações sobre a volta de uma normalidade na cidade: “Parece que a moléstia vai entrando na sua fase de declínio. Ontem foi menos o movimento nas farmácias, na diretoria de higiene e na assistência. Durante o dia o movimento aumentou nas ruas.”¹⁰⁹

Cinemas ainda fechados e como em outras Instituições educacionais, continuavam suspensas as aulas do Liceu de Artes e Ofícios, Liga Pernambucana contra o Analfabetismo e a Associação Cristã de Moços. A Igreja continuava a pedir aos fiéis que continuassem a rezar pelo fim da epidemia, pedindo o Arcebispo da metrópole recifense o D. Sebastião Leme que seus sacerdotes e toda comunidade católica, exercessem durante três dias consecutivos as preces do ritual. Era uma situação de calamidade que o povo encontrava-se, toda ajuda era bem vinda que pudesse colocar fim aos sofrimentos causados pela epidemia da Gripe Espanhola.

As associações esportivas eram vitimadas pela Gripe, colocando seus respectivos espaços fechados temporariamente, sendo essas atitudes formas de controle como procedimento de evitar o alastramento da moléstia gripal para outras pessoas, em que várias pessoas dessas agremiações já se encontravam doentes:

ASSOCIAÇÕES: “Recife club” – A diretoria desta sociedade recreativa pede-nos para avisar que em vista de estar grassando a epidemia da “influenza” ficam suspensas provisoriamente e toda e qualquer reunião em seus salões de danças até segundo aviso. “União foot-ball club” – Deixa de realizar-se hoje o match com o “Aurora” por achar-se acometido de “influenza” os seguintes jogadores deste club: Guilherme Coimbra, João Severiano, Arthur Mafra, Salustio Filho, Arnaldo Lobo, Antonio Vicente, Antonio Taveira, Joaquim Fonseca, Alarico Luiz de França, Manoel Sobral, Hermann L., Heitor Dantas, Oswaldo Dantas, Aluisio C. “República foot-ball club” – Devido à terrível epidemia que atualmente nos assola o presidente deste club, usando dos poderes que os estatutos lhe confere, resolveu suspender até segunda ordem os jogos do club (A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1. FUNDAJ).

Até a Charanga parou: “A “Charanga do Recife” devido à epidemia reinante neste estado, suspendeu às suas diversões, achando-se também suspenso o expediente por três dias e hasteado em funeral o seu pavilhão, pelo falecimento do seu prestimoso consórcio José Alves de Moraes”¹¹⁰. O Recife para, no mês de outubro de 1918, deixa de estudar, jogar futebol, passear pelas ruas, praças e avenidas e de até dançar com a paralisação de sua charanga.

¹⁰⁹ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 16 out. 1918, ano 94, n. 285, p.1. FUNDAJ.

¹¹⁰ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1. FUNDAJ.

O espaço que teve seu aumento da presença de pessoas foi o Cemitério, mas de pessoas em estado de óbito, a morte virou no Recife uma presença constante provocada pela Gripe, era de “fazer chorar”¹¹¹ não no ritmo do frevo pernambucano, mas no balé da bailarina espanhola, a Gripe. Sobre a questão da morte e a rotina do Cemitério de Santo Amaro no Recife e de outros, esse trabalho discutirá mais à frente.

A espanhola continuava construindo seus fragmentos, sem piedade, sem distinção e como já colocado com rapidez, os noticiários do Jornal A Província em sua postura de oposição como já dito continuava a pressionar as autoridades: “PELA SAÚDE DO POVO: É assim que se deve denominar a enfermidade que se está desenvolvendo na Europa e no Mar e já também entre nós, devido à imprevidência das autoridades sanitárias e à ignorância da medicina oficial.”¹¹² Não passando para a sociedade as limitações médicas que existiam perante o surto epidêmico, em que a epidemia colocava em dúvida o saber médico que pretendia ser vitorioso.

Como duras críticas ao comportamento do Diretório de Higiene e Saúde do Estado, A Província chama atenção pela falta de assistência às pessoas que sofrem com a Gripe, na opinião do jornal. Fazendo o mesmo jornal noticiar receita médicas nos espaços de suas colunas sociais: “CHÁ PREPARADO: Sabugueiro, 5 gramas, folhas de caroba, 5 gramas, casca de um limão pequeno (galego). Água bem quente, uma xícara das de chá, tomar de manhã, depois de morno, de uma só vez e igual porção à noite, ao deitar.”¹¹³ Construindo dessa forma mais uma maneira de afrontar o poder público ligado ao sistema de saúde do Estado, em que esse era tratado pelos provincianos como incompetentes no enfrentamento da situação de epidemia que passava o Recife.

Segundo a imprensa de oposição a forma como a calamidade pública, em decorrência do surto epidêmico que acometera o Recife, acontecia, não estava sendo passado para o restante do país pelo Telégrafo Nacional em Pernambuco, sendo denunciado pela imprensa oposicionista: “Para que não se pense lá fora que há uma epidemia em Pernambuco matando a população, o telégrafo se recusa a passar telegramas noticiando a epidemia, mesmo para evitar que famílias inteiras venham para o foco da morte, e prende os telegramas dos correspondentes dos jornais”¹¹⁴, fez afirmar a oposição que só quem aderira esse tipo de modelo de correção funcional era o Estado de Pernambuco na figura do Governador Manoel

¹¹¹ Parte da letra do frevo de Luiz Bandeira: é de fazer chorar do ano de 1957.

¹¹² Ibidem.

¹¹³ A ACÇÃO da Hygiene Publica. **A ordem**. Recife, 11 out. 1918, ano II, n. 281, p.1. FUNDAJ.

¹¹⁴ O CASO do telegrapho. **A Província**. Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.1. FUNDAJ.

Borba, e que os jornais pernambucanos diariamente publicavam informações sobre a Gripe Espanhola que atacava outros Estados como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Em seus noticiários o jornal *A Ordem* continuava fazendo menções de elogios aos feitos do poder público pernambucano em que acusa a ala da oposição ligada politicamente a Dantas Barreto a atacar o Governador do Estado na figura de Manoel Borba:

Viram os escribas do dantismo que as suas perfídias e balelas eram recebidas com o maior desagrado, porque o povo assistia os esforços do governo, os cuidados da Diretoria de Higiene, que movimentou os comissários médicos, ocorrendo a todas as solicitações, exercendo a vigilância mais intensa e proporcionando aos doentes todos os recursos científicos (A ACÇÃO da Hygiene Publica. *A Ordem*. Recife, 11 out. 1918, ano II, n. 281, p.1. FUNDAJ).

Através de um discurso aberto em apoio ao Governo o jornal *A Ordem* afirma que esse sofre por calúnias e difamações de uma imprensa oposicionista sem nenhum escrúpulo: “Enquanto eles malsinam e injuriam, o governo trabalha e cumpre desassombradamente os seus deveres. O Dr. Manoel Borba não descansou nas providências tomadas”¹¹⁵, Colocando que todas as medidas estavam sendo tomada em favor da sociedade para colocar fim a epidemia reinante. Não estava o Governo devidamente aparelhado para enfrentar uma epidemia como a da Gripe Espanhola, ainda mais sendo essa uma enfermidade nova no que toca a maneira como se apresentava.

O presente trabalho constata a falta até então de um planejamento contundente com a situação de caos, pela Diretoria de Higiene e Saúde do Estado para dar cabo da epidemia, na liderança do seu Diretor Dr. Abelardo Baltar, pois não existia uma forma apontada de como tratar essa espécie de Gripe, fazendo dessa maneira a imprensa oposicionista tirar proveito das dificuldades que a doença provocava no Recife:

A Higiene até agora tem se limitado a acorrer os que pedem o seu auxílio, que por serem em número considerável, não são atendidos prontamente. Medidas de caráter profilático ainda não foram tomadas a fim de circunscrever a propagação da “influenza”. Não houve ainda um expurgo onde tenha morrido um atacado da epidemia. Os senhores da Higiene limitam-se somente a mandar desinfetar com creolina os prédios onde ocorrem os óbitos. A nota impressionante do dia é o falecimento do Dr. Abelardo Baltar, ex-diretor da Higiene Pública. Era o ilustre morto laureado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O Dr. Abelardo Baltar vinha-se mostrando um pouco abatido, em sua residência no Sancho, quando irrompeu a epidemia ele foi a Província, uma de suas vítimas, passando acamado por muitos dias, até que ontem, às 18 horas, ocorreu o doloroso golpe de sua morte (A “INFLUENZA”. *A Província*, Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2. FUNDAJ).

Os periódicos jornais de apoio ao Governo do Estado não se posicionam em relação ao falecimento do Diretor de Higiene do Estado Dr. Abelardo Baltar, dando essa informação o

¹¹⁵ O CASO do telegrapho. *A Província*. Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p. 1. FUNDAJ.

jornal A Província que fazia como já fora dito constante oposição ao poder público Estadual, não pelo fato de sua morte, mas por esse ter chegado a óbito pela Gripe Espanhola. A sua enfermidade com a Gripe era escondida já há algum tempo, tendo o poder médico do Estado receio de passar uma posição de fracasso, em função de seu representante maior da saúde do Estado estivesse acometido pela moléstia da Espanhola. Os noticiários governistas só fazem apontar a chegada do Dr. Octávio de Freitas para então substituí-lo. Fazendo apontar, segundo a oposição, a insegurança da saúde pública estadual frente ao problema da epidemia que reinava.

Sobre as ações de Octávio de Freitas na Direção de Higiene serão apontadas nesse trabalho mais a frente, passando agora a analisar as medidas do Diretório de Higiene antes de sua chegada ao posto de Diretor de Higiene do Estado.

3.2 DISCURSOS E PRÁTICAS DO DIRETÓRIO DE HIGIENE DO ESTADO, EM SUAS PRIMEIRAS AÇÕES FRENTE À GRIPE ESPANHOLA

As medidas sanitárias e de assistência tomadas pela Diretoria de Higiene do Estado com o intuito de debelar a epidemia da Gripe Espanhola que reinava no Recife, foram realizadas em dois momentos, o primeiro foi na Direção do Dr. Abelardo Baltar que morrera com a Gripe como já fora citado, o segundo momento foi com a chegada do Dr. Octávio de Freitas que assume o posto de Diretor de Higiene do Estado, substituindo Abelardo Baltar.

A primeira manifestação da Direção de Higiene através de seu Diretor o Dr. Abelardo Baltar em que procura colocar em prática as primeiras medidas de assistência aos enfermos com a Gripe Espanhola no Recife, foi a 09 de outubro de 1918:

A Diretoria de Higiene Pública acaba de pôr à disposição das pessoas que precisarem, por motivo da influenza espanhola, socorros médicos, a começar de hoje, bastando para isso que deixem seus nomes e residências na secretaria da repartição, que funcionará das 6 às 20 horas, a fim de que recebam as visitas médicas, sendo-lhes aconselhado e distribuídos os necessários medicamentos. As indicações de nomes e residências poderão ser dadas por telefone para o número 923 (A INFLUENZA HESPANHOLA. Diário de Pernambuco, Recife, 09 out. 1918, ano 94, n. 278, p.3. FUNDAJ).

Afirmava o Diretório de Higiene que além de dar conselhos os médicos visitariam os enfermos e lhes medicariam se houvesse necessidade, porém o que estava em debate era a Gripe Espanhola, doença que se apresentava pela primeira vez a saúde pública do Estado, então medicar de que maneira se não tinham o conhecimento dessa doença? A Diretoria de

Higiene fornece à imprensa uma nota procurando mostrar a população recifense que a Gripe que se tratava era mais agressiva: “A epidemia, que ora nos salteia, é evidentemente a gripe ou influenza, não a gripe no sentido comum de luxo ou constipação, mas a gripe verdadeira, a mesma de 1889-90.”¹¹⁶

Faz afirmar o Governo sendo essa Gripe a mesma que já tivera visitado o Recife em anos anteriores, porém sendo dessa vez com mais força e contagiosa. Nas palavras da saúde pública a pesquisa, a pesquisa observa que esse poder, não sabia com que tipo de moléstia estava lhe dando, essa afirmação não dará conta dos danos que a epidemia da Espanhola irá provocar na sociedade recifense.

Como objetivo de formar um núcleo de apoio aos atacados pela Gripe, fez a Diretoria de Higiene uma espécie de mutirão formada por médicos da Diretoria em sua sede localizada no centro do Recife, onde esses atenderiam às pessoas na própria sede e saíam em socorro às que telefonassem em busca de atendimento.

O diretor de Higiene em comissão resolveu, por portaria de ontem, dispensar todos os médicos da Diretoria de Higiene das funções que lhe eram normalmente cometidas, designando-os todos para darem plantão na sede da Higiene e para o serviço externo de socorros que está sendo executado (A INFLUENZA HESPAÑOLA. Diário de Pernambuco, Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ).

Constantemente eram publicadas as escalas dos médicos que estavam em combate à epidemia, a intensificação de médicos escalados como forma de atender a população foi uma das primeiras medidas do Diretório de Higiene, mesmo não sendo o suficiente para o crescente aumento de casos de doentes com a situação epidêmica:

Hoje a escala de serviços organizada pelo dr. diretor de higiene é a seguinte: 6 às 9 – Drs. Costa Pinto, Thomé Dias e José Climaco. 9 às 12 – Drs. Fragozo Selva, Baptista da Silva e Paulo Aguiar. 12 às 15 – Dr. Armando Macedo. 15 às 18 – Drs. Bandeira Filho, Jorge Bittencourt e Souto Maior. Estão de plantão na secretaria hoje os seguintes empregados: 6 às 9 – Henrique de Freitas, Baptista de Siqueira, José Accioly, Manoel Mattos, Amaro Abdon e Felix de Mello. 9 às 13 – Orlando Pimentel, Severino das Chagas, Heliodoro de Senna, Eugenio Freire e Francisco Mafra. 13 às 17 – Severo de Lima, Vicente Netto, Felipe Maurilio, Manuel Bernardo, Ignacio Lins e Christovam Bessa. 17 às 20 – João Machado de Gouveia, Pedro de Barros, Carlos Rios, Paulino de Oliveira, Jeronimo Vaz Manso e Marcelino Olympio (A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ).

Outra medida tomada pela Diretoria de Higiene sob o comando do Dr. Abelardo Baltar foi distribuição de medicamentos as pessoas pobres, ficando uma dúvida nesse trabalho, de que maneira eles definiam os pobres, já que na ocasião da distribuição de medicamento o cidadão tinha que se deslocar para a sede da Diretoria de Higiene para receber. Quais os

¹¹⁶ A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diario de Pernambuco**. Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p.2.

critérios de reconhecimento de pobreza para esses? Se fosse o caso do médico ir até a moradia das pessoas talvez pelas precárias condições de habitações, fosse possível.

No dia 15 de outubro a organização médica do Estado se manifesta dizendo: “A Diretoria de Higiene fará funcionar a partir de hoje, além do serviço de socorros a domicílios e do receituário e distribuição de medicamentos na sede da repartição, cinco postos de socorros nos quais as pessoas reconhecidamente pobres encontrarão médico e remédios.”¹¹⁷ Ficou decidido pelo governo do Estado que um auxílio em dinheiro seria dado aos que estivessem em condições de necessidade, por não poder trabalhar em decorrência de estar acamado pela Gripe.

Postos médicos foram implantados em bairros aos arredores do centro do Recife para o atendimento as pessoas acometidas com a Gripe Espanhola, como Torre e Graças, sendo uma forma de descentralizar a maneira de atendimento aos enfermos. Os postos de atendimento aos doentes foram instalados em farmácias, pois eram pontos de referências em questão de saúde. Sobre a distribuição dos medicamentos, o presente trabalho não encontrou informações se esses postos de atendimentos também como a sede da Direção de Higiene distribuía auxílios em dinheiro aos “pobres”.

Em Pernambuco de 1918 a Diretoria de Higiene concentrava todas as ações que eram direcionadas ao saneamento e questões ligadas à saúde pública, diferente de outros Estados como era o caso da Bahia que possuía como exemplo o Desinfetório Central, órgão esse subordinado à Diretoria de Higiene do Estado. “Em casos de enfermidade ou de morte provocada por doença infectocontagiosa, cabia ao Desinfetório Central à responsabilidade de proceder à desinfecção dos objetos de uso do enfermo e do domicílio onde se deu a ocorrência da moléstia¹¹⁸”. Era de responsabilidade do Desinfetório, fazer remoções de doentes para um isolamento, e em caso de morte lavar o corpo ao cemitério, se o óbito fosse constatado de moléstia transmissível o sepultamento deveria ser realizado com urgência e proibindo o acompanhamento por pessoas, mesmo que essas fossem da família do defunto.

A quantidade de pessoas infectadas com a Gripe Espanhola no Recife era absolutamente incompatível com o número de profissionais de saúde e de instalações de hospitais existentes no período epidêmico. Até pelo fato da estrutura do atendimento ser o normal para a época que reinou a epidemia na cidade do Recife. Era uma luta com tamanha

¹¹⁷ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p.3.

¹¹⁸ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007, p. 80.

desvantagem, em que a insuficiência da saúde pública foi também um ponto negativo para o avanço do quadro epidêmico da moléstia, no cenário urbano recifense de 1918. Fazendo o Diretório de Higiene receber com frequência fortes críticas da oposição ao governo em 07 de outubro de 1918:

A “espanhola” é o assunto do dia; é a única conversa; não há outra. Mas, sobre todas as conversas e comentários, paira uma consternação única que é uma censura franca, solene, unânime, à Higiene Pública.

O que se ouve é:

- Mas o que faz a Higiene?
- E a Higiene?
- Onde se meteu a Higiene?
- Mas que Higiene! ...
- Então a Higiene Pública não existe?
- O que é que a Higiene aconselha?¹¹⁹

Fez a Diretoria de Higiene comunicar a população em 09 de outubro que as farmácias estariam autorizadas a se conservar abertas pelo tempo que os proprietários entenderem, tendo como objetivo fazer combater a inimiga da Gripe, não sendo necessário qualquer tipo de formalidade ou licença do Estado para o seu funcionamento nessas regras.

O Governo de Manoel Borba procurava mesmo sem muita articulação e sem um plano contundente para amenizar a epidemia, tentar dar conta das pessoas que caíam na enfermidade da doença. Continuava a oposição a fazer cobranças de ações mais eficazes do Diretório de Higiene, como o levantamento estatístico dos que se acometera da doença, para com isso mapear os espaços da urbe mais afetados e planejar um saneamento de combate ao mal que reinava. O número de pessoas ao combate era insuficiente, frente à velocidade da doença que impedia ações rápidas e eficazes.

As críticas eram feitas ao Governo por esse não mostrar a sociedade o problema da realidade da saúde pública em decorrência da Gripe, na repartição do Diretório de Higiene era grande o número de comparecidos diariamente de pessoas pedindo receitas: “Ontem, até a hora em que ali estivemos às 19 ½ horas, haviam sido fornecidas 688 fórmulas, a cerca de 350 pessoas. Foram socorridos aproximadamente 193 doentes de ‘influenza’.”¹²⁰ De acordo com o Jornal A Província no dia 12 de outubro eram esses os relatórios que estavam disponíveis na Diretoria de Higiene, estando essa repartição com dificuldades de prestar socorros ao público doente, em função de muitos de seus empregados e médicos estarem adoentados também com a Gripe:

¹¹⁹ A EPIDEMIA. **A Província**. Recife, 07 out. 1918, ano XLI, n. 276, p.1. FUNDAJ.

¹²⁰ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2. FUNDAJ.

O Dr. Odilon Gaspar, que estava escalado ontem para o serviço não pôde comparecer ao mesmo, por ser atacado da epidemia. O Dr. Alfredo Costa, há dias que tem permanecido de plantão no posto médico, das 12 às 14 horas, apesar de estar ainda doente. Ontem, até às 20 horas, quando saímos desta repartição, vimo-lo no seu posto tendo já atendido a cerca de 60 pessoas. A Assistência Pública socorreu ontem às 11 horas e 45 minutos o popular Antonio Luiz da cunha, pardo, pernambucano de 21 anos, solteiro, residente à rua S. Rita Nova, atacado de “influenza”. Depois de medicado pelo Dr. João Guimarães, foi transportado para o hospital Pedro II.¹²¹

Continuava a Diretoria de Higiene a fazer distribuição de medicamentos aos atacados com a Gripe, em que cada médico fazia atendimento em média por dia a 100 pacientes. “O Dr. Souto Maior, acompanhado do escriturário Amaro Abdon, distribuiu cerca de 50 purgantes em 30 casas e 70 caixas de cachetes de bisulfato de quinino, fenacetina e aspirina, nas ruas Domingos Theotônio, Imperial, Pescadores, Lomas, Valentinas, travessa do Valle, beco do Sá Leitão, receitando cerca de 100 pessoas.”¹²²

Fez também no dia 13 do mês corrente o Diretório de Higiene a distribuição de dinheiro aos que se apresentavam como pobres como já citado, na situação de precisar de recursos para o sustento seu e de sua família. “Foram distribuídas parcelas de 3\$000 às famílias pobres, residentes no 1º distrito de São José, perfazendo um total de 34\$000.”¹²³ Continuava sendo distribuídas na sede da repartição do Diretório de Higiene e em serviços externos receitas aos que se encontravam acamados pela Gripe: “A repartição de Saúde Pública distribuiu ontem na repartição 549 receitas e no serviço externo 150. O Dr. Frago Selva fez visita a diversas ruas na Torre, distribuindo medicamentos e receitando os doentes em seus casebres.”¹²⁴

A Higiene pública segundo os opositoristas se limitava a práticas mais eleitoreiras que assistências eficazes, no que tocava ao povo que padecia com a Gripe Espanhola, não existindo para a oposição medidas reais de caráter profilático no enfrentamento a epidemia que tomava conta da cidade do Recife, ficando de certa forma ao entender desse trabalho que para a realidade da medicina na época, as medidas que estavam sendo tomadas eram o que estava ao alcance da medicina frente à Gripe de 1918:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.¹²⁵

¹²¹ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p. 2. FUNDAJ.

¹²² *Ibidem*, p.1. FUNDAJ.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibid.*

¹²⁵ FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder: Verdade e poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 12.

Sobre a verdade em relação ao que passava o Recife com a Gripe Espanhola os jornais era o principal meio de fazer defendê-las, em que o Estado procurava utilizar esses meios para publicar seus feitos e não feitos como uma forma de valer seu poder. Poder esse questionado pela oposição que da mesma forma utilizava os veículos de comunicação para criticar o aparelho do Diretório de Higiene, essa disputa de poder era travada na maioria das vezes nas páginas dos jornais que circulavam diariamente o Recife, como uma forma de colocar em prática tipos de discursos para uma disputa de poder político.

O número de pessoas que pediam auxílio econômico ao Governo era grande ficando o Estado sem condições de atender a todos, pois o número de doentes com a Gripe não parava de crescer no mês de outubro de 1918: “A Higiene até agora tem se limitado a acorrer os que pedem o seu auxílio, que por serem em número considerável, não são atendidos prontamente”¹²⁶. O poder público, muitas vezes, não consegue dar o diagnóstico preciso da Gripe Espanhola, ficando pessoas pobres acometidas pela doença sem o direito ao auxílio financeiro. Eram constantes as cobranças aos que estavam envolvidos diretamente no enfrentamento da Gripe pala Diretoria de Higiene, principalmente aos médicos que prestavam serviços a essa repartição, onde era colocado que os que não comparecessem aos seus plantões seriam penalizados pelo presente regulamento sanitário, e os que por motivo faltassem em decorrência de estarem doente deveriam fazer informar por escrito, deixando a entender que muitos profissionais se esquivavam do trabalho pelo medo de contágio com a doença:

DIRETORIA DE HIGIENE: O Dr. Alfredo de Medeiros, diretor interino da Repartição de Higiene, baixou ontem a seguinte portaria: “O Dr. 3º delegado de saúde, no exercício do cargo de diretor de Higiene, avisa aos Srs. Drs. diretores de seções delegados de saúde, inspetores sanitários e demais funcionários da mesma repartição que proporá ao governo a suspensão de todo aquele que deixar de dar o plantão a que é obrigado pelo art. 627 do Regulamento Sanitário em vigor. As comunicações quando por doente deverão ser por escrito.”¹²⁷

Depois de muita pressão realizada pelos setores de oposição representados principalmente pelo jornal A Província a Diretoria de Higiene começa a mapear os fragmentos da Gripe Espanhola: “Dr. diretor de Higiene resolveu tornar obrigatório a notificação à Diretoria de Higiene, dos casos de influenza e dos óbitos ocorridos por efeito da epidemia, para assim se poder conhecer a marcha da moléstia e fazer-se as necessárias desinfecções, quando possível.”¹²⁸

¹²⁶ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2. FUNDAJ.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Ibid, p.1. FUNDAJ.

Ficando mais fácil traçar os caminhos onde a Gripe mais estava visitando e matando no espaço urbano do Recife: “Outra resolução do Dr. diretor de Higiene foi requisitar o serviço da repartição a seu cargo os médicos que serviam na Instrução Pública e na municipalidade do Recife.”¹²⁹ Um mutirão estava sendo montado pela saúde pública do Estado para procurar sanar o problema da Gripe Espanhola, em que médicos do Estado e do município do Recife se uniam, sob o comando do Diretor de Higiene do Estado em atendimento aos gripados:

Na sede da Diretoria de Higiene, à rua Conde da Boa Vista, qualquer pessoa poderá verificar pelos atestados de óbito dos cemitérios, o número de pessoas diariamente falecidas de gripe, número que, a partir de amanhã, será publicado todos os dias. Na primeira quinzena de setembro faleceram vinte (20) pessoas; na segunda quinzena do mesmo mês faleceram dezesseis (16) pessoas, faltando computar os óbitos dos cemitérios de Barro e da Várzea e no presente mês tem sido o seguinte o número de enterramentos de gripentes no cemitério de S. Amaro: Dia 1, um óbito; dia 2, três; dia 3, cinco; dia 4, dois; dia 5, sete; dia 6, três; dia 7, treze.¹³⁰

Com essa medida tomada a cima citado pela Diretoria de Higiene, fica evidente que o governo queria ganhar a confiança da sociedade e com isso acalmar os anseios do povo em função da epidemia, procurando mostrar uma administração transparente na medida em que colocava a disposição à situação que se encontrava a cidade do Recife sobre a questão da Gripe. Restava procurar saber se realmente esses números eram compatíveis com a realidade epidêmica, e que essa atitude era uma ação da saúde pública para camuflar os verdadeiros números da moléstia.

A oposição fazia comparações de administrações anteriores a atual Diretoria de Higiene em que de uma forma explícita desdenha dos feitos do Dr. Abelardo Baltar Diretor dessa repartição: “E o fato é que essa mesma Higiene que conseguiu extinguir todas as pestes, a amarela, a bubônica, a varíola, hoje se sente impotente para debelar a “influenza” e mostra-se completamente desaparelhada para conter a morte da população, qualquer que seja a epidemia¹³¹”. Uma coisa era clara, que o evento da Gripe Espanhola no Recife fazia revelar as deficiências da estrutura dessa saúde pública no período que grassava a epidemia, onde suas bases sanitárias eram insuficientes para enfrentar o mal da Gripe, ficando a administração sanitária da capital pernambucana em situação difícil perante o mal que reinava, mesmo levando em consideração as limitações da medicina de 1918.

¹²⁹ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2. FUNDAJ.

¹³⁰ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 16 out. 1918, ano 94, n. 285, p.1. FUNDAJ.

¹³¹ O GRANDE mal. **A Província**. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.1. FUNDAJ.

As comparações continuavam sendo feitas da Direção da Diretoria de Higiene de 1918 com a do médico Gouveia de Barros, tendo sido esse Diretor do Departamento de Higiene no Governo de Dantas Barreto. Continuava a cidade do Recife com um aspecto inquietador e triste segundo o jornal oposicionista *A Província*, em virtude de a epidemia continuar a produzir a enfermidade e a morte em todos os cantos da cidade, dizendo que na história de Pernambuco não houvera uma epidemia que em um espaço de tempo tão curto provocasse tantas vítimas. Finalizando o noticiário da *Província* que as práticas higienistas colocadas em ação pela Diretoria de Higiene eram insuficientes para debelar o mal que avassalava o Recife:

O Dr. Gouveia de Barros, que seria um homem para a situação, iria estragar-se e extenuar-se de encontro a uma porção de exigências governamentais de natureza pequenina, pessoal, política e entibiar a sua energia conhecida na falta de coesão que deve existir entre todos de uma administração. O grande mal está no governo; na incapacidade que nos administra. A epidemia aumenta. Os mortos se multiplicam. Chegará um ponto em que esse governo reconhecerá a sua incapacidade. A força brutal e coletiva da morte lhe abrirá a consciência.¹³²

Um fato bastante explorado pela imprensa opositora foi o falecimento do Diretor de Higiene já citado nesse trabalho: “A morte do Dr. Abelardo Baltar, produziu dolorosa impressão no espírito público, não só por ter sido um médico distinto, além de suas belas qualidades de cavalheiro, como por se tratar do diretor da Higiene.”¹³³ Onde teve o representante da saúde pública do Estado caído no leito da morte pela Gripe Espanhola. “E o povo, abalado pela triste notícia comentava que não tinha mais confiança na ação da Higiene, pois fora impotente para salvar o seu diretor.”¹³⁴ É de uma forma constante construída uma imagem negativa do poder médico estatal, pelo fato desse não conseguir frear o avanço da moléstia da Gripe, ainda mais quando o seu representante padece à morte vitimada por esse mal.

Algumas medidas de caráter imediatistas e de uma forma de baixo custo eram apresentadas pela oposição a Diretoria de Higiene, faziam referência a outras epidemias que passara o Estado como foi o caso da peste bubônica onde ações foram adotadas na época:

Se a “influenza” é transmitida pelo ar lembramos, pois, à Diretoria de Higiene e ao Dr. prefeito da capital, a porem em prática enquanto antes, as medidas tomadas no tempo da bubônica, fazendo queimar alcatrão e piche nos pontos da cidade que julgarem mais convenientes. Custa pouco esta medida que poder a dar novamente bons resultados (Recife, 14 – 10 – 1918 – Um vosso constante leitor).¹³⁵

¹³² O GRANDE mal. *A Província*. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.1. FUNDAJ.

¹³³ A “INFLUENZA”. *A Província*. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.2. FUNDAJ.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 1.

¹³⁵ *Ibid*, p.1. FUNDAJ.

As opiniões eram diversas e depoimentos eram dados nos noticiários como forma de orientações sobre a maneira das pessoas se comportarem para evitar a contaminação com a Gripe, e como o Diretório de Higiene poderia atuar no combate a essa, sendo todos esses apontamentos ineficazes para um entendimento de resolução do problema epidêmico à época.

Uma doença contagiosa é um evento social em que provoca uma mobilidade social, e que diversos segmentos da sociedade se apresentam como elementos alternativos para a solução do problema, principalmente camadas intelectualizadas da sociedade. Ainda mais quando se trata de um evento epidêmico de grande proporção como foi o caso da Gripe Espanhola na capital pernambucana em 1918:

O professor Paulo Forza, também nos enviou o seguinte: “Exmo. Sr. redator da “A Província” – A experiência e a prática de grandes epidemias, de peste negra, de “cóleramorbus” e de febre amarela, nas quais atuei como enfermeiro, me autorizam a dirigir-vos esta breve nota: “A única prescrição principal para diminuir para diminuir imediatamente o número de óbitos nas epidemias é esta: Proibir todas as vendas, nas ruas, nos botequins, de bebidas ou refrescos gelados, de frutas e, particularmente de abacaxis. Proibir a venda das frutas nos mercados, com exceção das laranjas e dos limões. Em Roma, Nápoles e Trieste, naquelas proibições e retirar-se as frutas nos tempos de epidemias, vi fazer-se estas proibições e retirar-se as frutas dos mercados. O ar rarefeito deve-se corromper com disparos de bombas, que, talvez, provoquem chuva, sendo muito higiênico também queimar-se alcatrão nas praças públicas. Aos inspetores municipais compete mandar examinar a carne e o peixe que se dá ao consumo, devendo ser incinerado o que não estiver em condições. Deve-se também impor aos farmacêuticos que tenham as suas farmácias abertas pelo menos durante 18 horas, inclusive aos domingos e feridos. São estes os meios mais viáveis de combater as epidemias. – Saudações respeitadas. – Professor Paulo Forza.¹³⁶

Eram feitas denúncias ao Diretório de Higiene sobre o fato de farmácias estarem fechadas e muitas não cumprirem os horários comerciais, deixando de atender pessoas acometidas pela Gripe, onde proprietários e seus parentes saíam em defesa com desculpas que estavam sendo caluniados e faziam de tudo para cumprir seus horários, mesmo com funcionários e donos desses estabelecimentos acamados com a Gripe.

Proprietários de farmácia e familiares se defendiam das acusações: “Trouxe-nos também o seu protesto pessoal, o Sr. Antonio Maria Marques Ferreira, irmão de um dos proprietários da farmácia Ferreira, à Praça Maciel Pinheiro, 407, declarando que a mesma permaneceu aberta até a 1 hora de hoje.¹³⁷ De imediato novas críticas foram feitas à Diretoria de Higiene, onde era cobrada uma atuação maior desse Departamento para que não faltasse profissionais ao atendimento aos enfermos com a Gripe Espanhola: “Srs. redatores da “A Província” – A repartição geral de Higiene do estado deve tomar a urgente deliberação de

¹³⁶ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.2. FUNDAJ.

¹³⁷ Ibidem, p.2. FUNDAJ.

enviar práticos para auxiliar aos Srs. farmacêuticos do Recife, em virtude da população estar sofrendo rudemente as consequências de não ser atendida com a presteza que deve ser nesta quadra anômala de sua vida.”¹³⁸

Para a oposição se não fosse possível os proprietários das farmácias aumentarem seus funcionários em decorrência das despesas, que a Diretoria de Higiene deveria enviar profissionais pagos pelo Governo para atender aos que tinham urgência. Era preciso fazer acabar com as filas nas farmácias onde doentes esperassem entre 3 e 4 horas para serem atendidos. “Na falta do médico, o farmacêutico deve esclarecer às partes de como se hão de conduzir no curso da moléstia, o que não pode fazer agora, em vista de não ter tempo para se coçar. – A voz humana.”¹³⁹

Era apontada também a falta de medicamentos nas farmácias, remédios que eram utilizados com mais frequência pelos atacados pela Gripe: “Na maioria das farmácias já não se encontram mais à venda os principais medicamentos aconselhados para a “influenza” como o quinino, o bromo-quinino, o pyramidon e a aspirina, além de muitos outros preparados estrangeiros”. As dificuldades reafirmavam na cidade do Recife, com a falta de pessoas capacitadas na área médica para atender aos enfermos pela moléstia da Gripe, colocando a Diretoria de Higiene sobre pressão da sociedade.

Devido à ansiedade provocada pela doença da Gripe comprava o povo todo medicamento que lhes fossem indicados, ocorrendo dessa forma o esgotamento de certos remédios. Procurando ainda o Governo na posição da Diretoria de Higiene, sem muito efeito para o enfrentamento da epidemia, aumentar os pontos de socorro em domicílio e distribuição de medicamentos em cinco novos postos:

A Diretoria de Higiene fará funcionar a partir de hoje, além do serviço de socorros a domicílio e do receituário e distribuição de medicamentos na sede da repartição, cinco postos de socorros, nos quais, as pessoas reconhecidamente pobres encontrarão médico e remédios. Esses postos estão assim distribuídos trabalhando das 7 às 11 horas da manhã: Ilha do Pina – No “Posto Miguel Pereira”- Dr. Severino Cruz e Balthazar de Oliveira. Torre – Farmácia da Torre – Dr. Odilon Gaspar e Paulino de Oliveira. Arruda – Farmácia do Arruda – Dr. Baptista da Silva e Lino Quintas. Afogados – Na Farmácia de Afogados - Dr. Thomé Dias e Amaro Abdon. Cordeiro – Na Farmácia do Cordeiro - Dr. José Climaco e Carlos Rios. Encruzilhada – Na Farmácia Nova- Dr. Armando Macêdo e João Tavares de Gouveia.¹⁴⁰

Essas medidas eram acompanhadas de denúncias constantes como já citadas em que paralelo às ações do Diretório de Higiene estava à ineficiência desse Diretório na opinião da

¹³⁸ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.2. FUNDAJ.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ *Ibid*, p.1. FUNDAJ.

imprensa oposicionista, era um clima de desespero que passava a sociedade. As ruas da cidade estavam abandonadas segundo o jornal *A Província*, em que as condições de higiene não atendiam a um convívio digno de saúde pública: “É raro o dia que não nos vêm trazer uma reclamação sobre poços d’água estagnada e outras imundices que se observam em certas ruas desta cidade, com especialidade nos becos.”¹⁴¹

A Diretoria de Higiene construirá um plano de interferência nos espaços públicos no Recife só na Direção do médico Octávio de Freitas, assunto esse que será abordado mais à frente desse trabalho.

Dando apoio ao Governo do estado o jornal *A Ordem* continuava a fazer publicações com elogios aos feitos do Diretório de Higiene, ressaltando as medidas tomadas por esse órgão: “Continuam com a maior eficiência a produzir os desejados efeitos, as medidas postas em prática pela Diretoria de Higiene no sentido de atender aos reclamos da população, presa da “influenza” que nos assalta.”¹⁴²

Eram dois discursos antagônicos e no meio desses uma população desesperada pelo medo da Gripe que matava. O jornal governista da *Ordem* enfatizava os esforços dos profissionais de saúde que estavam à frente no combate a epidemia da Gripe Espanhola: “Os seus médicos não descansam um só instante, notando-se cada vez mais crescendo o extraordinário movimento de receitas já aviadas e outras tantas a despachar, no posto da Diretoria.”¹⁴³ Se por um lado *A Província* representava uma oposição ao Governo do Estado outros jornais como o *Diário de Pernambuco* e *A Ordem* faziam valer seus noticiários de apoio às medidas tomadas pelo Diretório de Higiene, frente à epidemia de Gripe Espanhola em um Recife enfermo.

O nome do governador sempre que possível era apontado como feitor de grandes ações em combate a Gripe, colocando-o servindo aos pobres e relevando a sua postura de liderança em momentos de dificuldades que passava o Estado: “Ontem, o Exmo. Sr. Dr. Manoel Borba, benemérito governador do estado, mandou pôr à disposição dos médicos encarregados dos socorros aos atacados de “influenza” a quantia de 5:000\$000 para ser distribuída com as pessoas reconhecidamente pobres, a juízo dos aludidos profissionais.”¹⁴⁴

¹⁴¹ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 15 out. 1918, ano XLI, n. 284, p.2. FUNDAJ.

¹⁴² A INFLUENZA Reinante. **A ordem**. Recife, 11 out. 1918, ano II, n. 281, p.1. FUNDAJ.

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ *Ibid*.

As principais medidas da Diretoria de Higiene identificadas por essa pesquisa durante a epidemia da Gripe Espanhola, antes de Octávio de Freitas assumir a Direção foi o processo de descentralização do atendimento as pessoas com a moléstia, onde as farmácias serviram como postos de atendimento aos enfermos, a distribuição de medicamento nesses postos e o auxílio financeiro aos “pobres” que estavam a precisar por não poder trabalhar em consequência de estarem enfermos com a Gripe.

O que se percebe na construção desse trabalho é que durante a epidemia que tomou conta do Recife em 1918, foi uma demora das autoridades em fazer reconhecer a situação de epidemia que assolava a urbe recifense, facilitando com isso o avanço rápido da moléstia. E que mesmo com as dificuldades encontradas pelo aparelho médico no momento epidêmico, ações foram colocadas em práticas no enfrentamento da doença, observando as limitações da medicina em relação ao inesperado e novo que foi a Gripe Espanhola.

3.3 AS RUPTURAS IMPOSTAS À VIDA COTIDIANA E A MORTE NO RECIFE

O levantamento do número de mortes provocado pela Gripe traz como principais referências os apontamentos dos cemitérios e os números dos óbitos nos hospitais citados nos arquivos dos jornais pesquisados, e no relatório final de Octávio de Freitas¹⁴⁵ sobre a Gripe Espanhola. Quando mortos e doentes em consequência da epidemia da Gripe no Recife provocaram uma situação de calamidade à estrutura urbana da capital pernambucana.

As informações quantitativas sobre os mortos com a Gripe Espanhola no Recife de 1918 foram atrapalhadas pela desarrumação social provocada pela epidemia, em decorrência dos serviços de higiene e dos cemitérios nos espaços urbanizados da cidade, pois as imprecisões dos números de óbitos são sempre de difícil controle em momentos de epidemias. Não se pode deixar de levar em consideração a posição do Governo que em muitas vezes procura camuflar os números de enfermos e óbitos como forma de fazer preservar a imagem da administração pública.

A primeira notícia de morte com a Gripe Espanhola no Recife é dada pelo jornal A Província em 09 de outubro de 1918: “Ocorreu anteontem um caso fatal, à Rua de São Jorge”.

¹⁴⁵ Sobre Octávio de Freitas esse tópico apontará só os números de óbitos em seu relatório sobre a epidemia da Gripe Espanhola, ficando seus métodos de combate a essa doença a serem abordados no terceiro capítulo desse trabalho.

O Sr. Manoel Joaquim da Motta, aí residente, faleceu de “influenza”.¹⁴⁶ Dizendo à notícia que a morte da pessoa citada teria ocorrido em 07 de outubro daquele ano, isso faz ressaltar que nessa época ocorreram os primeiros óbitos com a moléstia da Gripe no Recife. Os sintomas da moléstia da Gripe segundo a saúde pública do Estado era de dor de cabeça, pernas fracas, tosse, febre de 38 graus e meio, corpo mole e aspecto cadavérico do doente.

O medo estava presente no que toca uma forma nova de Gripe hoje conhecida com H1N1, uma fórmula letal, uma situação que colocava as pessoas a espera do pior, como forte candidata ao leito da morte, sendo a morte um fenômeno natural, porém espaços hospitalares se apresentaram no contexto da epidemia no Recife, como locais que “desnaturalizavam” o fator morte:

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.¹⁴⁷

Na esfera médico-governamental do Recife o pronunciamento da saúde pública, era que o Estado estava tomando todas as medidas cabíveis para combater a epidemia. Por Recife ser uma cidade portuária era muito difícil fazer o controle de pessoas que não paravam de chegar às embarcações de todos os lugares, visto que o problema da Gripe Espanhola não era só do Recife e que muitas pessoas vindas de outras regiões do Brasil e do Mundo desembarcavam aqui, muitas veze, já com a moléstia da Gripe e fazendo com isso proliferar mais rápido a doença nos espaços urbanizados da cidade.

Só partir do dia 12 de outubro do ano corrente (1918) é que o jornal do Diário de Pernambuco faz seus primeiros noticiários sobre a morte provocada pela Gripe Espanhola, três dias depois do opositor ao Governo o jornal A Província ter noticiado a primeira morte, não afirmando que a primeira vítima fatal tenha ocorrido em 07 de outubro, porém o primeiro noticiário sobre óbito em relação à epidemia que reinava foi desse dia:

FALECIMENTOS: Vítima de influenza, veio a falecer anteontem nesta capital o estimável cavalheiro Sr. Euclides Bandeira, proprietário da acreditada “Casa Bandeira”, sita à rua da Imperatriz. Era o extinto natural do Estado do Ceará, tendo vindo há anos para esta cidade, aqui fixando residência e desenvolvendo sua atividade no comércio. Era casado com a Exma. Sra. D. Hermezinda Sá Nogueira Bandeira, deixando três filhos menores: Alfredo, Maria Thereza e Euclides. A notícia da morte do Sr. Euclides Bandeira ecoou dolorosamente no círculo de suas relações de amizade.¹⁴⁸

¹⁴⁶ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p.1-2. FUNDAJ.

¹⁴⁷ ROSS, Elizabeth Kubler. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução: Paulo Menezes. São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 9.

¹⁴⁸ DIÁRIO SOCIAL. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ.

As notas de falecimentos começaram a ser inevitáveis nos jornais até mesmo da imprensa governista como era o Diário de Pernambuco, nota-se inicialmente que essas notícias ressaltavam pessoas pertencentes à alta classe da sociedade recifense. Ainda não era mencionado o povo, os que formavam a classe baixa, os mais afetados, necessitando de uma urgência maior nos atendimentos aos enfermos com a Gripe, esses que não possuíam nenhuma perspectiva de segurança frente à calamidade causada pela crescente taxa de mortalidade provocada pela epidemia da Influenza Espanhola.

Criava a epidemia algumas situações calamitosas para a sociedade, no dia 13 de outubro o jornal A Província noticiava que cidadãos foram encontrados ao chão, na Rua Aurora, Rua Nova e no Quartel de Santo Antônio, região central do Recife, onde esses foram socorridos pela assistência pública e de imediato levados ao Hospital Pedro II. “Com o passar dos dias, o desenrolar da gripe forçou o reconhecimento de sua existência e sua singularidade por toda a imprensa. Nem por isso cessam as diversas representações desse mesmo evento nos diferentes veículos.”¹⁴⁹

Outras classes que constantemente eram lidas nas entrelinhas dos noticiários dos jornais eram a dos Médicos e os bacharéis em Direito e seus parentes, onde o anúncio de seus óbitos eram tratados com respeito e sua honradez era explicitada como pessoas de grande importância dentro da sociedade recifense: “Faleceu ontem, à tarde na sua residência, na estrada dos Aflitos 516 a Exma. Sra. D. Isabel de Mendonça Pinto Pessoa, digna viúva do saudoso Sr. Dr. Francisco Pinto Pessoa. O seu enterramento realiza-se hoje, às 4 horas da tarde no cemitério de Santo Amaro. Condolências à sua família.”¹⁵⁰

Cartas eram enviadas às redações dos jornais locais, onde as pessoas relatavam o que lhes acontecia e aos seus familiares. Relatavam a situação de familiares doentes e de pessoas encontradas nas ruas caídas, sem ter forças para chegarem às suas moradias, onde muitas dessas chegavam a delirar e a condição de loucura, pela febre causada em decorrência da Gripe. Antes das cartas serem publicadas as redações dos jornais mandavam seus funcionários conferir as informações, construindo dessa forma uma confiabilidade às publicações.

As notícias de morte em função da Gripe Espanhola não paravam de chegar pelas páginas dos jornais que circulavam pelo Recife, eram dias de terror onde fez mostrar o evento epidêmico, que mesmo tendo sido as classes baixas da capital pernambucana as que mais

¹⁴⁹ FÁRIAS, Eduardo Alexandre de. **Jornalismo à Espanhola: Um olhar sobre a gripe de 1918.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Artes e Comunicação – PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, p. 56.

¹⁵⁰ DIÁRIO SOCIAL. **Diário de Pernambuco.** Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3. FUNDAJ.

sofreram como já citado, a moléstia não deixou de visitar os que formavam a elite dessa sociedade¹⁵¹: “Major Câmara Pimentel – Assaltado pela moléstia que reina nesta capital, veio a falecer ontem, pela madrugada às 2 horas, em casa de sua residência à travessa de São José, o ilustre Sr. major Manoel José da Câmara Pimentel, da Força Policial deste Estado.”¹⁵² Os militares de alta patente e pessoas de suas famílias também eram sempre citados e referenciados nas notas de seus falecimentos nos jornais.

A notoriedade do crescente aumento nos noticiários fúnebres em alusão às missas de sétimo dia, decorrentes das mortes pela Gripe Espanhola, e os anúncios nas colunas sociais dos jornais, com notas de pessoas influentes na sociedade recifense, acometidas e mortas pela moléstia reinante eram indícios sobre o aumento de vítimas fatais na cidade, sobre esse assunto verificar nos anexos o relatório de Octávio de Freitas sobre a epidemia de Gripe no Recife de 1918.

Quando o assunto se trata de uma epidemia, conseqüentemente também se refere aos atacados por essa e os que morreram através dela, em uma pesquisa como essa que se apresenta é natural procurar fazer um levantamento do número de pessoas que são infectadas e das que morreram em decorrência da doença. Com a Gripe Espanhola não foi diferente no Recife doente, como um evento social que foi essa epidemia, trás para esse trabalho uma série de indagações sobre os números apontados pelos órgãos competentes no Recife de 1918.¹⁵³

O jornal A Província começou em 11 de outubro do ano epidêmico da espanhola começa a fazer visitas ao cemitério de Santo Amaro com intuito de divulgar os números reais de mortes de pessoas infectadas pela Gripe. Para a oposição era uma forma de pressionar as autoridades competentes para que essas monitorassem a situação da epidemia:

¹⁵¹ A elite Recifense era formada por grandes comerciantes, oficiais de alta patente, banqueiros e latifundiários que tinham residência na capital pernambucana.

¹⁵² DIÁRIO SOCIAL. **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 out. 1918, ano 94, n. 283, p.3. FUNDAJ.

¹⁵³ Esses Órgãos que se refere o presente trabalho foram: Os cemitérios, Hospitais e o Diretório de Higiene do Estado.

NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: No intuito de colhermos notas seguras sobre o número de pessoas mortas, vitimadas pela peste, fomos ontem ao cemitério público de Santo Amaro. Eram 17 ½ horas, quando ali chegamos. Nas proximidades do campo santo era grande a multidão que aguardava a chegada dos cortejos fúnebres. Penetramos, então, na secretaria do cemitério. Havia desusado movimento. Os empregados não descansavam, pois de instante a instante tinham que providenciar no sentido de serem sepultados os cadáveres que ali chegavam. Já às 18 horas, quando o movimento decresceu um pouco, procuramos adquirir a lista dos mortos vitimados pela peste. O empregado do cemitério, com quem nos entendemos sobre o assunto disse-nos o seguinte: - Não leve a mal, mas eu tenho ordem para não fornecer os nomes dos mortos. - E de quem é essa ordem? Indagamos nós. - É do administrador. - Está bem. Nisso, entra na secretaria o coronel Gaspar Florentino, que é o administrador do cemitério. Fomos, incontinenti, ao seu encontro. - O que deseja? Perguntou-nos o alto funcionário. - Que o administrador nos forneça [ilegível] às suas ordens no sentido de conseguirmos os nomes dos mortos vitimados pela “influenza” e que foram hoje sepultados no cemitério. - Não é possível. - E por que? - Por não termos tido tempo suficiente para organizarmos esse mapa, o que só poderá ser sempre feito no dia seguinte. - E não pode fazer um cálculo das pessoas enterradas no cemitério, atacadas da peste? - O número é bastante elevado. Veja, porém, se consegue com os empregados, pois para eles isso é mais fácil. Foi o que fizemos. Algum tempo depois tínhamos o número certo dos mortos. Oitenta e oito já haviam sido sepultados no campo santo, esperava-se, porém, por mais dois mortos, sendo ao todo noventa.¹⁵⁴

Os números de mortes cresciam em consequência da epidemia no Recife, fazendo com que o principal cemitério da cidade virasse um aglomerado de pessoas em formação de cortejos fúnebres, o volume de sepultamentos era grande, dificultando dessa forma a administração do cemitério de Santo Amaro registrar com organização a quantidade de óbitos diariamente.

O necrotério público também fora visitado pela imprensa do jornal A Província em que constataria um número de 13 cadáveres vitimados pela Gripe que esperavam para serem enterrados, tinha segundo o jornal o intuito de informar ao público o que existia de verdade sobre a epidemia, em função dos números de mortes provocados por essa, isso no dia 12 de outubro.

Fazendo ressaltar que a escrita da história por meio da imprensa quase sempre não é neutra, tendo esses jornais se profissionalizando com o passar do tempo mais sem perder o caráter de opinião e de intervenção na vida pública, pois no percurso da escrita desse trabalho foi importante fazer observações das possibilidades das informações em relação aos acontecimentos no cotidiano da cidade do Recife em decorrência da Gripe em 1918, principalmente aos números estatísticos de mortes apontados nesses jornais no momento da epidemia, para com isso mostrar no resultado final uma estimativa próxima de uma realidade dos fatos históricos ocorridos.

¹⁵⁴ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2. FUNDAJ.

Diariamente relatos de pessoas comuns começavam a ser divulgados nos jornais, como A Província que listava e dizia as funções na sociedade recifense dos mortos pela Gripe, a Espanhola estava fazendo sua festa à medida que andava solta pelos becos, ruas e avenidas em uma urbe adoentada. As vítimas eram pessoas de vários segmentos de uma sociedade que através de seu poder público não conseguia fazer diminuir os óbitos constantes provocados pela Influenza:

Faleceram ontem vitimadas pela “influenza” as seguintes pessoas: Maria Joana, companheira de Joaquim Escobar, residente à rua do Catucá, em Afogados; um proprietário de bilhar conhecido por “Tutu talhador”, que residia no mesmo lugar; e o italiano João Perelli, conhecido por “João Pepino”, estabelecido com um restaurante à rua das Florentinas; D. Candida Magalhães Ferreira Gouveia, esposa do cel. Manoel Nivaldo Ferreira Gouveia, ex chefe político da Encruzilhada; Clemente Alcoforado, auxiliar do escritório do “Jornal do Recife”, e muitos outros cujos nomes não puderam nos informar. Sucumbiram também o Sr. João de Moraes Coutinho, auxiliar da casa Williams & C., e a senhorita Ismenia Esmeraldina da Silva Rios, irmã do Sr. Samuel Rios, administrador do presídio de Fernando de Noronha.¹⁵⁵

No porto do Recife continuava a chegar pessoas enfermas pela Gripe: “O “Pará”, chegado ontem a este porto, procedente do sul, trouxe atacados de “influenza” 50 pessoas. Por esse motivo, o pacote ficou no ancoradouro externo. À noite verificou-se um óbito a bordo daquele navio, tendo o cadáver da vítima vindo para terra, ficando em depósito¹⁵⁶”. Notícia essa datada de 12 de outubro.

Em uma forma de denúncia o jornal A Província relata o caso de um estivador conhecido como Maceió, relatando o abandono de seu corpo, onde devido às condições de pobreza desse trabalhador não lhe dava a possibilidade de um enterro pago por esse, levando dessa forma o seu cadáver a ficar em situação de abandono por alguns dias em sua moradia. A crítica era feita em virtude da não assistência da Diretoria de Higiene a pessoas pobres em relação ao sepultamento, pois outras medidas de distribuição de medicamentos e até mesmo de “dinheiro aos pobres” eram feitas por essa repartição, não atendendo segundo a oposição, um requisito primordial que era o da busca pelo corpo do morto e do sepultamento de imediato a essas pessoas:

Dentre os que adoeceram da epidemia reinante, achava-se o de nome “Maceió”, que foi acometido gravemente, vindo a falecer na quinta-feira última à noite. Tratava-se de um homem que não deixara sequer o dinheiro necessário para ser enterrado e no mesmo caso estavam os companheiros que ainda não haviam abandonado a casa.¹⁵⁷

¹⁵⁵ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, pp.1-2. FUNDAJ.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 2.

¹⁵⁷ *Ibid*, p.1.

Na ocasião o estivador citado a cima conhecido como Maceió, o seu corpo entrara em estado de decomposição levando a pessoas que moravam no mesmo prédio que ele a se mudar pela fedentina causada pelo seu cadáver, e outros moradores da mesma rua em que não aguantavam o fedor. Era uma questão de saúde pública em que a Diretoria de Higiene estava sendo questionada sobre a falta de iniciativa sobre o caso: “Às dez horas de ontem é que a caridade foi buscar o corpo do desventurado estivador, afim de levá-lo ao cemitério. E os servidores da Higiene, afrontando a atitude indignada das pessoas que observavam à distância, derramaram fleumaticamente creolina na calçada do prédio, certos de terem cumprido o seu dever.”¹⁵⁸

Ficando dessa forma por três dias o corpo do estivador Maceió sem sepultamento, onde outras pessoas que ali viviam com ele, trabalhadores também da estiva permanecendo no ambiente pelo motivo de estarem acamados com a enfermidade da Gripe. Sobre esses personagens na história, Michel Foucault¹⁵⁹ trata de homens infames, em que pessoas como o Maceió e seus companheiros são colocadas em uma realidade de vidas obscuras, destinadas a passar sem deixar rastro na história, o seu encontro com o poder, de um poder que queria aniquilá-las, apagá-las, dizê-las infames foi o que fez surgir seu corpo. Assim, Foucault destaca que o retorno dessas existências agora, se dá pela mesma forma como foram expulsas, como infames.

Na cidade do Recife um comércio que ganhava uma dinâmica com o caos da epidemia da Gripe foi a das casas funerárias: “As casas funerárias desta cidade, têm triplicado a confecção de caixões, vendo-se muitas vezes obrigadas a contratar pessoal, a fim de atender às encomendas.”¹⁶⁰ Esse movimento refletia no retrato da incidência da Influenza Espanhola com o aumento de casos fatais provocados pela doença: “Ainda faleceu ontem, vítima da epidemia, o Sr. Marinho Soares Ferreira, casado, de 35 anos de idade e que residia no Espinheiro. O extinto era comerciante e deixou filhos.”¹⁶¹ As notícias sobre mortes seguiam em frente, eram dias de horror em uma cidade adoentada, a epidemia já fazia atingir todos os espaços urbanizados do Recife.

No dia 12 de outubro do corrente ano da epidemia, o jornal A Província faz mais uma visita ao cemitério de Santo Amaro para obter números precisos de mortos pela Gripe: “Às 17

¹⁵⁸ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1. FUNDAJ.

¹⁵⁹ FOUCALT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 1.

¹⁶¹ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1. FUNDAJ.

horas, quando ali chegamos, já haviam sido sepultadas 72 pessoas; durante a nossa permanência no campo santo, que foi de uma hora, vimos chegar mais 9 enterros, elevando-se assim o número de mortos para 81.”¹⁶² Números esses que só aumentavam, pois nesse mesmo dia estavam a esperar no necrotério público mais 13 corpos que também tinham sido vitimados pela Gripe segundo o jornal, fazendo uma soma de 94 mortos nesse dia.

Com o aumento crescente de falecimentos em virtude da epidemia, o administrador do cemitério de Santo Amaro, Coronel Gaspar Florentino, aumentou o número de coveiros, pedreiros e ajudantes para que pudesse fazer um melhor atendimento aos serviços de sepultamentos. “Antes de se manifestar essa terrível epidemia, trabalhavam no cemitério 4 coveiros, 2 pedreiros e 2 ajudantes. Agora, porém, existem 10 coveiros, 4 pedreiros e 6 ajudantes e esse pessoal ainda não é suficiente para o serviço.”¹⁶³ O aumento de óbitos no cemitério serviu para observar o avanço da mortalidade no Recife que padecia com a Gripe Espanhola.

O mês de outubro foi um período de calamidade na sociedade recifense, pois a epidemia da Gripe começou a mostrar sua real face e capacidade de matar com tamanha facilidade, ficando o campo médico sem controle da situação. Orientações como não visitar pessoas enfermas com a Gripe eram dadas a população, porém os médicos não sabiam como impedir que seus pacientes em casa fossem visitados por amigos e familiares.

O flagelo reinante da doença não conseguia impedir as relações sociais e culturais entre as pessoas que por vez ignoravam a ordem dos médicos, que pediam aos parentes e amigos para não visitarem os acometidos pela doença, continuando as pessoas a realizar visitas.

A repercussão das mortes era grande e pairava sobre o Recife uma inquietação social notadamente em função do evento epidêmico que assolava a cidade, onde regularmente as informações pertinentes à morte eram dadas: “Aumenta o número de mortos, vitimados pela peste. Anteontem foram sepultadas no cemitério de Santo amaro, 96 pessoas. Ontem se enterraram ali 110 pessoas. Como se vê, houve um acréscimo de 14 enterros.”¹⁶⁴

As notícias da Gripe Espanhola conseguem superar as da primeira guerra no mês de outubro na capital pernambucana, era o retrato de uma cidade que chegava a uma posição de

¹⁶² A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1. FUNDAJ.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 1.

¹⁶⁴ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2. FUNDAJ.

morbidez, enquadrada pelo estigma de uma doença que quebrava a dinâmica do cotidiano urbano das pessoas que a habitavam.

O único movimento que havia nas ruas do centro da cidade era o dos carros levando corpos para o depósito,¹⁶⁵ produzindo uma desolação em tudo: “À hora em que escrevemos estas linhas – 22 horas e 40 minutos – numa banca de redação d’ “A Província”, à rua do Imperador, os martelos fatídicos da Casa Agra pregam e repregam caixões mortuários”,¹⁶⁶ esse foi um relato do jornal A Província.

Era um cenário assustador de colocar em choque as pessoas que ficavam sem perspectiva de dias melhores, frente a um contexto social mórbido dominado pela Gripe Espanhola, em que a ausência de um número grande de cidadãos no centro da urbe traduzia uma cidade doente, abandonada, sem esperanças e enquadrada pela morte. Eram dias difíceis para o Recife que cotidianamente padecia perante a epidemia.

¹⁶⁵ Entende esse trabalho que o Depósito era o Necrotério da cidade.

¹⁶⁶ Ibidem.

4 A CIDADE SE CURANDO, O RECIFE SE CONVALESCENDO

4.1 AÇÕES DE OCTÁVIO DE FREITAS FRENTE À EPIDEMIA DA GRIPE

Com o falecimento do Dr. Abelardo Baltar, então Diretor de Higiene do Estado de Pernambuco, tendo esse chegado a óbito no mês de outubro de 1918, vitimado pela Gripe Espanhola como já colocado nesse trabalho, é convidado para ocupar o seu cargo o médico renomado Dr. Octávio de Freitas, que toma posse em 15 de outubro. Em 1894, Octávio teria sido nomeado para o cargo de adjunto da Superintendência de Higiene municipal da prefeitura do Recife aos 22 anos: “Era diplomado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1893, Octávio depois de defender tese – “Estudo Gráfico de Pulso” – retornou a Recife para junto de sua mãe viúva e de seus irmãos, e aqui exercer sua profissão.”¹⁶⁷

O Dr. Abelardo Baltar quando ocupava o cargo de Diretor de Higiene do Estado procurou colocar em prática o que estava ao alcance da medicina da época, mesmo assim não foi poupado pela imprensa de oposição que o achincalhou, colocando – de uma forma direta – a culpa pelo agravamento da epidemia que pairava no Recife em suas mãos. Eram dias difíceis, e a chegada de Octávio de Freitas à Diretoria de Saúde surgia como uma forma de solução, pois esse era recebido com bons olhos não só pelos que compunham o governo, mas também por parte da imprensa de oposição:

Dr. Octavio de Freitas

A convite do Exmo. Sr. governador do Estado assumiu ontem, em comissão, as funções de diretor da Higiene Pública do Estado, o ilustre cientista Dr. Octavio de Freitas, nome que, por si só, é uma garantia de competência, zelo e dedicação pela causa pública. Sendo, como é, o Dr. Octavio de Freitas um dos mais brilhantes e reputados bacteriologistas do Brasil, e como tal unanimemente reconhecido e acatado em todo o país, nenhum outro nome poderia melhor encontrar-se neste momento, à altura da espinhosa missão que lhe confiou o governo; nem nenhum poderia ser mais bem recebido, quer pela classe médica, quer pela população em geral.¹⁶⁸

É de tamanha estranheza a forma como a figura do Dr. Octávio de Freitas é recebido pelos que criticavam o trabalho do Dr. Abelardo Baltar, a forma de escrita elogiando a sua pessoa e dando a esse um apoio a sua chegada ao posto de Diretor de Higiene do Estado, uma vez que essa mesma imprensa desacreditava e colocava em dúvida as ações do governo de Manoel Borba, no tocante ao enfrentamento da epidemia.

¹⁶⁷ TÁVORA, José Geraldo. **Octávio de Freitas**. Um Homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993, p. 93.

¹⁶⁸ DR. OCTAVIO de Freitas. **Diário de Pernambuco**. Recife, 16 out. 1918, ano 94, n. 285, p.1.

Logo após assumir o cargo, Octávio de Freitas manda desinfetar o mercado de São José e os armazéns do Cais do Porto, localizados no centro da cidade do Recife, solicita ao prefeito dessa cidade a proibição de visitas aos cemitérios e de acompanhamento de enterros. Essas medidas também foram tomadas pelo ex-diretor de Higiene Abelardo Baltar. Pede Octávio que sejam enviados diariamente ao Diretório de Higiene, não mais semanalmente como era de costume, os atestados de óbitos ocorridos na cidade, fato esse novo com a nova gestão do Diretório.

Junto com o Dr. Mário Roma, Diretor do instituto bacteriológico, Freitas realiza um trabalho de pesquisa para tentar identificar a causa científica dos mortos pela Influenza. Segundo o jornal Diário de Pernambuco, vinha fazendo publicar, a Diretoria de Higiene, os mapas dos cemitérios do Recife com os atestados de óbitos em decorrência da epidemia: “Continuam à disposição do público para verificação dos informes que sobre o obituário por influenza tem publicado a Diretoria de Higiene, os mapas dos cemitérios desta cidade e os atestados de óbitos relativos à epidemia.”¹⁶⁹ Procurando passar segurança e “transparência” em suas primeiras ações frente ao Diretório de Higiene, como uma forma de dar satisfação à sociedade recifense e ao mesmo tempo transparecer segurança nas informações de dados em função do número de mortos com a epidemia, Freitas procura dar uma nova cara ao enfrentamento da Gripe.

As farmácias continuavam como pontos de socorro e na distribuição de medicamentos aos que precisavam. Era medicamentos manipulados pelos funcionários da Higiene, fazendo pagar às farmácias o Estado só o custo do material utilizado, como era comum na outra gestão de Diretório de Higiene. Faz o jornal Diário um noticiário que revela o nome do então falecido antigo Diretor de Higiene Dr. Abelardo Baltar. Nele, ressalta a falta de reconhecimento dos seus feitos à frente da Saúde do Estado, colocando que a oposição não reconheceria a grandeza de suas contribuições nem no momento de sua morte:

Todos vimos como ainda no domingo último, sobre o jovem e malgrado Dr. Abelardo Baltar, agonizante, se encarniçava a fúria ensandecida de certa imprensa, que parece ter perdido por completo as noções mais rudimentares da compostura, da medida e, até, da solidariedade humana, junto a um leito de sofrimento e de dor. Agonizasse nele o maior dos celerados quanto mais um moço tão digno como quem mais o fosse, cujo único delito consistia em achar-se à frente da Higiene Pública do Estado ao irromper, entre nós, uma epidemia que se vem fazendo sentir por toda a parte, mais que aqui entendeu-se aproveitar como um achado, para o serviço sempre odioso, ingrato e estéril, das competições políticas, em que o “povo”, a “causa do povo”, o “interesse do povo” servem mais uma vez e sempre de “gato morto.”¹⁷⁰

¹⁶⁹ A INFLUENZA Hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286, p.2.

¹⁷⁰ VARIAS. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286, p.3.

Através de seu periódico, A Província dá as boas-vindas ao Dr. Octávio de Freitas, enaltecendo seu requisito como médico e o apresentando como sendo a solução dos “problemas” administrativos da Higiene do Estado. Assim, colocava a responsabilidade da situação caótica por que passara o Recife na figura do Dr. Abelardo Baltar, não levando em consideração que a epidemia colocará de mãos atadas quem quer que estivesse à frente do cargo de Diretor de Higiene. Muda-se o comando no enfrentamento a Gripe, porém os rumos da epidemia quem define é o seu próprio tempo de duração. Não existia uma profilaxia para a doença na época. Estabelecer um método para combater a doença não significava impor limites à moléstia, pois essa continuara a promover um rastro de morte na capital pernambucana. Dizia A Província em seus noticiários:

O NOVO DIRETOR DA HIGIENE

A população inteira do Recife estava receosa que a escolha do novo diretor da Higiene não recaísse sobre um profissional competente e de responsabilidade. Desta escolha dependeria certamente a continuação dessas medidas incompletas da Higiene, que pouco ou nada têm produzido a bem da saúde pública, ou então mudança radical naquela rotineira repartição. Foi nomeado ontem o Dr. Octavio de Freitas, médico de merecimento, cuja competência é inconteste. Ele vai ocupar um cargo de grande responsabilidade, mormente no tempo atual, em que a cidade está a braços com uma terrível epidemia. O Dr. Octavio de Freitas certamente há de emprestar há de empregar o melhor de sua inteligência e esforço para debelar este mal que apavora a capital, empregando medidas eficazes de higiene. É o que o povo espera, a bem de sua saúde, que até ontem não mereceu a devida atenção dos poderes competentes.¹⁷¹

A esperança trazida pelos noticiários com a chegada de Octávio de Freitas ao comando da Saúde do Estado era que, com suas ações, o cotidiano da cidade do Recife começasse a voltar à normalidade. No entanto, era preciso salientar que passavam vinte dias de epidemia na cidade, e que as epidemias têm seu tempo de duração. Quando Freitas chega ao comando da Diretoria, encontra uma situação diferente do período em que Baltar era Diretor, visto que esse enfrenta a doença no seu início.

Fez Octávio de Freitas dispor o Diretório de um número maior de médicos para socorrer as pessoas enfermas com a Gripe em seus domicílios, atendendo em farmácias nos subúrbios, intensificando a distribuição de medicamentos aos “pobres” que estivessem acometidos com a influenza, e mais uma vez fazendo lembrar à obrigatoriedade de notificação pela Diretoria de Saúde dos doentes e óbitos pela Gripe, para com isso conhecer os caminhos trilhados pela moléstia, e providenciar as desinfecções dos locais quando fosse possível. Como Diretor da Escola de Farmácia do Estado, no dia 16 de outubro o Dr. Octávio de Freitas resolve suspender as aulas até o dia 24 do mês corrente, em decorrência de empregados se encontrarem doentes com a Gripe.

¹⁷¹ A “INFLUENZA”. A **Província**. Recife, 16 out. 1918, ano XLI, n. 285, p.1.

A Província associava a questão da epidemia por que passará o Recife a questões alimentícias, assim denunciava a forma como alimentos eram vendidos, expostos com falta de higiene, ameaçando o bem-estar da população:

A saúde do povo está intimamente ligada ao problema da alimentação. Que garantias pode dar o Dr. Octavio de Freitas da saúde de uma cidade atacada pela maior e mais assassina das epidemias e onde a carne é exposta à venda sem cuidados médicos? Esta folha noticiou até matadouros clandestinos, onde se abatiam bois, justamente porque se fossem abatidos no Matadouro Público seriam condenados!... Que providência tomou a Prefeitura? Se as tomou, também o fez em segredo.¹⁷²

Eram feitos apontamentos de irregularidades sobre a venda de alimentos no centro e nos bairros do Recife, fazendo denunciar também A Província que o leite dado pela prefeitura do Recife aos doentes estava batizado com água e polvilho. Com isso, a Saúde do Estado colocava em perigo uma fonte de alimentação de grande importância para a população flagelada, vitimada pela epidemia. Mais uma vez é abordada a questão do alto preço pelo qual os comerciantes estavam vendendo esse gênero alimentício, tomando proveito da situação de caos por que passava a população, pedindo que as autoridades tomassem medidas contra essas práticas.

Octávio de Freitas é apontado pala oposição como uma tábua de salvação para os problemas causados pela moléstia que atacava a população, porém essa enfatizava que: “Se descêssemos à organização administrativa, deficiente e anárquica em que a politicalha transformou a instituição sanitária, escreveríamos colunas. Assim, o mais estudioso dos nossos médicos, o Dr. Octavio de Freitas, não pode ser uma certeza; é, entretanto, uma esperança.”¹⁷³ Na escrita da Província, é dito que a nova Diretoria de Saúde do Estado, as ações seriam publicadas constantemente, sem esconder números, praticando dessa forma uma notificação compulsória e uma ação constante na desinfecção dos espaços públicos, sendo esse trabalho realizado com método, coisa que segundo os que formavam a oposição não existia na antiga gestão de Saúde.

Procurava a oposição mostrar que o defeito estava na antiga Diretoria de Saúde, com o Dr. Abelardo Baltar, salientando que as suas ações no que se se percebeu na construção desse trabalho foram às mesmas da Diretoria que o substituiu, com algumas diferenças, como já citadas, informar diariamente os casos de morte, e não mais semanalmente.

O que esse trabalho indaga entre as providências tomadas pelas duas Diretorias em debate é qual seria o combate correto, as ações pertinentes e eficazes em relação à Gripe

¹⁷² UMA ESPERANÇA na Morte. **A Província**. Recife, 17 out. 1918, ano XLI, n. 286, p.1.

¹⁷³ Ibidem.

Espanhola? Pois se não existia um remédio específico para essa doença, quais eram as medidas exatas em caráter de profilaxia em função dessa epidemia? Ou o que estava em debate era o prestígio dos Diretores da Saúde, na figura de Abelardo Baltar e Octávio de Freitas, em que esse segundo gozava de muito prestígio dentro da sociedade recifense, tendo dessa forma trânsito livre no que tocava à aceitação de sua pessoa na liderança da Saúde do Estado.

Sobre o declínio da epidemia fazia noticiar o Diário de Pernambuco o aumento do movimento de pessoas nas ruas do Recife, observando o crescimento do número de carros e grande também a abertura de estabelecimentos comerciais, que se encontravam fechados em consequência da epidemia reinante na cidade. Isso já no dia 18 de outubro do ano corrente.

A Direção de Higiene continuava com suas medidas de desinfecção: “O Dr. Diretor da Higiene continuou ontem a tomar as mais enérgicas providências no sentido de dar combate à moléstia reinante, tendo continuado também o serviço de desinfecção em vários locais¹⁷⁴”. Existia uma forte crença na prática de limpeza urbana como ação eficaz ao combate a moléstia da Gripe. Esse serviço era feito sempre pela madrugada no centro do Recife e bairros próximos ao centro. Uma medida implantada pela Saúde Pública foi solicitar à pessoa do prefeito do Recife a fixação de um preço máximo para a garrafa do leite, procurando evitar a exploração pelos comerciantes do gênero, acreditando ser esse alimento de suma importância para o fortalecimento dos enfermos com a influenza.

O Jornal A Província também como o Diário mencionava o crescimento do movimento de pessoas na capital pernambucana, porém ao mesmo tempo fazia apontar o aumento do número de mortes com a Gripe, que continuava alto:

A cidade vai pouco a pouco sendo movimentada. Os bondes ontem conduziram mais passageiros que nos dias precedentes o que é um feliz presságio de que a terrível epidemia vai decrescer entre nós. A mortalidade, entretanto, continua a apresentar um número elevadíssimo de vítimas da epidemia. Todos os dias, às 18 horas, perguntamos o número de cadáveres enterrados até aquela hora. E o número que o coronel Gaspar Florentino nos fornece registramos rigorosamente, depois de abater 18, média diária da mortalidade antes da epidemia. Pois bem, a Higiene há dias vem fornecendo à imprensa o número de mortos pela “influenza”, o qual é muito inferior ao nosso. Vejamos a lista dos mortos pela epidemia, fornecida pela Higiene Pública: Dia 1; 1 óbito Dia 2; 3 óbitos Dia 3; 5 óbitos Dia 4; 2 óbitos Dia 5; 7 óbitos Dia 6; 3 óbitos Dia 7; 13 óbitos Dia 8; 9 óbitos Dia 9; 13 óbitos Dia 10; 22 óbitos Dia 11; 27 óbitos Dia 12; 39 óbitos Dia 13; 47 óbitos Dia 14; 25 óbitos Dia 15; 49 óbitos Dia 16; 80 óbitos Dia 17; 42 óbitos.¹⁷⁵

¹⁷⁴ A INFLUENZA Espanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 18 out. 1918, ano 94, n. 287, p.3.

¹⁷⁵ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 19 out. 1918, ano XLI, n. 288, p.1.

A Província afirma que houvera um engano sobre a lista: “Houve sem dúvida engano quando foi organizada esta lista, pois se acrescentando a todos esses números o coeficiente mortuário da cidade em tempos normais, que é 18, conforme os boletins que a Higiene publica quinzenalmente, vemos que os números acima não estão certos.”¹⁷⁶ Diz A Província que a Higiene declara que do dia 17, tomando como exemplo, houvera 42 óbitos pela Gripe, fazendo juntar 18, somando dessa maneira um total de 60 pessoas sepultadas, enquanto constam 121 enterramentos no livro do cemitério. A diferença dos dados numéricos sobre as vítimas da epidemia é enorme; começa daí a surgir dúvidas sobre os números reais da mortalidade em Recife em decorrência dos apontamentos da Diretoria de Higiene.

Fez oficializar a Diretoria de Higiene o chefe de polícia com o intuito de exercer uma vigilância policial sobre as farmácias dos bairros da Torre e do Cordeiro, por essas não ter pessoal suficiente para o serviço, se encontrando sob a ação da Saúde do Estado, querendo proteger os respectivos prédios. Esse tipo de postura da Saúde pública mostrava que o número de pessoas no enfrentamento à epidemia era insuficiente para atender aos que estavam acometidos pela doença, fazendo observar que os mesmos problemas administrativos que desafiavam o Dr. Abelardo Baltar em sua administração frente a essa repartição, também afrontavam o Dr. Octávio de Freitas na sua atual administração.

Eram vários os serviços oferecidos à Saúde pública no combate à epidemia, como foi o caso do Dr. Armando Maia, profissional da Escola de agrícola e veterinária, que na ocasião ofereceu seus serviços de forma gratuita, sendo aceito de imediato pela Saúde do Estado. No dia 19 de outubro, Octávio de Freitas – através de ofício – solicita ao Diretor do Banco de Brasil em Pernambuco a facilitação de dinheiro trocado, para que melhor fosse distribuído o socorro pecuniário aos domicílios das pessoas enfermas com a Gripe. Ocorria, nesse mesmo período, a colocação à disposição de cerca de 60 trabalhadores pela Diretoria de Saneamento e Obras Públicas para ajudar a Diretoria de Higiene no enfrentamento da epidemia.

Em uma ação conjunta, a Diretoria de Higiene e a de Saneamento do Recife colocam em prática o serviço de irrigação e varrição das ruas e praças do centro do Recife, sob a Direção de Octávio de Freitas e do prefeito do Recife, Manoel Antônio de Moraes Rego. Percebe-se que, na gestão de Octávio de Freitas, foi constante o oferecimento de ajuda para a realização de medidas profiláticas contra a epidemia reinante no Recife, diferentemente da gestão de Abelardo Baltar. Dito isso, não se deseja afirmar que esse não tivera contribuições

¹⁷⁶ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 19 out. 1918, ano XLI, n. 288, p.1.

de outras repartições, entretanto que tivera sob uma forma bem menos intensa que a gestão de Freitas.

A Diretoria de Higiene fez remover para o hospital de Santa Águeda vários doentes de influenza em estado grave. Essas pessoas desembarcaram no Porto do Recife do vapor “Purús”, não sendo informado de onde viera:

Ontem, cerca de 16 horas, sem prévio aviso, a Saúde do Porto fez desembarcar do vapor “Purús” e meter numa lancha que mandou atracar no cais da rua da Aurora, onde desemboca a rua do Riachuelo, vários doentes de influenza em estado grave. A Diretoria de Higiene tendo disto conhecimento, imediatamente fez remover esses doentes para o hospital de Santa Águeda.¹⁷⁷

Essa atitude da Direção de Higiene fez levantar comentários em comparação com o antigo Diretor Dr. Abelardo Baltar, que dificultava a entrada de enfermos com a Gripe nos primeiros dias da doença em solo recifense.

Mais uma vez, a Igreja de Nossa Senhora do Terço resolve realizar uma procissão de penitência a São Sebastião, com o intuito de percorrer as freguesias de São José, levando a sua imagem até a igreja de São José de Ribamar, para que ficasse nesse local até o fim da epidemia que acometera o Recife, sendo a procissão marcada para o dia 22 de outubro do ano corrente:

As pessoas que deverão acompanhar a procissão devem ir munidas de uma vela achando-se na mesma igreja lanternas para serem distribuídas. Terá lugar hoje às 7 horas uma missa rezada em louvor a São Sebastião. A procissão percorrerá o seguinte itinerário: Vidal de Negreiros, Coronel Suassuna, Tobias Barreto, Marcílio Dias, Pátio do Mercado Velho de Santa Rita, Pescadores, Calçadas, Largo das Cinco Pontas Jardim, Pátio do Floriano, Beco dos Açougues, Assunção, Nogueira e São José de Ribamar a recolher-se.¹⁷⁸

Dessa forma, foi colocada em prática a procissão, e as pessoas que moravam nos arrabaldes do centro do Recife puderam compartilhar esse ato realizado pela Igreja católica, como uma forma de súplica pelo fim da doença na cidade. Lembrando que no início da epidemia na capital pernambucana, a antiga Diretoria de Higiene fez comunicar às Igrejas da cidade a proibição não só de missas, como de procissões, o que era uma forma de evitar aglomerações de pessoas e proliferação da moléstia. Deixava entender que, no final do mês de outubro, quando a procissão foi realizada, que a situação fazia pertinente a realização do evento religioso, com aglomerações de pessoas, na gestão de Octávio de Freitas.

As farmácias continuavam a funcionar como pontos de atendimentos aos flagelados pela epidemia, a informação colocada pelo Diário de Pernambuco dizia que os

¹⁷⁷ A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 out. 1918, ano 94, n. 288, p.1.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p.1.

reconhecidamente tidos como pobres encontrariam médicos e exames para tratarem da influenza. Ficando um questionamento nesse trabalho: a que tipo de exame a Saúde o Estado se referia, pois – nos apontamentos dos jornais – não se especificava, sendo esses exames marcados para o início de novembro de 1918? As farmácias que esses cidadãos tidos como pobres deveriam procurar atendimentos eram:

AFOGADOS – Na farmácia Central – Dr. Odilon Gaspar e Ildefonso de Paiva; CAXANGÁ – Na farmácia Caxangá – Dr. Paulo Correia e Eugenio Freire; TORRE – Na farmácia da Torre – requisitada – Dr. Arsenio Tavares, Telemaco de Mello e farmacolando Homero Nóbrega; CORDEIRO – Na farmácia do Cordeiro – Dr. José Climaco, Balthazar de Oliveira e farmacolando Romeu Loyo; SANTO ANTÔNIO – Na farmácia Americana – Dr. Costa Carvalho e Carlos Rios; BOA VISTA – Na farmácia Silva Ferreira – Dr. Aurelio Domingues e João Barboza; RUA IMPERIAL – Farmácia Imperial, requisitada – Dr. João Rodrigues e Jorge Silveira e farmacolando Osmundo Borba; TEGIPIÓ – No Instituto Vacinogênico – Dr. Arthur de Sá e Lafayette de Sá e farmacolando Emiliano Nóbrega; ARRAIAL – Na farmácia do Arrayal – Dr. Isaac Salazar e Abel Freire; PAULISTA – Na FARMÁCIA Paulista – Dr. Severino Cruz e Freitas Botelho; ARRUDA – Na farmácia do Arruda – Drs. Bernardino Ramos Leon Quintas e farmacolando José Gurgel; SANTO AMARO – Na farmácia União – Dr. Arthur Gonçalves e farmacolando Antonio Nemezio; ENCRUZILHADA – Na sede da 3ª delegacia de saúde, no prédio da escola Maciel Pinheiro – Drs. Armando Macedo e Cruz Ribeiro, Henrique Demosthenes, Durval Carneiro e Manoel Mattos; POÇO – Na farmácia do Poço – Dr. Monteiro de Moraes e Paulino de Oliveira.¹⁷⁹

Medidas também foram tomadas com o objetivo de fechar ou abrir farmácias, pois as decisões eram tomadas de acordo com o comportamento da sociedade em relação à epidemia em curso na cidade. Segundo informações do Diário de Pernambuco, pelo motivo de não ser procurado para atendimento por doentes com a Gripe, a Diretoria de Higiene manda fechar um ponto de atendimento situado na Graça. Por outro lado, foram criados novos postos de socorro em locais com aumento de atacados com a influenza, em Santo Amaro, com a Farmácia União, em Paulista, esta fora do Recife, na farmácia Paulista, e no Poço, com a farmácia do Poço. Sobre desinfecção em lugares públicos, a pedido de D. Sebastião Paes Leme, foi realizada a desinfecção dos edifícios religiosos do Recife, dando início aos trabalhos pelo palácio arquiépiscopal na Soledade.

Eram anunciadas constantemente pelos órgãos oficiais do governo ações de limpeza das ruas, principalmente no centro do Recife; porém notícias do jornal A Província apontavam reclamações de moradores da Rua Imperial, localizada no centro do Recife:

¹⁷⁹ A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 out. 1918, ano 94, n. 293, p.3.

A IMUNDICE DAS RUAS

Sobre este assunto já bastante ventilado pelas colunas deste jornal recebemos ontem, mais a seguinte carta: “Ilmos. Srs. redatores da “A Província” – Saudações – Nós, moradores da rua Imperial, trecho que fica fronteiro à campina Agostinho Bezerra, pedimos, por vosso intermédio, ao ilustre Dr. Octavio de Freitas que lance as suas vistas para a imundice que reina na referida campina. Existem ali uns casebres que, não tendo aparelhos sanitários, os seus moradores fazem despejos de fezes para o leito da rua, ocasionando isto que a referida campina esteja transformada em um foco de imundices de onde se desprende um verdadeiro enxame de moscas e mosquitos. Aguardando a publicação desta e as providências da Higiene, desde já agradecemos – Os moradores do referido trecho.¹⁸⁰

O Estado era cobrado para que melhorasse a questão de estrutura no saneamento da cidade, pois a população procurava associar problemas de higienizações à epidemia da Gripe. Moradores da Rua do Sossego, localizada também no centro do Recife, faziam apelos ao poder público para que fizessem melhoras no calçamento dessa rua, diziam que os veículos que passavam por ali levantavam muitas nuvens de poeira e que, com a epidemia que assolava a cidade, tivera aumentado o número de cortejos fúnebres que passavam por essa rua em direção ao cemitério de Santo Amaro. Assim, provocava-se mais levantamento de poeira, e com ela os micróbios que invadiam as residências, pedindo os moradores que os senhores “cocheiros”¹⁸¹ esquecessem um pouco a Rua do Sossego para chegarem ao cemitério, utilizando outras vias de acesso. Pedido esse encaminhado ao Dr. Octávio de Freitas.

Fez a Diretoria de Higiene realizar a reforma do edifício de Higiene do Estado, visto que, segundo o jornal A Província, a estrutura do prédio em obras era de tamanha desorganização:

O Dr. Octavio de Freitas está reformando o edifício da Higiene Pública. Dantes, o prédio desta repartição de saúde estava dividido em cubículos anti-higiênicos, onde nem penetrava a claridade. Eram separados entre si por tabiques que chegavam até o soalho e neles funcionavam as suas seções. O novo diretor providenciou logo sobre esta falta grave, mandando desmanchar aqueles indecentes cubículos, impróprios a uma repartição de Saúde Pública.¹⁸²

Outra medida fora tomada pela atual Direção de Higiene, foi em relação aos mortos pela Gripe, determinando que os sepultamentos no cemitério de Santo Amaro os corpos deveriam ser levados diretamente para o Campo Santo, e não mais ficarem no necrotério público, como era de costume. O objetivo era fazer de uma forma mais rápida seus enterramentos e evitar um maior contato com outras pessoas.

A loucura em consequência da Gripe foi relatada pelo jornal A Província nos arrabaldes do Recife, como uma forma isolada:

¹⁸⁰ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 22 out. 1918, ano XLI, n. 291, p.1-2.

¹⁸¹ Os Cocheiros eram os carregadores de defuntos.

¹⁸² A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 23 out. 1918, ano XLI, n. 292, p.1-2.

UM CASO DE LOUCURA EM CONSEQÜÊNCIA DA INFLUENZA

Julietta Gomes da Silva, residente no lugar “Pacheco”, em Tegipió, veio ontem à redação deste jornal declarar que seu marido o carregador André Leocadio da Silva havia enlouquecido em consequência da epidemia que está grassando nesta capital. O referido homem ardendo em febre, saiu de casa domingo último e não regressou mais. Trajava o mesmo naquela ocasião camisa de meia azul, calça branca e chapéu de massa preto.¹⁸³

Porém, na leitura dos documentos para a construção desse trabalho, não foram encontrado outros relatos de fatos sobre pessoas que chegaram à condição de loucura em decorrência da Gripe.

Em resposta à matéria publicada nos dias 19 e 24 de outubro do ano corrente sobre os números de mortos pela epidemia em curso na cidade, publicada pela Província, fez Octávio de Freitas um pronunciamento através do Diário de Pernambuco:

Não tenho direito de retirar a minha confiança no corpo médico que me auxilia. Organizei um serviço, já regularizado, mais ou menos, de notificação diária obrigatória das moléstias e dos óbitos pela influenza, justamente para poder constatar com segurança as alternativas da epidemia. Medida elementar em tais emergências, ela reveste-se, entretanto, de uma importância capital. É com esta notificação e com o serviço de visitas domiciliares, a cargo dos médicos da Higiene, de acordo com as minhas determinações, fornecendo-me também diariamente, os novos casos de influenza, que eu fico habilitado a saber no certo o grau de intensidade da epidemia, tanto sob o ponto de vista da letalidade, como sob o ponto de vista da propagação do mal.¹⁸⁴

O Dr. Octávio de Freitas coloca que a notificação que a Higiene Pública recebe vem do cemitério de Santo Amaro, para onde são enviados todos os sepultamentos dos bairros localizados no centro da cidade, afirmando o Diretor de Higiene que com isso a epidemia estava em declínio. Coloca também que as informações trazidas por sua equipe médica que visita as residências das pessoas enfermas com a Gripe aponta um decréscimo de enfermos, acreditando ele nessas informações por ter total confiabilidade nos médicos da Diretoria de Higiene. E sobre os atestados por influenza, só são notificados os mortos que a Higiene detecta.

Sobre outros tipos de óbitos que aparecem ao lado dos números de mortos com a influenza, são os que a Saúde Pública atestava como moléstias indeterminadas, pessoas que morreram sem assistência médica ou de outras, que foram enviadas ao necrotério sem nenhum atestado de facultativa doença, colocando no atestado desses mortos pela Diretoria de Higiene o nome de Thanatomorbia.¹⁸⁵ Freitas se coloca dizendo que é honesto em suas declarações: Eu não oculto a verdade, meu amigo. “É a minha norma, velha e invulnerável. Falo-lhe com a

¹⁸³ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 23 out. 1918, ano XLI, n. 292, p.1-2.

¹⁸⁴ A INFLUENZA Hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 out. 1918, ano 94, n. 293, p.3.

¹⁸⁵ Doenças não identificadas.

mesma sinceridade com que atendo aos representantes dos demais jornais quando me procuram. Ocultar o coeficiente da mortalidade, notadamente nas quadras epidêmicas, é um erro desastrosíssimo.”¹⁸⁶ Segundo a Saúde do Estado, não havia prejuízo de levar ao conhecimento da população o obituário tanto para mais ou para menos de uma epidemia, pois para o Estado chega a ser uma necessidade:

À primeira impressão de pânico que é um estado inevitável de psicologia coletiva nestas ocasiões sobrevém a calma no espírito da população que se torna mais precavida, mais moderada nos hábitos, mais previdentes adotando por si mesmo um regime mais consentâneo com a profilaxia recomendada pelas autoridades sanitárias.¹⁸⁷

O jornal Diário de Pernambuco se coloca afirmando que se a Saúde do Estado camuflasse os números dos óbitos em decorrência da epidemia seria essa instituição a primeira a se opor ao comportamento dessa Direção de Higiene. Ressaltando que esse jornal se colocava politicamente como situacionista em relação ao governo de Manoel Borba, então governador do Estado.

Quais eram estatisticamente os números corretos sobre os afetados fatalmente pela epidemia nos dias finais do mês de outubro de 1918? As do jornal A Província ou os da Higiene do Estado? Segundo A Província, em uma cidade normalmente não morre um número maior do que o de condições normais ou então de suas questões sanitárias, procurando mostrar o jornal que se os números passam da média normal, tinha o governo a responsabilidade de tomar medidas imediatistas para solucionar o problema.

Com a administração Dantas Barreto, chegamos a um ponto, que o Hospital de Santa Águeda fechou por falta absoluta de doentes. Era diretor da Higiene o Dr. Gouveia de Barros. Daí para cá, a média diária da mortalidade passou a ser de 18 (dezoito) óbitos. E assim manteve até o Sr. Manoel Borba. Agora temos uma crudelíssima epidemia. Está claro que o excesso de óbitos sobre a média normal da mortalidade, só pode ser dessa epidemia. Como se explica, portanto, que se enterrem cem e mais pessoas por dia, e só apareceram, oficialmente, 45, 42, 34 óbitos pela epidemia? E o resto? Serão outras doenças? Então o Recife voltou aos tempos do Sr. Rosa e Silva, da cidade da morte, ou a cidade onde mais se morria no mundo, relativamente à sua população? Teremos que dever também esse serviço ao Sr. Dr. Manoel Borba?¹⁸⁸

Afirmava A Província que essas questões eram de responsabilidade da Higiene Pública e que sobre o interesse dos números, não era só da sociedade recifense, e sim de uma comunidade mundial no que toca os avanços da ciência, e os que estudam sobre a saúde humana. Mesmo Octávio de Freitas sendo o Diretor de Higiene do Estado, fica muito claro que críticas não são feitas a sua pessoa, diferentemente do que ocorria com o antigo Diretor

¹⁸⁶ A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 out. 1918, ano 94, n. 293, p.3.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

¹⁸⁸ AS ESTATÍSTICAS. **A Província**. Recife, 24 out. 1918, ano XLI, n. 293, p.1.

Abelardo Baltar, colocando que o Dr. Octávio de Freitas estava, através de sua equipe médica, sendo enganado com a situação dos números de mortos na cidade, em decorrência da Gripe.

Não quer isto dizer que ponhamos em dúvida a existência dos atestados da repartição competente. Não. Se o Dr. Octavio de Freitas, cuja probidade científica nós proclamamos em altos sons, diz que existem, na sua mesa, 30 ou 50 atestados de óbitos da epidemia, é que 30 ou 50 atestados são os que foram passados naquele sentido pelos médicos respectivos. E então o iminente diretor do Instituto Pasteur, nosso velho amigo de sempre, o ilustre diretor da Higiene está sendo iludido e a estatística que lhe estão preparando é falsa.¹⁸⁹

Entre medidas “profilaxias”, receitas do estado e do povo, orações e procissões, os recifenses dão indícios de constatações sobre os limites da hospitalização e de tratamentos, prevenção e a cura da moléstia gripal. A imprensa foi o principal meio de espaço para apelos ao Estado que esse se reorganizasse através de medidas para atender uma população em meio de uma epidemia, restando saber mais uma vez quais eram essas medidas.

Continuava, até a data de 25 de outubro, a Saúde Pública do Estado a não permitir licença de abertura para nenhuma casa de diversão funcionar, em virtude de evitar, sob uma forma contínua, a aglomeração de pessoas para não facilitar o contágio ou a recaída de pessoas em fase de recuperação com a Gripe: “Sendo assim a Diretoria de Higiene desaconselha a frequência aos cinemas que, não impediu de funcionar mas de que também não aprova, de modo algum, a reabertura. Ontem estiveram com o Dr. Diretor de Higiene os Srs. Proprietários dos cinemas Pathé e Victoria, do Teatro do Parque e do Cinema Popular”.¹⁹⁰

Octávio de Freitas e o governador Manoel Borba descentralizaram o serviço de Higiene do Recife, distribuindo em zonas de maior carência de atendimento, fazendo também uma recomendação aos médicos da repartição em insistirem nas visitas às vítimas em seus domicílios. Outras recomendações foram feitas como diariamente fornecer notas das ocorrências das delegacias ligadas à Diretoria de Higiene, para que chegasse a sua Diretoria: “Espero que envidareis todos os esforços para inteira eficiência da debelação do terrível morbus que ora assola esta capital. Saúde e fraternidade. – (a) Octavio de Freitas.”¹⁹¹ Escrevia o Diretor de Higiene para sua equipe.

Sobre ainda os diagnósticos de óbitos com o nome de Thanatomorbia, o jornal A Província escrevia, no dia 26 de outubro, uma matéria com o título de: Os atestados falsos da higiene. Segundo o noticiário, falava que a Higiene do Estado estava escondendo os números

¹⁸⁹ AS ESTATISTICAS. **A Província**. Recife, 24 out. 1918, ano XLI, n. 293, p.1.

¹⁹⁰ A INFLUENZA HESPANHOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 25 out. 1918, ano 94, n. 294, p.3.

¹⁹¹ Ibidem.

reais de vitimados com a Gripe, substituindo os mortos provocados pela epidemia com a Thanatomorbia, passando para a sociedade uma falsa realidade sobre a mortalidade que ocorrera no Recife, escarnecendo ainda mais a situação quando dizia ironicamente que a Diretoria de Higiene estava combatendo uma epidemia e deixando de lado outra muito mais mortal. Apresentando os números que teriam sido publicado a pelo jornal Diário de Pernambuco:

Ou então, o público está sendo mistificado grosseiramente. Ainda ontem, os nossos colegas do “Diário de Pernambuco” publicaram as seguintes notas oficiais, relativas ao dia 23, quarta-feira: - Obituário – Dia 23 de outubro de 1918: **Influenza 31 óbitos, Thanatomorbia 40, “Tuberculose 5, “ Enterite crônica 1, “Bronquite 1, “Gastro-interite 1, “ Pneumonia 1, “Lesão cardíaca 1, “ Sífilis 1, “Meningite aguda 1, “Congestão cerebral 1, “ Cachexia dos alienados 1, “Nefrite aguda 1, “Feto 1, “ Sem indicação de moléstia 2 “ _____ TOTAL 93”¹⁹²**

Procurava mostrar A Província que o diagnóstico da Thanatomorbia era uma forma de esconder os números de óbitos com Gripe, dizia que o Dr. Octávio de Freitas era uma sinceridade em pessoa e que as divergências dos atestados seriam feitas pelo médico da Higiene o Dr. Ascanio Peixoto. Afirmava A Província que até que a Saúde do Estado venha a esclarecer qual era o real diagnóstico de Thanatomorbia, eles iriam continuar a afirmar que essa era a Gripe que não parava de ceifar com a vida dos cidadãos recifenses. Dizia que:

Mas preferimos acreditar que o Dr. Octavio de Freitas não pensa assim; que semelhante mistificação somente prejudica a seriedade das suas providências e o seu nome de profissional; e que o ardil está tão patente que todo mundo está a rir-se e a somar os óbitos de “influenza” com os da “thanatomorbia” para considerá-los da mesma e fatal epidemia.¹⁹³

Era colocado pela Província que uma Higiene pública não poderia viver de mentiras e que deveriam acabar com esses atestados “falsos”, onde esse comportamento ficasse a cargo da politicalha, não podendo brincar com a morte que estava a reinar na capital pernambucana.

Em resposta ao que fora colocado pela Província sobre a questão da Thanatomorbia, o Dr. Octávio de Freitas, utilizando o Diário de Pernambuco, coloca-se em defesa da Saúde do Estado. Afirma que esse assunto já tinha sido discutido o suficiente e que deveria dar espaço para outros mais interessantes do que esse. Fez comparações a anos anteriores em que o Estado utilizava a Thanatomorbia como explicação de causa morte. E procura dar explicações sobre esse comportamento do Diretório de Higiene:

¹⁹² OS ATTESTADOS Falsos da Hygiene. **A Província**. Recife, 26 out. 1918, ano XLI, n. 295, p.1.

¹⁹³ Ibidem.

Pois bem. Se vc. vier à Diretoria de Higiene e aqui pedir uma classificação detalhada destes males, ficará sabendo que cada um destes enunciados se desdobra em múltiplas outras causas de morte. É o que se dá com as moléstias mal determinadas onde irá vc encontrar – hidropsia, esgotamento, cachexia, febre syanosa, morte súbita, feridas e a tal thanatomorbia dos médicos da polícia.¹⁹⁴

Procurando com isso convencer não só aos que os cobravam providências, mas também a sociedade dizendo que: “A razão por que os boletins não trazem especificados os óbitos de thanatomorbia e quejandos, é porque todos eles vêm englobados num resumo da mortalidade que os anatematiza – moléstias mal determinadas.”¹⁹⁵ Completava a resposta o Diretor de Higiene afirmando que tomara a atitude de fazer publicar, semanalmente, os números de óbitos com a Gripe justamente para deixar transparente as medidas tomadas por essa Diretoria e que se quisessem ter o trabalho de visitar a repartição que colocavam em dúvida, que poderiam vir a ler os boletins que aqui se encontravam.

Sobre os números de óbitos de moléstias mal determinadas, o Dr. Octávio de Freitas, justificava que seus atestados eram dados principalmente pelo fato de pessoas morrerem em seus domicílios e ficarem sem atestados de óbitos, sendo seus corpos levados direto para o necrotério público, e que junto ao governador do Estado já teria ele proposto a criação de um serviço de verificação de óbitos em domicílio, para solucionar esse problema. Sendo o instituto de medicina legal (IML), Criado no Estado só em 1925.

No dia 28 de outubro, A Província mais uma vez aborda a questão dos atestados da Thanatomorbia, insistindo em afirmar que esses atestados eram na verdade de Gripe, de modo que o Estado continuava a mentir sobre os números de mortes provocados pela epidemia. Era colocado que: “Foram de “influenza”; ou, então, a Higiene diga de que moléstia morreram essas centenas de pessoas, que excederam, e ainda excedem, no obituário, aos mortos da epidemia sinistra.”¹⁹⁶

Para o jornal A Província, enquanto a Saúde do Estado não utilizasse do bom senso da população acreditaria que os mortos não seriam dessa tal Thanatomorbia e sim de influenza, até pelo motivo da Thanatomorbia não ser nada, afirmando o jornal que não era doença e sim uma maneira de esconder a realidade ao povo:

¹⁹⁴ DIRECTORIA de Hygiene e saúde pública. **Diário de Pernambuco**. Recife, 2 nov. 1918, ano 94, n. 302, p.3.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ A IMPERTINENCIA do Disparate. **A Província**. Recife, 28 out. 1918, ano XLI, n. 297, p.1.

Só mesmo o borbismo inventaria a thanatomorbia para dividir com ela os mortos da sua peste. E vem o Dr. Octavio de Freitas, antigo e provecto funcionário da seção de demografia sanitária e diz: - Pois essa thanatomorbia não é nova; vem do tempo do marechal Dantas Barreto. A nossa resposta imediata seria que, se o disparate vinha do tempo do marechal Dantas, nem por isso deixava de ser disparate. Mas há manifesto equívoco do ilustrado Dr. diretor da Higiene.¹⁹⁷

O que essa pesquisa observa é que as ações colocadas em prática pelo então Diretor de Higiene o Dr. Octávio de Freitas não são muito diferentes das do antigo Diretor, o Dr. Abelardo Baltar. Sendo Octávio de Freitas uma figura de maior prestígio no meio da sociedade Recifense e de tamanho reconhecimento na esfera médica, facilitando de certa forma o seu trabalho no combate à epidemia, de modo que esse teve uma maior contribuição de outros departamentos e das autoridades no enfrentamento da moléstia.

O Abelardo Baltar, quando Diretor, enfrenta um dos piores momentos da epidemia, o seu início, e as suas ações de enfrentamento a epidemia eram atacadas de uma forma mais contundente e sem limites por parte dos que faziam oposição ao governo. As críticas em relação à Direção de Octávio de Freitas eram mais brandas, mesmo esse tomando as mesmas medidas que a Direção anterior tomara e pegando a epidemia em uma segunda fase, em que a sociedade já lidava de uma forma diferente em relação ao medo e a morte. Sendo vista a chegada de um novo Diretor como sendo a de um salvador, pois o seu antecessor tivera na visão dos que se colocavam do lado do contra fracassado de tal forma que também chegara a óbito pelas mãos de um mal que ele não teve competência de bater, a Gripe Espanhola.

4.2 RECEITAS MÉDICAS E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE CURA EM UM RECIFE CONVALESCENTE

Quando o assunto é cura o que vem à mente são medicamentos e os espaços criados para tal, as maneiras que podemos construir em relação ao ficar bem, ter melhoras, combater uma determinada doença. Como são representados a doença e seus rituais de Cura? Fazer uma análise sobre esses rituais oficiais e populares, por meio dos quais o Estado e o povo se colocam como elementos norteadores de um contexto de práticas medicinais. Fazendo saber que tanto esses rituais quanto as doenças são frutos e produtos das estruturas sociais e culturais em constante andamento na sociedade.

A doença em ação quando em suas faces faz o médico entrar em uma relação com o doente, esse por sua vez se afasta de sua identidade, dando espaço a uma configuração

¹⁹⁷ A CARTA do Director da Hygiene. **A Província**. Recife, 29 out. 1918, ano XLI, n. 298, p.1.

adoecida, e quem o consulta procura nele as marcas de uma possível patologia, para procurar respostas em função da Cura: Assim, ao entrar no consultório, o adoecido é destituído de seus significados, de suas possíveis identidades, senão a de “órgão doente”. Nesse ritual, a observação do médico procura os aspectos objetivos da doença, ou seja, aquilo que é visível.¹⁹⁸

Nem sempre a medicina oficial consegue dar respostas a determinadas doenças, principalmente quando se trata de algo novo, como foi o caso da Gripe Espanhola no Recife de 1918. Sabia-se que era a moléstia da Gripe, porém não a sua periculosidade. Nesse contexto, as propostas oficiais colocadas pela Saúde Pública, muitas vezes, encontram resistência em relação aos que podemos chamar de contracultura médica, essa amparada em receitas populares, uma prática passada de geração a geração, sendo essa a medicina popular. Esse tipo de medicina era colocado em ação pelo fato do braço da salvação, o Estado, não conseguir, através de seus serviços públicos, atender de uma forma satisfatória a sociedade.

Os jornais do Recife, durante a epidemia da Gripe Espanhola, serviram como espaços para a publicação de receitas e apontamentos de locais para o tratamento da doença, visto que as primeiras publicações sobre o assunto faziam referência a como as pessoas deveriam se prevenir, não ao tratamento. No dia 04 de outubro, o Diário de Pernambuco fez publicar uma matéria com as primeiras medidas de prevenção que as pessoas deveriam colocar em prática:

Remetem-nos: “A essa ilustrada redação pedimos a divulgação das receitas abaixo para prevenir e combater a epidemia que sob o título de “Influenza Espanhola”, está grassando no Recife: PRESERVATIVO – Deixar enxofre na água que beber e cozinhar. A um litro de álcool adicionar: cascas de dois limões, uma colher das de chá de erva doce, uma colher das de sopa de tintura de brynnia. Para usar 6 gotas em um cálice d’água 2 vezes ao dia. Tomar de preferência na volta dos passeios ou trabalho. Sendo atingido pelo mal no uso deste medicamento será o mesmo de forma benigna. CURATIVO: - Um purgante d’água vienense deve ser tomado imediatamente logo que a pessoa se sentir doente. Duas horas depois fará lavagens intestinais com um litro de água morna ou cozimento de pimenta d’água, adicionando uma colher das de sopa de glicerina. No dia seguinte ao do purgante, o doente usará o seguinte remédio: um vidro de magnésia fluída, adicionando-lhe 20 gotas de tintura verde, 10 gotas de tintura de ipecacuanha e 10 gotas de tintura de beladona.¹⁹⁹

Pedia-se que as pessoas tomassem a cada duas horas uma colher de sopa desse preparativo e que as crianças só ingerissem a metade. Nessa mesma matéria, era também noticiado que a epidemia ganhara o país no início de outubro; porém, o que ocorria era a visita de uma conhecida Gripe pelos brasileiros, e que se a população seguisse os conselhos acima recomendados nada demais aconteceria.

¹⁹⁸ FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Representações sobre a doença e seus rituais de cura.** In: História da Saúde e da Doença. Organização; Antônio Emílio Morga. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2012, p. 40.

¹⁹⁹ A GRIPPE Espanhola. **Diário de Pernambuco.** Recife, 04 out. 1918, ano 94, n. 273. Op. cit. p.3.

Os saberes da cura entram constantemente nos noticiários dos jornais da época, com receitas caseiras, sendo que com o passar dos dias e o agravamento da epidemia, as receitas passaram a ser publicadas de uma forma mais intensa:

Diversas fórmulas caseiras têm sido usadas com resultado: xarope de limão (o caldo de um limão fervido numa xícara d'água com duas colheres de açúcar). Na falta do fruto, a decoção das folhas tem sido também aplicada com sucesso, bem como o alho em decoção e quase todas as mezinhas conhecidas contra os ataques comuns da gripe.²⁰⁰

Ocorre, no comércio de frutas, uma escassez do limão e, conseqüentemente, um acréscimo de seu preço em função do aumento de seu consumo por ser utilizado em grande quantidade na prevenção e no tratamento da Gripe. Em casas com famílias numerosas em que existiam pessoas enfermas com a moléstia, eram tomadas medidas como isolamento de artefatos e separação completa dos utensílios de uso, como louça, copos e talheres.

A Direção de Hospitais toma medidas de isolamento dos locais onde encontravam adoentados de influenza: “O diretor do Hospital Pedro II comunicou-nos que se acham suspensas as visitas públicas a todos os hospitais a cargo da Santa Casa de Misericórdia, enquanto durar a influenza espanhola.”²⁰¹ Procurando com essa atitude evitar o contato de pessoas enfermas com outros sem a Gripe.

Um espaço que teve um papel de destaque no enfrentamento a epidemia no Recife foram às farmácias, servindo essas sob as orientações do Diretório de Higiene realizavam atendimento aos doentes e receitavam medicamentos, sendo esses estabelecimentos localizados no centro do Recife e em seus arrabaldes, como já fora colocado nesse trabalho:

À noite um dos nossos auxiliares esteve na Farmácia Nacional à rua Floriano Peixoto, e que está designada pela Diretoria de Higiene para aviar as receitas fornecidas ao povo. Segundo informação do Sr. Conrado Montenegro foram enviadas pelos médicos da Higiene 34 receitas médicas contendo cada uma 3 e 4 e mais fórmulas. Do serviço de clínica particular foram ali aviadas também cerca de 60 prescrições médicas, contendo cada uma duas e três fórmulas.²⁰²

A Saúde do Estado procurava seguir as recomendações da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, que tratava a Espanhola como sendo uma forma gripal simples e afirmava que o Brasil não era o único espaço do globo atacado e que a doença só chegara ao país depois de ter afetado Dacar a 10 de outubro do ano corrente, orientando a população a seguir as medidas colocadas pelo estado e que estava tudo sobre controle:

²⁰⁰ A INFLUENZA HESPANHOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277. Op. cit. p.1.

²⁰¹ *Ibidem*, p.3.

²⁰² *Ibid*, p. 3.

As medidas de profilaxia individual são, porém, recomendáveis com probabilidades de êxito; em primeiro lugar é recomendável a rigorosa anti-sepsia da boca e das fossas nasais; a prática de várias medidas deve-se o conselho da administração pela via gástrica de sais de quinino em dose útil; como preventivo há também quem afirme, com autoridade, ter verificado certa imunidade em relação à gripe epidêmica por parte de pessoas às quais tenha sido recentemente aplicada a vacina contra a varíola.²⁰³

Uma prática que se torna constante é a lavagem de ruas e praças do centro do Recife no período que perdurou a epidemia, sendo esse serviço realizado pela madrugada: “O Dr. Diretor de Higiene entendeu-se com o Dr. Diretor do Saneamento no sentido de começar de amanhã o serviço de irrigação das ruas e praças, serviço que será sempre efetuado pela madrugada a fim de não prejudicar o movimento da cidade”.²⁰⁴ Tendo o início desse trabalho ocorrido no dia 19 de outubro, acreditando o Estado estar fazendo combate à epidemia.

A população procurava não sair de seus lares em decorrência da epidemia reinante, as saídas ocorriam só por necessidade, as pessoas recolhiam-se logo cedo, como uma forma de evitar o contágio com a doença. Enquanto isso, a Diretoria de Higiene procurava fórmulas para o preparo de medicamentos para a população, medidas de Cura na tentativa de dar assistência aos que precisavam:

Fórmulas dos medicamentos usualmente distribuídos pela Diretoria de Higiene: N.º 1 Água laxativa Viennense (a fórmula) N.º 2 Aspirina 15 centgrs.; Fenacetina (aã Bromidrato de qq, (20 centgrs. N.º3 Xarope de plygala (aa; Idem de tolú (50 centgrs.; Benzoato de sódio 4 grs; Xarope de morfina 30 grs. N.º 4 Infuso de sabugo 120 grs. Tintura de acônito XX gotas; Acetato de Amônio 8 grs.; Xarope de canela 30 grs.²⁰⁵

Eram dias difíceis em um Recife, que enfrentava uma de suas maiores epidemias de sua história, era a Gripe Espanhola que apresentava resistência em seu avanço. Por mais receitas que fossem elaboradas no enfrentamento a doença, não se tinha um conhecimento da bailarina espanhola, que teimava em dançar pelas ruas da cidade. Eram tentativas desesperadas de encontrar uma solução para esse mal. E na correria de doentes que procuravam uma hospitalização, os hospitais de Santa Águeda e o D. Pedro II foram os que mais acolheram enfermos. No dia 18 de outubro, por exemplo, a Diretoria de Higiene encaminha para a Santa Águeda adoentados com a Gripe que chegaram do vapor Purús de destino não informado.

Em busca da Cura, uma das medidas utilizadas pela população recifense, orquestrada pela Igreja Católica, eram as procissões de penitência em louvor a São Sebastião, como já

²⁰³ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286. Op. cit. p.2.

²⁰⁴ Ibidem, p.3.

²⁰⁵ Ibidem, p.1.

colocado neste trabalho. Os terços eram rezados em Igrejas no centro do Recife, como a de São José do Ribamar. Era uma forma de súplica da Cura e pelo fim da epidemia através de ações religiosas cristãs.

Mandava a Saúde do Estado pessoas que estivessem gripadas ou com parentes ou conhecidos, acometidos com essa moléstia que deixassem seus nomes e endereços na Secretaria da Direção de Higiene, para que pudessem receber visitas de profissionais do Estado no atendimento a seus lares, e que essas poderiam dar as informações de doentes pelo telefone, entrando em contato com a Diretoria de Higiene. Farmácias eram colocadas de plantão à disposição para a população que necessitava de atendimentos médicos:

Por determinação da Diretoria de Higiene ficarão de plantão nesta semana, durante à noite, as seguintes farmácias: Dia 8 – Farmácia Ricord, na rua Larga do Rosário. Dia 9 – Farmácia Pernambucana, na rua Larga do Rosário. Dia 10 – Farmácia São Paulo, na rua Larga do Rosário. Dia 11 – Farmácia Marques, na rua Duque de Caxias. Dia 12 – Farmácia Simões Barbosa, na rua Primeiro de Março.²⁰⁶

Mesmo com a intensificação do atendimento aos adoentados em diversas farmácias, algumas fecham temporariamente por se encontrar acamado seu proprietário, como foi o caso da farmácia Pernambucana, localizada no Largo do Rosário, no centro do Recife. No dia 12 de outubro, em nota, a Diretoria de Higiene explica: “A esta repartição tem comparecido diariamente grande número de pessoas pedindo receitas. Ontem, até a hora em que ali estivemos, às 19 ½ horas, haviam sido fornecidas 688 fórmulas, a cerca de 350 pessoas. Foram socorridos aproximadamente 193 doentes de “influenza.””²⁰⁷

Traz em suas páginas, no dia 13 de outubro, o jornal A Província uma recomendação em relação às pessoas que não foram atacadas com a Gripe:

PELA SAÚDE DO POVO

É assim que se deve denominar a enfermidade que se está desenvolvendo na Europa e no Mar e já também entre nós, devido à imprevidência das autoridades sanitárias e à ignorância da medicina oficial. Para os que precisam estar em contato com os já enfermos o remédio é o seguinte: CHÁ PREPARADO: Sabugueiro, 5 gramas, folhas de caroba, 5 gramas, casca de um limão pequeno (galego). Água bem quente, uma xícara das de chá, tomar de manhã, depois de morno, de uma só vez e igual porção à noite, ao deitar.²⁰⁸

Recomendava-se que as pessoas tomassem chá duas vezes ao dia e em seis noites seguidas, tomar água fluida posta ao sereno em recipientes destampados, retirando pela manhã para fazer uso durante o dia, não cozinhar ou ferver algo com o recipiente que irá usar, concluindo que: “Em cada copo dessa água devem deitar 6 gotas de limão e assim fazendo

²⁰⁶ A “INFLUENZA”. **A Província** Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278. Op. cit. p.1-2.

²⁰⁷ Ibidem, p.1-2.

²⁰⁸ Ibid, p.1.

impedirão o ataque dessa terrível enfermidade que os médicos não sabem curar nem prevenir.”²⁰⁹ Eram cada vez mais constantes os conselhos de prevenção e de higiene para evitar o contágio com a gripe, referências de outras epidemias que ocorreram no Recife, como a Peste Bubônica, foi citada em relação ao seu combate, para o que o qual se queimava no período da noite, alcatrão e piche, nas ruas do centro do Recife, em que se cobravam ações como essa, pensando eles que poderiam fazer frear o avanço da epidemia.

Em um dos conselhos de higiene, apontava-se a cura da Gripe em 36 horas através de uma receita curativa e preventiva. Dizia-se que uma rigorosa antisepsia da boca, nariz e laringe, deveria ser bem-feita, por serem esses órgãos os principais transmissores dos germes da patologia da Gripe. Uma fórmula era dada como solução para a doença que acometia o Recife, criada por um psicólogo e professor acadêmico de medicina em Paris, o Dr. Grasset: “Ácido tímico, ácido benzóico, aa 1grm.; Escúcia de hortelã p. X gotas; álcool a 96° 100 gramas. Uma colherinha de chá em um copo de água, para gargarejar, bochechas e sorver pelo nariz.”²¹⁰ Devendo ser colocado em prática sempre ao levantar pela manhã, antes e após qualquer refeição.

Estimulava-se a venda de frutas através dos jornais da época, principalmente a da laranja e do limão. Esse último como já colocado teve seu preço em alta durante a epidemia. Tal alimentação era vista como riqueza de fonte pura e natural de alimentos, fazendo comparação com a carne e o peixe, vistos como enxertos de cadáveres, achando que os naturalistas, como os vegetarianos, eram raramente atingidos por epidemias em decorrência da forma como se alimentavam.

Quantias em dinheiro eram distribuídas por pessoas de posse da sociedade recifense, principalmente por mulheres conhecidas como damas de caridade, com intuito de ajudar aos mais necessitados que tivessem sido atacados pela influenza. A prefeitura da cidade e o governo do Estado também disponibilizavam dinheiro para essa mesma ação, utilizando para isso espaços religiosos:

Esteve ontem nesta redação o padre José Venancio de Mello, diretor do Dispensário de S. Sebastião. Comunicou-nos haver recebido da Prefeitura do Recife a quantia de um conto de réis para distribuir com os pobres. O padre José Venancio não só incumbiu algumas damas de caridade e vigários da distribuição de esmolas, como ele próprio fez parte dessa tarefa. A quantia remetida foi distribuída com pessoas enfermas de S. Amaro, Torre, Iputinga, Remédios²¹¹, Afogados e Encruzilhada.²¹²

²⁰⁹ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278. Op. cit. p.1-2.

²¹⁰ *Ibidem*, p.1.

²¹¹ Hoje tem o nome de Estrada dos Remédios em Recife.

²¹² A INFLUENZA Hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 out. 1918, ano 94, n. 293. Op. cit. p.3.

Na distribuição de dinheiro pelo Padre Venancio nesses lugares, é percebido que, em algumas residências, havia famílias inteiras enfermas com a Gripe, não tendo sequer uma pessoa em condições de prestar socorro ou até mesmo chamar a assistência médica para atendê-los.

Algumas empresas realizavam doações financeiras em prol dos doentes gripados, dinheiro entregue para distribuição ao arcebispo de Olinda e Recife D. Sebastião Leme, que procurava fazer a divisão entre a Santa Casa, o Dispensário dos pobres e os Hospitais. Operários gripados das fábricas de Paulista, Macaxeira, Camaragibe, Torre, Várzea e Nathan foram beneficiados, no período que reinou a epidemia em Recife, com a o recebimento de dinheiro, para o tratamento da doença.

Continuava a Diretoria de Higiene a realizar atendimento às pessoas enfermas em seus domicílios, fazendo com isso emitir os plantões dos médicos e outros funcionários para as tarefas diárias. No centro do Recife, eram feitas queimadas durante a madrugada com piche e enxofre, medida tomada pela prefeitura da cidade, acreditando estar praticando ações profilaxias em função de desinfecções dos locais públicos. O querosene fora um produto bastante utilizado pela população no combate à epidemia, fazendo crescer o preço do produto no mercado em consequência da sua alta procura: “Já há alguns dias, devido à exploração do comércio que vendia por preços excessivos o querosene, o subprefeito por intermédio do Dr. Governador do Estado, conseguiu da Standard Oil, 100 caixas de querosene por conta da municipalidade, que o está vendendo ao povo a 1\$600 a garrafa.”²¹³

Outros produtos também tiveram seus preços acrescidos durante a epidemia, como foi o caso do quinino que era consumido pelos enfermos em uma combinação com a limonada de extrato de magnésia, sendo visto como um excelente remédio no tratamento da Gripe: “A falta do quinino, combinada com a ganância de alguns, está fazendo com que se esteja vendendo um “cachet” por mil réis!”²¹⁴

O jornal A Província, em publicação do dia 19 de outubro, trazia uma receita para o tratamento da Gripe Espanhola, sendo essa uma de suas várias publicações de um livro escrito por uma Doutora:

²¹³ A INFLUENZA Hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 25 out. 1918, ano 94, n. 294. Op. cit. p.3.

²¹⁴ UMA ESPERANÇA na Morte. **A Província**. Recife, 17 out. 1918, ano XLI, n. 286. Op. cit. p.1.

Continuamos a publicar receitas para a cura da “influenza”, do livro “A Mulher Médica em sua Casa” da ilustre Dra. Anna Fischer. Eis as de hoje: Na forma gastro intestinal, havendo diarreia: 1 fórmula Dermatol) Benzo-naftol) ãa 0,50 grm. Em 1 cachet, 5 a 6 por dia. Ou então: Benzo-naftol 0,50 grm. Salicilato de bismuto 0,30 grm. Carvão 0,20 grm. Em 1 cachet, seis por dia. - Na forma Nervosa, contra as dores nevrálgicas, dar: Antipirina, (2 a 6 gramas por dia). Fenacetina, 0,50 gramas, 2 ou três vezes por dia, ou: Salicilato 0,20 grm. Fenacetina 0,15 grm. Cânfora 0,02 grm. De 4 a 6 hóstias nas 2 horas.²¹⁵

Eram vários os medicamentos procurados pela população em busca da cura em decorrência da Influenza, tudo que se divulgava nos jornais como receitas, logo batia às portas das farmácias as pessoas, passando os jornais a ser um dos principais espaços criados para se encontrar o remédio certo. Notava-se que entre as receitas e a doença estava o medo, o pavor, um pedido de ajuda, de uma sociedade abatida por uma epidemia que o Recife nunca tinha visto igual, era a Gripe Espanhola de 1918.

Procuravam, a todo custo, aos recifenses uma maneira de combater a epidemia, que mesmo com as ações Oficiais e as medidas tomadas pelas pessoas com suas receitas caseiras e crenças espirituais, fez observar este trabalho, em sua construção, de que nada podia ser feito na época para debelar ou deter o avanço epidêmico. Ficando sim as ações ligadas à cura e a formações de seus espaços como uma forma de atenuar os efeitos da moléstia através de conselhos e medidas para evitar o mal que assolava a capital pernambucana: “Alguns atos oficiais eram contrários às atuações que os habitantes esperavam em momento tão difícil da vida da cidade. Essas ações, portanto, vinham na contramão dos anseios populares e colocavam as dificuldades, por eles responsáveis, em xeque perante a sociedade.”²¹⁶

A luta diária enfrentada pela sociedade do Recife contra a Gripe Espanhola se refletia na construção de vários segmentos sociais, desde as Damas de caridade citadas acima neste trabalho até ações religiosas na resistência e enfrentamento à Influenza. Na época da Gripe, em 1918, os médicos profissionais acreditavam já haver adquirido o “poder da Cura”, criando com isso um desprezo aos conhecimentos vindos do povo. Porém, com a Espanhola, esse poder foi colocado em xeque perante a sociedade devido a essa doença não ter dado espaços para seu enfrentamento. Tudo para a medicina era novo com a Espanhola.

²¹⁵ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 19 out. 1918, ano XLI, n. 288, p.1.

²¹⁶ SILVA, Estelita Medeiros Mões. **Influenza no Recife**: A Cidade Doente, A Gripe Espanhola, noticiada pelo Jornal “A Província”, Recife, outubro de 1918. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2003, p. 65.

4.3 O DECLÍNIO EPIDÊMICO DA GRIPE ESPANHOLA

Teve o Recife, na segunda metade do mês de outubro do ano corrente, as primeiras informações de declínio da doença. No dia 16 de outubro, o *Diário de Pernambuco*²¹⁷ noticiava que a epidemia começava a entrar em sua fase de declínio, apontava um movimento menor nas farmácias e na Diretoria de Higiene, como também colocava que, nas ruas do Recife, houvera uma maior movimentação de pessoas. Porém, cinemas e escolas ainda estavam com suas portas fechadas.

Em 19 de outubro, A Província escrevia que o centro do Recife ia pouco a pouco sendo movimentado: “Os bondes ontem conduziram mais passageiros que nos dias precedentes, o que é um feliz presságio de que a terrível epidemia vai decrescer entre nós²¹⁸.” Entretanto, fazia uma ressalva de que a mortalidade ainda apresentava números elevados de vítimas da Gripe. Colocava-se que a cidade estava adquirindo o seu aspecto normal. A partir do dia 22 de outubro, era notado um estado estacionário da epidemia, elevando a esperança da sociedade de uma diminuição sobre a situação epidêmica: “As principais artérias da cidade, a pouco e pouco, vão retomando o seu movimento normal e os estabelecimentos comerciais estão readquirindo a sua frequência habitual.”²¹⁹

Eram notados ainda os efeitos dos vestígios de pavor construídos pela doença, porém com menor intensidade, podendo fazer ver a epidemia sob outros aspectos, através de uma forma mais distante da morte: “Sente-se por toda parte a sensação da vida e há mesmo certa animação que indica o próximo regresso da vida habitual.”²²⁰ Segundo o *Diário de Pernambuco*: “O movimento nas ruas continua a aumentar, assim o número de bondes e outros veículos, bem como a frequência nos cafés e restaurantes.”²²¹ Enfatizava-se a notícia de que as casas de diversões continuavam fechadas, objetivando o Estado conservar a população recolhida em seus lares, principalmente à noite para evitar os resfriamentos.

Constatava-se que, no cemitério de Santo Amaro, a mortalidade, apesar de alta, no dia 21 de outubro, teria sido inferior ao dia anterior: “A mortalidade permanece infelizmente estacionária e, nestes últimos, dias tem oscilado entre 80 e 100 óbitos, havendo, portanto, um pequeno decréscimo em relação ao que se verificava nos dias agudos da epidemia. Quanto ao

²¹⁷ Ver: A INFLUENZA Hespânica. *Diário de Pernambuco*. Recife, 16 out. 1918, ano 94, n. 285. Op. cit. p.1.

²¹⁸ A “INFLUENZA”. *A Província*. Recife, 19 out. 1918, ano XLI, n. 288. Op. cit. p.1.

²¹⁹ *Ibidem*, p.1-2.

²²⁰ *Ibid*, p. 1-2.

²²¹ A INFLUENZA Hespânica. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 out. 1918, ano 94, n. 288. Op. cit. p.1.

número de doentes, é certo que vai decrescendo, embora lentamente.”²²² Questionava-se a péssima iluminação de ruas no centro do Recife, como foi o caso da Rua de São José, que se encontrava na escuridão, contribuindo dessa forma para agravar a impressão de aspectos de medo e tristeza junto à epidemia que reinava na cidade.

O Diário de Pernambuco continuava a noticiar a vida que procurava voltar à normalidade no Recife, ao mesmo tempo a diminuição da procura aos hospitais e aos postos de atendimentos localizados nas farmácias: “Dia a dia mais se acentua, felizmente, o declínio da epidemia. O movimento da cidade, conquanto ainda se ressinta do grande número de convalescentes que se mantêm recolhidos, vai evidentemente aumentando; e – o que é bastante significativo – a azáfama das farmácias decresce a olhos vistos.”²²³

Outra forma de se perceber a volta da normalidade foram publicações de pessoas da sociedade recifense em convalescência da epidemia:

Acha-se convalescente da grave influenza que o atacou, o Revdmo. padre Henrique Xavier, vigário de S. José, desta capital. Embora fora de perigo e em franca convalescença, o Sr. General Joaquim Ignacio, comandante da 2ª região militar, está ainda recolhido aos seus aposentos, com prescrições médicas de não sair à rua. Por determinação do Dr. diretor, permanecerá fechada a Escola de Farmácia e Odontologia até o dia 29 do corrente, em virtude da epidemia. Acentuam-se as melhoras do Sr. Dr. Armando Xavier Carneiro de Albuquerque, fiscal do governo junto à iluminação pública do ataque de influenza de que fora vítima.²²⁴

Era ressalvada a continuação do fechamento de órgãos oficiais até o final do mês de outubro, determinação do Diretor de Higiene do Estado, e sobre a reabertura dos cinemas fez o mesmo Diretor publicar: “A ABERTURA DOS CINEMAS: Com a necessária autorização do Dr. Octavio de Freitas, diretor da Higiene, sabemos que o “Theatro Moderno” reabrirá suas portas na próxima segunda-feira, 28 do corrente.”²²⁵ Fazia informar a Diretoria que: “Desde anteontem acham-se completamente restabelecidos e em serviço os médicos do Posto de Assistência, motivo porque deixaram de trabalhar naquele posto onde trabalhavam intensivamente os Srs. Drs. Odilon Gaspar e Jorge Bittencourt.”²²⁶ Sendo esses médicos afastados se suas obrigações em decorrência da enfermidade com a Gripe, voltando eles após se restabelecerem.

O declínio da epidemia em Recife e seu retorno à vida normal cotidiana eram colocados em posição antagônica à capital federal, quando as notícias que chegavam de lá,

²²² A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 23 out. 1918, ano XLI, n. 292. Op. cit. p.1-2.

²²³ A INFLUENZA HESPAÑOLA. **Diário de Pernambuco**. Recife, 22 out. 1918, ano 94, n. 291. Op. cit. p.1.

²²⁴ *Ibidem*, p.3.

²²⁵ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 24 out. 1918, ano XLI, n. 293. Op. cit. p.1-2.

²²⁶ *Ibidem*.

através de Telégrafos, era de uma cidade atacada fortemente pela epidemia da Gripe Espanhola, colocando o Rio de Janeiro em uma situação de calamidade:

O movimento habitual da cidade vai voltando pouco a pouco, demonstrando isto que a epidemia já está em franco decrescimento. Os cinemas começarão a funcionar na segunda-feira em diante, e os clubes esportivos reencetarão domingo, os seus treinos. O número de óbitos, entretanto, continua a ser considerável, mas os casos recentes de “influenza” não se têm verificado com grande intensidade. O que atesta com mais precisão o declínio do terrível mal é o movimento nas farmácias que decresceu completamente. Enquanto no Recife a epidemia reinante tende a desaparecer em breve, a sua ação no Rio de Janeiro toma proporções assustadoras, segundo referem os telegramas. O número de casos fatais tem sido tão grande ali que muitos cadáveres permanecem insepultos por muito tempo, devido à deficiência do pessoal dos cemitérios para a abertura das sepulturas.²²⁷

O Recife lentamente continuava a dar sinais de normalização em sua vida cotidiana, chegando, ao final de outubro de 1918, com seus serviços em prol da sociedade sendo regularizados, ficando alguns outros, como o de transporte, realizado pela empresa Tramways, ainda com deficiências:

A vida vai se normalizando em nossa capital. Ontem, durante o dia, as principais periferias da cidade tiveram bastante movimento, como antes da epidemia. Das 11 às 17 h oras, o trânsito nas ruas do Imperador, 1º de março, barão da Vitória e Imperatriz esteve animadíssimo, permanecendo nos postos de parada grande número de pessoas que aguardavam os seus “tramways”. Das 17 horas em diante o movimento foi decrescendo em vista de os moradores dos subúrbios não poderem vir à cidade por falta de bondes, que em número escasso faziam os passageiros esperarem 40 e até mais de 60 minutos. Por isso, os mais precavidos tomaram os primeiros “tramcars” que demandavam os arrabaldes, receando que a certa hora não trafegasse mais nenhum. À noite, portanto, devido a essa falta de “tramways”, ocasionada, sem dúvida, por algum desarranjo qualquer, a cidade não teve o movimento que era de esperar.²²⁸

Outros estabelecimentos procuravam retornar à normalidade, como foi o caso do restaurante Leite, com localização no centro do Recife: “Restaurant “Manoel Leite” Este importante e afreguesado estabelecimento culinário da praça Joaquim Nabuco, que, devido à epidemia ter atacado diversos de seus auxiliares, estava dando somente almoço, já normalizou o seu serviço. Folgamos em registrar fatos como este, que atestam que a cidade está recuperando a sua vida habitual.”²²⁹

Em virtude da epidemia que atrapalhou o andamento do ano letivo nas escolas em Pernambuco, procurou a Diretoria de Higiene, em contato com os órgãos competentes do Estado em Educação, fazer uma modificação no calendário escolar: “A Diretoria de Higiene está agindo no sentido de não serem mais reabertos este ano os estabelecimentos de ensino, para que o governo do Estado indicará uma nova época de exames, procurando obter igual

²²⁷ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 25 out. 1918, ano XLI, n. 294, p.2.

²²⁸ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 26 out. 1918, ano XLI, n. 295 Op. cit. p.1-2.

²²⁹ Ibidem.

concessão do governo federal.”²³⁰ Com essa atitude, o setor educacional do Estado, diferentemente de outras atividades, não tem de volta sua normalização, ficando essa para o início do ano de 1919.

O aumento de pessoas nas ruas era percebido principalmente nos espaços de comércio: “Vai dia a dia se acentuando o declínio da influenza nesta capital onde a vida está quase normalizada. Nestes dois últimos dias o movimento das ruas tem aumentado bastante, principalmente nos bairros comerciais.”²³¹ Fazendo mostrar com isso uma saída da quase paralisação econômica da cidade em função da epidemia para o retorno a sua dinâmica comercial.

No dia 06 de novembro, A Província fazia publicar: “Ainda não desapareceu de nossa capital a “influenza”, como era de desejar. Embora em número reduzido, novos casos aparecem, registrando-se também alguns óbitos. Nos últimos dias, o número de enterramentos tem oscilado, não se podendo conhecer a marcha da epidemia continua em proporção descendente, como nos últimos dias do mês findo.”²³² Os sepultamentos, nos dias iniciais de novembro, tinham oscilado, porém não se podia fazer uma previsão correta da epidemia em relação ao seu declínio, mas se tinha a certeza de que estava essa moléstia em sua fase final no Recife de 1918.

Com a Gripe Espanhola em sua fase epidêmica final na primeira metade de outubro de 1918, questionava-se ainda a posição do Diretório de Higiene sobre suas ações no enfrentamento da moléstia. As opiniões se dividiam, e a desconfianças quanto ao número de óbitos com a doença continuava, principalmente por parte do jornal A Província, que - como já colocado - fazia oposição ao governo de Manoel Borba. Sobre esses números, este trabalho irá apresentar em seus anexos o relatório final da epidemia, apresentado pelo Diretor de Higiene Dr. Octávio de Freitas.

O jornal Diário de Pernambuco continuava firme em seus noticiários até o final da epidemia, continuando a exaltar as ações médicas pela Saúde do Estado no combate à Gripe, mostrando sua posição também política. Fazia apontar o Diário que esse problema que passara Pernambuco não era só nosso e que esse mal acometia todo o mundo, inclusive nações que eram consideradas com boas estruturas em relação à Saúde Pública:

²³⁰ A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 26 out. 1918, ano XLI, n. 295 Op. cit. p.1-2.

²³¹ A INFLUENZA Hespânica. **Diário de Pernambuco**. Recife, 26 out. 1918, ano 94, n. 295, p.1.

²³² A “INFLUENZA”. **A Província**. Recife, 06 nov. 1918, ano XLI, n. 306, p.2.

Passada a fase aguda da epidemia que tanto mal nos fez e que a tanta injustiça e maldade têm dado pretexto, cabem aqui algumas considerações sobre as pretensas responsabilidades da irrupção da influenza nesta capital. A espantosa difusibilidade desse mal que tem resistido em todo o mundo à toda sorte de cautelas profiláticas, irrompendo em lugares onde nenhum contato se dera com qualquer doente, zombando da organização sanitária dos países mais bem aparelhados neste particular, e o fato, [ilegível] nos evidenciado de haver a influenza aparecido quase simultaneamente em todas as principais cidades brasileiras, bastariam por si sós, para mostrar o absurdo, a insensatez dos que aqui em Pernambuco pretenderam atribuir a esta ou aquela autoridade. Entretanto, se pelo aparelhamento seja onde for, de uma epidemia que vem assolando o mundo inteiro, fosse imprescindível arranjar um responsável, quem o seria mais, no caso de Pernambuco – a Higiene do Estado ou a Saúde do Porto? ²³³

Fez o Diário lembrar a Saúde do Porto de Recife por ser essa instituição um Órgão Federal e de não responsabilidade da Saúde do Estado, salientando que a “entrada” da Gripe no Estado se deu através do porto pelo Vapor Piauhý: “Ninguém ignora ter sido a Saúde do Porto que introduziu na cidade os primeiros doentes de influenza, tripulantes do Piauhý; e a maneira como o fez, sem notificação prévia à Repartição de Higiene do Estado, sem qualquer precaução que fosse, deu lugar a que aquela Repartição pelo seu então diretor, protestasse contra o fato.”²³⁴

Argumentou o Diário que, se não fosse pelo Vapor Piauhý, seria de outra forma a entrada da Gripe no Estado, ressaltando o impasse que houvera entre a administração de Saúde do Porto com o da Saúde do Estado sobre os primeiros doentes que aqui desembarcaram: “Houve troca de ofícios, um princípio de conflito; mas os doentes foram ter ao hospital de Santa Águeda. Foi ainda a Saúde do Porto que, dias depois, fez acostar ao cais da rua da Aurora, um escaler cheio de doentes, alguns em estado melindroso. Novo protesto da Higiene do Estado, pelo seu novo diretor Dr. Octavio de Freitas.”²³⁵

Sobre ser responsável em relação à chegada da doença por aqui: “Se fosse lícito admitir que a ausência daquele primeiro fato (entrada dos doentes do “Piauhý”) nos teria evitado a epidemia, é claro que ninguém deveria ser por ela responsabilizado senão o Dr. Inspetor da Saúde do Porto”. Para o Diário, esse responsável não seria o Governo de Manoel Borba, e sim a administração Federal, responsável pela Saúde do Porto. Existia uma discussão sobre a responsabilidade de alguém pela entrada da Gripe em Pernambuco, como que se tivesse como fazer evitar, pois as epidemias vêm e se instalam em lugares e ditam seu tempo,

²³³ VARIAS. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1º nov. 1918, ano 94, n. 301, p.3.

²³⁴ Ibidem, p.3.

²³⁴ Ibid.

²³⁵ Ibidem.

ainda mais quando não existe uma determinada profilaxia para combater como foi o caso da Espanhola.

No dia 07 de novembro do ano corrente, o jornal A Província publicou um artigo com o título: E era tão fácil!..., o qual fez relatar o drama de uma pessoa anônima da sociedade recifense que sofrera do mal da Influenza, colocando esse exemplo de sofrimento como sendo a forma como os pernambucanos estavam se sentindo, fortalecendo a sua posição crítica ao governo do Estado:

Os nossos leitores se lembram com certeza da história daquele sujeito que acordou debaixo da goteira e que botou uma grande bacia em cima da barriga para aparar a água. Assim passou ele a noite, incomodado, aflito, com aquele peso em cima. E, no dia seguinte, contando o seu tormento a um amigo, este lhe observou: - “Mas era afastar a cama e já a goteira não caia em cima!” - É verdade! Respondeu o outro; era tão fácil!... Mas não me ocorreu!... Assim nós outros, os pernambucanos, tivemos aí uma pavorosa epidemia, desorganizando tudo, estragando a vida de toda a gente, fechando os cinemas, enchendo os cemitérios, colocando em apuros o governo, e nem ao menos este se lembrou de um meio de acabar a epidemia em dois tempos, sem remédios, sem contratar médicos, sem requisitar farmácias, sem nada, e apenas com uma penada!²³⁶

A Província, no mesmo dia, publicava o artigo acima citado e fazia uma ironia sobre a posição do Governo do Estado como consequência de o Governador publicar um decreto comunicando a sociedade pernambucana à extinção da epidemia no Estado:

Para que não digam que é mentira, ai vai a comunicação, publicada ontem, também, na “Imprensa Oficial”: “Nº 948 – Ao Sr. Dr. Manoel Antonio Pereira Borba, governador do Estado – Podendo considerar-se extinta a epidemia que, por algum tempo, perturbou a vida normal do pujante estado cujos gloriosos destinos acham-se entregues a vossa reconhecida competência, notável atividade e incontestável honradez, venho pedir torneis público os meus agradecimentos à Diretoria de Higiene, à chefatura de Polícia e ao Comando da Força Pública, etc., etc.”²³⁷

Completava a Província, destacando com mais ironia, que tomara que viesse outra epidemia, pois agora sim o Governo de Pernambuco já sabia como fazer parar de uma só vez qualquer moléstia. Era simplesmente baixando um decreto com o fim dessas: “E foi o único pesar que o Dr. Manoel Borba teve em toda a epidemia.”²³⁸

Na construção de dois discursos antagônicos que atravessaram a epidemia de Gripe Espanhola no Recife de 1918, no meio desses se encontrou uma sociedade que, a duras penas enfrentou o caos e só na segunda metade de outubro daquele ano ver lentamente a epidemia se afastando. O ceticismo, em função de um declínio epidêmico, também pairava na cidade, porém a própria diminuição gradual de serviços ao atendimento aos gripados colaborou para que a população começasse a se acalmar.

²³⁶ E ERA Tão Fácil!... **A Província**. Recife, 07 nov. 1918, ano XLI, n. 307, p.1.

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Ibid.

O mês de novembro foi o período de aceleração do declínio da epidemia de Gripe Espanhola em Recife. O reflexo desse era a diminuição do movimento de pessoas nas farmácias e a minoração de novos contaminados. Acelera ainda mais o movimento nas principais vias do centro do Recife, e a Diretoria de Higiene fez uma previsão de reabertura das casas de diversões e clubes esportivos da cidade, dia 28 de outubro, sendo essas informações as que trouxeram um novo ar de esperança e felicidade para a população.

O aumento de afluência de pessoas nas ruas, com a reabertura das casas de diversões, trouxe para o Recife sua antiga aparência, com Cavaleiros, senhoras e senhoritas em número nas salas de espera e nas filas dos cinemas, pois a população voltou a respirar aliviada com o processo de declinação da Espanhola. A cidade em plena recuperação tinha de volta a sua dinâmica cotidiana, pois o Recife acordava de uma forma mais tranquila em relação aos dias epidêmicos da Gripe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou recuperar as ações do governo e a mobilização da sociedade recifense no enfrentamento a epidemia de Gripe Espanhola em 1918, ao mesmo tempo observar a reação e ações da medicina diante de uma doença que desafiou seu saber médico, época em que os esculápios procuravam se distanciar e diferenciar-se dos que exerciam outras práticas em relação à cura.

O período estudado nesta pesquisa – de setembro a novembro de 1918 – foi marcado por debates de diferentes teses médica em torno da questão sanitária, de um Recife em mudanças em sua arquitetura, saindo de seu centro da cidade construções de pardieiros para dar espaços a grandes prédios comerciais. A forma como o poder público tratou a população desses pardieiros em decorrência de um processo de modernização, colocando em prática um urbanismo de exclusão. Em uma cidade onde o Estado deu ênfase, nesse período, ao crescimento comercial, procurando abrir espaços com o alargamento de ruas, demolindo habitações para a entrada de produtos que desembarcavam em seu porto, tendo esse porto passado também por reformas para atender a ideia de progresso que passava a cidade.

Entre reformas na cidade e a maneira como a população pobre que a habitava foi excluída, instalou-se a Gripe Espanhola, que em suas andanças pelo mundo e pelo Brasil resolve aportar e passar uma temporada em terras pernambucanas. A presença da doença em Recife é avassaladora, causando – segundo relatório do Diretório de Higiene – uma marca de mais de 2.000 vítimas fatais. O referido fato transcorreu no segundo semestre de 1918, trazendo impactos para os campos médico e político, fazendo com isso o aparecimento de uma consciência de caráter social sobre uma maior necessidade de atuação do Estado em relação às políticas de saúde pública.

Teve a Diretoria de Higiene do Estado uma proposta de reforma, visando obter uma maior garantia no funcionamento de suas ações e uma capacidade de intervenção na sociedade. Pois os fragmentos da epidemia no Recife provocaram um movimento sanitarista, o qual procurou legitimar um discurso sobre a doença, e a imprensa foi utilizada como o palco principal dos embates dos opositoristas e situacionistas do governo de Manoel Borba, então governador de Pernambuco. Era colocado como a maior expressão desse discurso o médico sanitarista Octávio de Freitas. Freitas assumira o posto de Diretor de Higiene com a morte do Dr. Abelardo Baltar, depois de esse ter chegado a óbito em decorrência da Gripe, tendo inclusive recebido da oposição a pecha de responsável pelo avanço da epidemia em Recife.

Foi criado em torno do Dr. Octávio de Freitas um enaltecimento sobre suas ações frente ao Diretório de Higiene. Porém, esse coloca em prática as mesmas ações que seu antecessor, com pequenas modificações. Constatou este trabalho que a diferença entre as duas administrações da saúde do Estado fora o prestígio e apoio político que Octávio de Freitas tivera a seu favor, considerando também que a imprensa de oposição, representada pelo jornal *A Província*, não se contrapôs de uma forma aberta como fizera ao Dr. Abelardo Baltar, o qual foi alvo de fortes críticas. Por sua vez, a Direção de Freitas recebeu melhores condições de trabalho e defrontou-se com a epidemia na sua segunda fase.

A epidemia transformou a forma de pensar a saúde pública no Recife, fazendo surgir mecanismos relativos a projetos de engenharia política, instaurando possibilidade de outras reformas futuras na cidade na década de 1920, sob a tutela de governos vindouros: “Os tempos modernos ampliaram a diversidade, os projetos de dominação da natureza, as sutilezas que envolvem as relações de poder, as tramas sociais e políticas. Instauraram o culto, às vezes cego, ao progresso.”²³⁹

Em 1918, a população de Recife submetia-se às precárias condições de saneamento, com carência de serviços básicos como de água e esgoto. Sobre essa realidade e fragilidade do poder público, a oposição política local usava a imprensa como fórum privilegiado, fazendo proveito da epidemia de Gripe Espanhola para questionar as condições de vida da população, apontando a péssima situação sanitária da cidade.

O trabalho analisou a construção de um contexto que envolveu a sociedade e as autoridades sanitárias, em que o Estado, após conferir que a cidade passara por uma epidemia, fez a saúde pública não se eximir de suas obrigações, procurando criar mecanismos de assistência aos que se encontravam na enfermidade com a Gripe, mesmo que esses fossem ineficazes no enfrentamento à doença, era o que estava ao alcance.

As incertezas e divergências em torno de diagnósticos e etimologia da Gripe preencheram as páginas dos jornais recifenses durante o evento epidêmico. Sobre as medidas das autoridades sanitária implantadas pela Direção de Higiene no período da epidemia, como a higienização de espaços públicos (lavagem e varrição de ruas), essas autoridades ficaram presas as suas limitações, pois contra a Gripe de 1918 não havia terapêutica específica e eficaz, nem uma profilaxia determinada, procurando assim fazer orientações de prevenção à doença, como evitar aglomerações e com dicas de higiene pessoal. Também durante o período

²³⁹ REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. Op. cit. p. 91.

em que perdurou a epidemia no Recife, foi comum a prescrição por médicos de purgativos, com receitas sobre fórmulas, nas quais os médicos faziam a combinação de vários componentes.

Analizamos as determinações das autoridades em fazer alterações e proibições na vida rotineira da população, como o fechamento de escolas, clubes, cinemas e até mesmo a proibição de celebrações de missas enquanto durasse a epidemia na cidade. O acompanhamento de enterros e as visitas aos enfermos em hospitais também foram vetados pelas autoridades.

A epidemia teve seu momento de declínio no final do mês de outubro, fazendo com que o poder público permitisse o retorno das atividades urbanas ligadas a diversões, ficando as escolas de retornarem suas atividades só no início do ano de 1919, retomando o Recife à sua vida cotidiana após longos dias de enfermidade.

Porém, mais que um problema dentro das questões médicas, a Gripe Espanhola se transformou em um problema social, analisado aqui neste trabalho, ou seja. Partindo da sua representação na sociedade, a Gripe constituiu um fato problemático exigindo uma explicação para a população afetada, sendo aceitável que tenha um sentido cultural e social.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. **A capital da saudade: Destruição e Reconstrução Do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo.** Recife: Ed. Bagaço, 2006.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço.** São Paulo: FTD, 1998.

BARRETO, Ângela Maria Maranhão. **O Recife através dos tempos: A Formação da sua paisagem.** Recife: Edições FUNDARPE, 1994.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROS, Souza. **A Década de 20 em Pernambuco.** Recife: Cepe, 2015.

BRASIL, **Ministério da Saúde.** Diretoria Geral da Saúde. Brasília. 2005.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: Ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Orientadora: Maria Clementina Pereira Cunha. São Paulo, 2002.

BERNARDES, Denis. Recife. **O Caranguejo e o viaduto.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARLA Bassanezi Pinsky, (organizadora). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

CARVALHO, Ária Maria. **A história das políticas de saúde no Brasil: 512 anos Vivos na Memória.** In: História da Saúde e da Doença. Antônio Emilio Morga (org.). Itajaí: Casa Aberta Editora, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas: O imaginário da República no Brasil.** 1. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas, SP: Papiros, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

DINIZ, Luiz Carlos. **A História do Hospital de Santa Águeda.** Recife: Avellar Gráfica e Editora, 1994.

FÁRIAS, Eduardo Alexandre de. **Jornalismo à espanhola: Um olhar sobre a gripe de 1918.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Artes e Comunicação – PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2008.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Representações sobre a doença e seus rituais de cura.** In: História da Saúde e da Doença. Organização. Antônio Emílio Morga. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2012.

FILHO, Claudio Bertolli. **A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: Epidemia e sociedade.** São Paulo: Paz Terra, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder: O nascimento da medicina social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **A vida dos homens infames.** In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1977.

GOULART, Adriana da Costa. **Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

_____. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan. abr. 2005.

KOLATA, Gina. **Gripe: A história da pandemia de 1918.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOBBSHAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve Século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento.** São Paulo: Hucitec, 2012.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o Marco Zero.** Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

LUZ, Madel Therezinha. **As instituições médicas no Brasil: Instituição e estratégia de hegemonia.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARTINS, Liane Maria Bertucci. **Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 143-57, jan.–abr. 2005.

MOTA, Alves Da. **No tempo do bonde elétrico: História sócio-Pitoresca dos Antigos Bondes do Recife.** Recife: Dialgraf, 1982.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Um urbanismo excludente: O caos da Capital Federal e do Bairro do Recife no Início do Século XX.** In: CLIO Revista e Pesquisa Histórica. N. 20, 2002. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas; apresentação Socorro Ferraz, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

NETO, Leandro Carvalho Damacena. **A influenza espanhola de 1918/1919 na Cidade de Goiás.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Uma cidade em tempo de epidemia: Rio Grande e a Gripe Espanhola (R.S – 1918).** UFSC. 1995. Dissertação (Mestrado em História).

PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: ontem e hoje.** Recife: Companhia e editora de Pernambuco, 1978.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. **O Recife histórias de uma cidade.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

ROSSI, Elizabeth Kubler. (Tradução Paulo Menezes). **Sobre a morte e o morrer.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Silva, Estelita Medeiros Mões. **Influenza no Recife: A Cidade Doente. A Gripe Espanhola, noticiada pelo Jornal “A Província”, Recife, outubro de 1918.** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2003.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola na Bahia, política e medicina em tempos de epidemia.** Tese (doutoramento em história das ciências da saúde). Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2007.

_____. **A gripe espanhola em Salvador, 1918:** cidade de becos e cortiços. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan. – abr. 2005.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus.** São Paulo: Contexto, 2015.

APÊNDICE A – FONTES IMPRESSAS FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**Jornal Diário de Pernambuco**

- Recife, 29 set. 1918, ano 94, n. 268, p.1.
Recife, 30 set. 1918, ano 94, n. 269, p.3.
Recife, 04 out. 1918, ano 94, n. 273, p.2.
Recife, 04 out. 1918, ano 94, n. 273, p.3.
Recife, 06 out. 1918, ano 94, n. 275, p.3.
Recife, 08 out. 1918, ano 94, n. 277, p.1.
Recife, 09 out. 1918, ano 94, n. 278, p.3.
Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p.2.
Recife, 12 out. 1918, ano 94, n. 281, p.3.
Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p.3.
Recife, 16 out. 1918, ano 94, n. 285, p.1.
Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286, p.2.
Recife, 17 out. 1918, ano 94, n. 286, p.3.
Recife, 18 out. 1918, ano 94, n. 287, p.3.
Recife, 19 out. 1918, ano 94, n. 288, p.1.
Recife, 22 out. 1918, ano 94, n. 291, p.1.
Recife, 24 out. 1918, ano 94, n. 293, p.3.
Recife, 25 out. 1918, ano 94, n. 294, p.3.
Recife, 26 out. 1918, ano 94, n. 295, p.1.
Recife, 1º nov. 1918, ano 94, n. 301, p.3.
Recife, 2 nov. 1918, ano 94, n. 302, p.3.

APÊNDICE B – JORNAL A PROVÍNCIA

- Recife, 30 set. 1918, ano XLI, n. 269, p.1.
Recife, 1º out. 1918, ano XLI, n. 270, p.1.
Recife, 3º out. 1918, ano XLI, n. 272, p.1.
Recife, 5º out. 1918, ano XLI, n. 274, p.1.
Recife, 06 out. 1918, ano XLI, n. 275, p.1.
Recife, 07 out. 1918, ano XLI, n. 276, p.1.
Recife, 09 out. 1918, ano XLI, n. 278, p.1-2.
Recife, 10 out. 1918, ano XLI, n. 279, p.1.
Recife, 12 out. 1918, ano XLI, n. 281, p.1-2.
Recife, 13 out. 1918, ano XLI, n. 282, p.1.
Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.1.
Recife, 14 out. 1918, ano XLI, n. 283, p.2.
Recife, 16 out. 1918, ano XLI, n. 285, p.1.
Recife, 17 out. 1918, ano XLI, n. 286, p.1.
Recife, 19 out. 1918, ano XLI, n. 288, p.1.
Recife, 22 out. 1918, ano XLI, n. 291, p.1-2.
Recife, 23 out. 1918, ano XLI, n. 292, p.1-2.
Recife, 24 out. 1918, ano XLI, n. 293, p.1.
Recife, 25 out. 1918, ano XLI, n. 294, p.2.
Recife, 26 out. 1918, ano XLI, n. 295, p.1.
Recife, 28 out. 1918, ano XLI, n. 297, p.1.
Recife, 29 out. 1918, ano XLI, n. 298, p.1.
Recife, 06 nov. 1918, ano XLI, n. 306, p.2.
Recife, 07 nov. 1918, ano XLI, n. 307, p.1.

APÊNDICE C – JORNAL A ORDEM

Recife, 29 set. 1918, ano II, n. 269, p.1.

Recife, 06 out. 1918, ano II, n. 276, p.1.

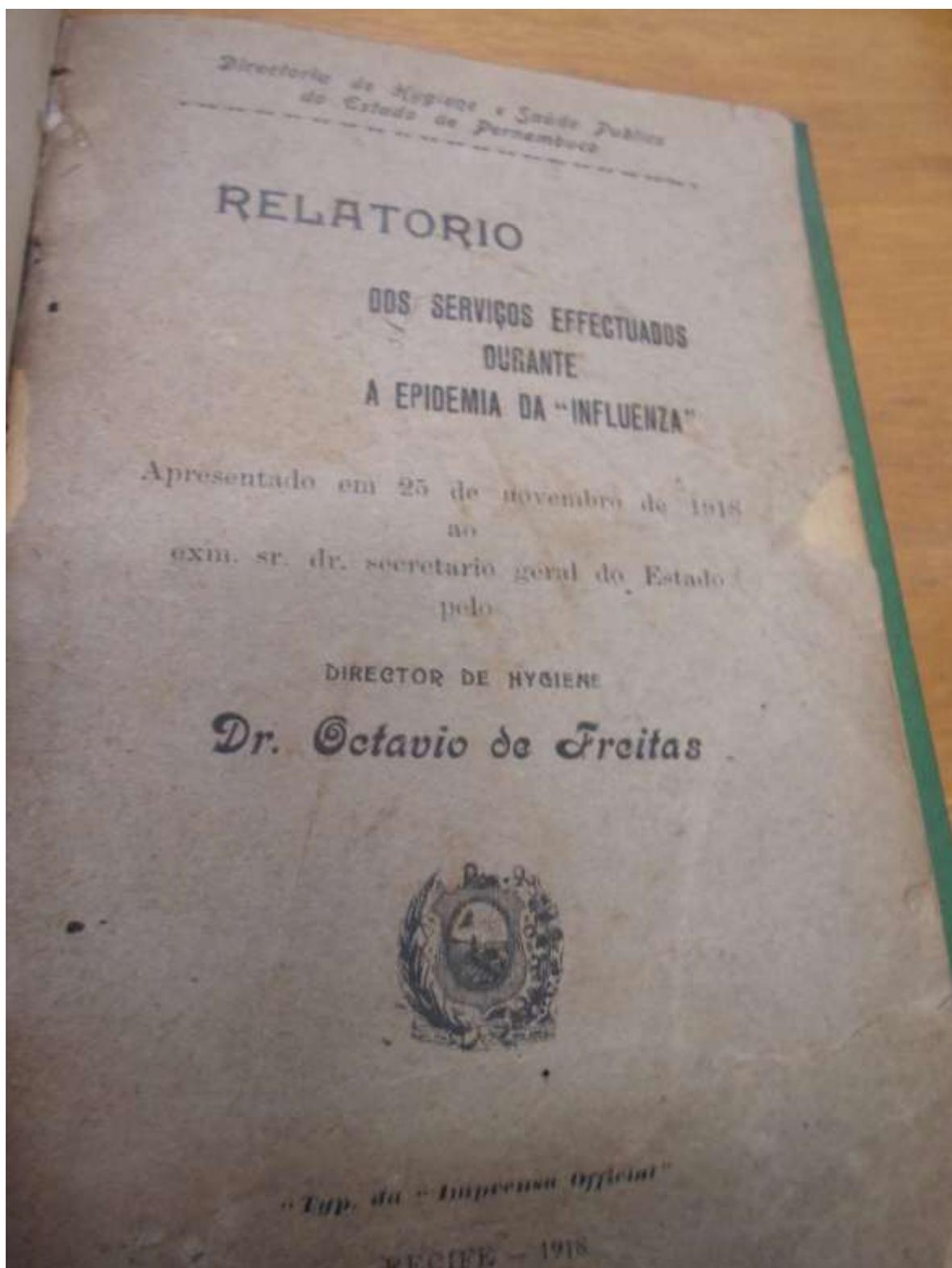
Recife, 08 out. 1918, ano II, n. 278, p.1.

Recife, 09 out. 1918, ano II, n. 279, p.1.

Recife, 10 out. 1918, ano II, n. 280, p.1.

Recife, 11 out. 1918, ano II, n. 281, p.1.

ANEXO A – RELATÓRIO DO DOUTOR OTÁVIO DE FREITAS SOBRE A GRIPE



RELATORIO

DOS SERVIÇOS EFFECTUADOS
DURANTE
A EPIDEMIA DA "INFLUENZA"

Apresentado em 25 de novembro de 1918
ao
exm. sr. dr. secretario geral do Estado
pelo

DIRECTOR DE HIGIENE

Dr. Octavio de Freitas



Typ. da "Imprensa Official"

RECIFE - 1918

A "influenza" epidêmica em Pernambuco em 1918

I.—BOSQUEJO HISTÓRICO

Não foi este o primeiro anno que a gripe ou "influenza", sob a forma epidêmica, visitou a cidade do Recife e municípios do nosso Estado.

Já em 1890 o famigerado flagello, vindo não se sabe bem de onde, apesar de proclamarem-n'o originario da Persia ou da Siberia—deste temeroso Oriente, tido como o berço de todas as grandes epidemias—numa invasão brusca e pandêmica, num accommetimento a todo o globo, desencadeiou, entre nós, de um modo mui notavel as suas estonteantes devastações.

Em pouco tempo ella ganhou as culminancias do quadro nozologico e sobrepujou a todas as outras molestias reinantes, provocando os seus costumados disturbios pathologicos, tanto nas camadas superiores da sociedade, como entre a burguezia e o operariado, não escapando, naquella epoca, um terço, talvez, da população, ás suas investidas.

No entretanto era esta, então, uma banal molestia caracterisada apenas por um ligeiro defluxo, calefrios, espirros, pequena elevação de temperatura, fugaz sensação de "molleza" e nada mais.

Parecia que o germen a que se attribuia o mal, o pequenissimo bastonete de Pfeifer, o menor e o mais delgado de todos os bacillos, sentia-se sem forças para luctas mais fortes e distribuia os seus maleficios em doses homeopathicas — ganhara em extensão o que perdera em intensidade!

Os influenzados de 1890 não ligaram a tuenor importancia ao seu estado morbido, não se "acamavam" e assim,

casos, e, assim, em toda a parte, um novo surto de epidemia e um novo divertimento.

Neste caso, ainda, para um só caso foi registada entre as gripes, a presença também, felizmente, accusada em 1901, notando-se o anno de 1893 tres obitos e o de 1892 dous.

Em 1890 nova importação (ou revivescencia?) do mal deu lugar a uma outra extensissima epidemia, podendo-se dizer que, nesta época, todo o Recife ficou infectado.

E, não obstante esta prodigiosa expansibilidade, o numero de fallecimentos foi insignificante, computando-se apenas, para todo o anno, 43 obitos!

Dahi por diante a gripe tornou-se endemica nesta cidade e todos os annos ella ponde ser observada pelos clinicos e pelos hygienistas como causa de morbidade e de mortalidade, notando-se mesmo que, anno a anno, o seu minusculo germen pathogenico, a medida que ia se adaptando ao nosso meio exaltava, mais e mais, a sua virulencia ou, com mais justificadas razões, creava sympathias a outros germens microbianos que a elle associavam-se conferindo-lhe uma malignidade crescente e continuada.

Deste modo a gripe, como molestia que mala, nunca mais deixou a nossa constituição medica, conservou-se sempre, dahi por diante, em nosso obituario e, o que é mais desalentador, numa progressão intensiva, como o demonstram os dados seguintes de sua mortalidade annual:

1895.	6
1896.	1
1897.	13
1898.	8
1899.	32
1900.	145
1901.	12
1902.	29
1903.	34
1904.	23
1905.	106
1906.	71
1907.	113
1908.	96
1909.	191
1910.	219
1911.	187

1912.	242
1913.	213
1914.	286
1915.	301
1916.	392
1917.	308

Como se está vendo, pois, não é a "influenza" "molestia nova", entre nós. Antes, vem ella, pouco a pouco, mas de ha muito, nos causando fundos maleficios, deixando, sorteiramente, de ser a "bõa doença" dos seus primitivos tempos para se constituir, maldosamente, uma terrível e fadora de vidas insidiosa e pertinax

II—INVASÃO DA ACTUAL EPIDEMIA

Poucos dias depois de ter-se conhecimento, nesta cidade, por telegramma, de uma epidemia mortifera sobrevida em Dakar, da qual foram victimas varios e prestimosos patricios nossos, medicos, pharmaceuticos, officiaes de marinha e marinheiros, a bordo de vasos mercantes e de guerra ali estacionados, a Inspectoria de Saúde do Porto do Recife teve sciencia de que navios daquella procedencia deviam aportar no nosso ancoradouro e disso deu conhecimento á Directoria de Hygiene e Saúde Publica do Estado.

Foi isto em fins de setembro ou mais precisamente no dia 25 daquelle mez.

Ao mesmo tempo, porém, que taes noticias eram levadas ao conhecimento das autoridades sanitarias federaes e estadoaes, ou talvez um pouco antes, navios oriundos daquella procedencia ou de outras infeccionadas como esta, tinham livre pratica no porto desta cidade e varios doentes delles desembarcaram, internando-se em hospitaes e casas de saúde ou recolhendo-se a casas particulares.

A Saúde do Porto, sob o fundamento de se tratar de "simplex doentes de influenza", molestia não capitulada de pestilencial exotica, nem de notificação obrigatoria, deixava-os saltar sem mais formalidades e os navios infectados eram visitados por todo o mundo.

Resultou, deste facto, nova importação de nossa velha conhecida, a "influenza", desta vez sobrenomada de "hespanhola", naturalmente por ter, nos ultimos tempos, provocado grandes maleficios em terras da peninsula ibe-

uma e a outra acção simultaneamente sobre o organismo impregnado e a reacção interior, actuando, porém não apenas a primeira, que tanto tempo como a influencia hereditária e a segunda actuam nella em raras occasiões. E assim todos os organismos, com muitas probabilidades de serem, tratados, se, si não de uma entidade micrographica nova, se trata de uma "influenza" instaurada — uma "influenza hospitalar" — contemporânea a uma "influenza" "nova".

Como era de prever, os primeiros habitantes da cidade atacados de moléstia foram os empregados do trabalho nos Docas do Porto e o pessoal da Recbedoria do Estado, mas a outros no maior contacto com os primeiros infectados logo chegaram.

Logo que a moléstia se manifestou anteriormente teve conhecimento, por intermédio do empregado dr. G. Barreal, de se achar acometido do mal, o pessoal das Docas do Porto, incumbido o inspector sanitario dr. Thomaz Dias de syndicare da occorrença e este, em relatório apresentado a Direcção de Hygiene e Saúde Publica, a 30 de setembro, concluiu que "os innumerables casos observados não differiam da gripe que sempre existe nos tempestades".

O inspector sanitario dr. Fragosa Silva, encarregado de proceder a exame clinico em alguns doentes desembarcados do vapor "Carcovado" e enviados pela Inspectoria da Saúde do Porto para o Hospital de Santa Agueda, na mesma occasião, firmou analogo diagnostico da "influenza commun".

Por ultimo, o inspector sanitario dr. José Cluex, commissionado para visitar os empregados da Recbedoria do Estado doentes da "mal dos armazens" apresentou, igualmente, a 30 de setembro, o seu minucioso relatório no qual conclue pela semelhança, pela identificação dos symptomas observados nestes doentes com os da influenza classica.

Os empregados da Recbedoria, como os trabalhadores das Docas, residindo em differentes e distantes logares da cidade foram, deste modo, os disseminadores pelo Recife inteiro do mal contrahido nos armazens do Porto, sem que disso lhes coubesse a menor particula de responsabilidade.

Más esta necessidade de communicação inter-humana para a disseminação da "influenza" é uma questão que não está de toda elucidada ainda e o professor Fernand Vidal, entre outros, sugere duvidas a este respeito muito judiciosas perguntando, no correr de sua excellente disserta-

ção sobre o competente assumpção, si este meio de transmissão e de propagação será o unico e si elle só bastará para explicar a marcha das epidemias grippaes.

Ainda agora mesmo tivemos, entre nós, um exemplo suggestivo que vem invalidar este restricto modo de considerar epidemiológico:—irrompeu a "influenza" aqui no Recife e, successivamente, em differentes localidades do nosso Estado justificando-se o apparecimento della em todos os logares pela contaminação originada de individuos doentes vindos de outros pontos já inferccionados.

Em Fernando de Noronha, porém, appareceu no mesmo tempo quasi, identico flagello, com todo o cortejo symptomatologico observado nos doentes dos demais territorios pernambucanos.

E no entretanto, esta ilha tão distante da nossa costa, quasi um mez antes da erupção epidemica, se achava completamente isolada de communicações quaesquer, feitas, como se sabe, por meio de vapores que do Recife partem para ali de longe em longe!

Assim, somente appellando-se para uma epidemia espontanea, pela revivescencia dos germens ali hybernando por algum tempo, se poderá explicar o phenomeno interessante, facto aliás já observado em Hull, na Inglaterra, no mez de abril de 1891.

Como quer que seja, ou pela incorporação de novos germens vindos de fóra ou pela exaltação dos existentes na propria localidade, exaltação esta provocada por modificações atmosphericas supervenientes no momento, o facto que deve ser assignalado na actual epidemia é que ella invadio em um espaço de tempo relativamente muito curto quasi todos os recantos da cidade, graças á extrema diffusibilidade do seu germen pathogenico e ás condições especialissimas de receptividade em que este encontrou a nossa população.

A principio, e isto é igualmente de seus habitos e de sua conhecidissima historia epidemiologica, os casos eram muito benignos e curavam com os mais banaes medicamentos.

Muitos doentes restabeleceram-se em 24 horas apenas de estadia no leito e varios outros, mesmo, supportaram o levissimo ataque grippal sem uma soluçõ de continuidade nos seus labores quotidianos.

Parecia até que a epidemia pernambucana primava querer confirmar a velha definição de Broussais

"Grippe, ressembla aos sintomas dos diâmetros e dos pontos
seus efêmeros"

De repente, porém, justamente quando o número de
atendidos atingia os limites, as formas da moléstia altera-
ram-se pela exaltação de virulência da agente infectan-
te, complicações broncho-pulmonares tornaram-se de uma
frequência e de uma gravidade extraordinária, e os ge-
meiros como letosa vieram modificar radicalmente o equi-
líbrio no prognóstico do mal, o qual a quasi todos se afi-
curava no sistema.

Rapidamente o número diario de obitos sobiu e as
cessivas vulturas e o pânico estabeleceram-se na população,
sendo mais perigosas tornando-se as suas condições de resis-
tência organica.

Para bem se aquilatar o que foram os tristes dias do
mez de outubro aqui transcrevo o numero diario de en-
terramentos realizados neste municipio, nos seus diversos
cemiterios, durante aquelle mez:

Mortalidade geral do mez de outubro

DIAS	N. DE OBITOS
1.	23
2.	22
3.	23
4.	30
5.	28
6.	42
7.	42
8.	51
9.	62
10.	76
11.	92
12.	158
13.	78
14.	121
15.	119
16.	163
17.	151
18.	151
19.	143
20.	135
21.	78
22.	156

Se considerarmos
o numero de enter-
ramentos nos cemite-
rios
1913.
1914.
1915.
1916.
1917.

Se attende
materiais de
um mez de
oculção de
de G. do
sua com 7
1914 (epid
sibramen
erupção
lacritosa
suaente
e de m
menor

III--E
de e
aca

DIAS	N. DE OBITOS
23.	104
24.	92
25.	88
26.	55
27.	40
28.	60
29.	56
30.	57
31.	42
Total.	2551

Si considerarmos que no mez anterior a mortalidade geral do municipio do Recife tinha attingido apenas a 526; si levarmos em linha de conta que nos ultimos cinco annos o numero de enterramentos neste mez de outubro tinha oscillado nos seguintes totaes :

1913.	661
1914.	654
1915.	663
1916.	631
1917.	588

Si attendermos, finalmente, que nos grandes surtos epidemicos havidos nestes ultimos annos a mortandade geral nao ultrapassou de 524, no mez de agosto de 1895 (epidemia de febre amarella com 33 obitos), de 844 no mez de outubro de 1896 (epidemia de variola com 375 obitos); de 657 no mez de abril de 1902 (epidemia de peste bubonica com 77 obitos) e de 1506 no mez de maio de 1904 (epidemia de dysenteria com 804 obitos); si considerarmos tudo isto, devemos reconhecer que a actual erupção de "influenza" foi a mais mortifera e a mais calamitosa de todas as epidemias aqui observadas, inferior somente a do cholera, em 1856, que matou em um só mez, o de março, 2065 pessoas em uma população quatro vezes menor que a que possuímos actualmente!

III—ESTATISTICA DA MORTALIDADE PELA GRIPPE

Com o diagnostico expresso de gripe accusou o mez de outubro 1251 obitos, tendo sido o seu numero nos meses anteriores do corrente anno o seguinte :

Janeyro.	43
Fevereiro.	21
Março.	34
Abril.	39
Maió.	24
Junho.	25
Julho	23
Agosto.	30
Setembro.	32

Embora excessivo, o numero de enterramentos capitulados de gripe, no mez de outubro, ainda está elle a quem da verdade, pois devem ser levados a sua conta, si não a totalidade, pelos menos a grande maioria dos obitos attestados pelos medicos da policia sob a rubrica de "thanatomo:bia" e que orçaram em 642

Reconheço que a estes funcionarios não cabe a culpa de ficarem assim sem um diagnostico preciso ou mesmo approximado da causa da morte muitos individuos enterrados

Mas o que é facto é que si nas epochas normaes esta imprecisão de diagnosticos vem perturbar grandemente as estatisticas, embora o numero relativamente pequeno delles, de que tamanho não se apresentará ella nos momentos epidemicos como este que acabamos de atravessar, onde a mortalidade attingio a alturas raramente observadas?

Felizmente, afim de fazer cessar tão grave inconveniente já está creado o serviço de verificação de obitos no município do Recife o qual entrou ha pouco dias em proveitosa execução

No entretanto, uma vez que não dispuz, na emergência, de meios para dar um correctivo immediato á falha que acabo de apontar, não podendo igualmente nas estatisticas que vou apresentar, capitular taes obitos de causa indeterminada como, effectivamente, de "influenza" porque a isto se oppõem os preceitos estatisticos, resolvi considerar, nestes dados demographicos, os assignalados 642 fallecidos por "molestia que mata" como de "suspeitos de gripe"

Neste presupporto, eis os dados collectados no mez de outubro :

a) Mortalidade diaria pela grippe

Dias	Influenza	Suspeitos	Total
1	4	4	8
2	6	5	11
3	4	3	7
4	6	3	9
5	6	0	6
6	12	4	16
7	12	6	18
8	17	8	25
9	20	11	31
10	36	9	45
11	44	23	67
12	70	38	108
13	42	23	65
14	87	22	109
15	60	35	95
16	100	42	142
17	92	36	128
18	86	44	130
19	86	39	125
20	62	45	107
21	5	5	50
22	59	75	134
23	51	29	80
24	42	37	79
25	43	23	66
26	20	16	36
27	29	3	32
28	21	26	47
29	27	10	37
30	32	11	43
31	18	10	28
Somma.	1251	642	1893

Do cunpulo deste mappa verifica-se que a mortalidade attingio o seu maximo no dia 16, com 100 obitos de grippe e 42 suspeitos, desce: do dahi por deante, gradativamente, até o fim do mez.

A marcha da lethalidade porém, não acompanhou absolutamente a da morbilidade, observando-se, pelo contrario que os obitos sobrevieram em maior numero justamente quando a morbilidade decrescia a olhos vistos.

b) Mortalidade da gripe por freguezias

Freguezias	Grippe	Suspeitos	Total
Recife.	20	10	30
Santo Antonio	38	17	55
São José.	89	107	196
Alagados.	241	138	379
Bom-Vista.	430	184	614
Graça.	163	170	333
Poço.	170	8	178
Varzea.	100	8	108
Somma.	1251	642	1893

Parecerá, pelo exame deste quadro, que a gripe fez maiores devastações na freguezia da Bom-Vista, accusando ella só, um terço do numero total de obitos.

Si attendermos, porém, que é neste bairro onde estão situados quasi todos os hospitaes e que para estes veem doentes de todas as outras freguezias e quiza de localidades do interior, teremos de modificar em muito a nossa primitiva supposição.

Na realidade, eis como se dividio a mortalidade hospitalar e domiciliaria, no mez de outubro :

c) Mortalidade, dos hospitaes e domicilios, pela gripe

Hospitaes	Grippe	Suspeitos..	Total
Casa Detenção.	11	0	11
H. Portuguez. . .	2	0	2
H. Militar. . . .	6	0	6
H. Pedro II. . . .	83	1	84
H. S. Agueda. . .	115	0	115
A. Mendicidade.	82	0	82
H. dos Lazaros.	0	0	0
H. Alienados.	17	0	17
Somma.	316	1	317
Domicilios	935	641	1576
Total.	1251	642	1893

Si considerarmos unicamente os obitos com o diagnostico expresso de "influenza", vê-se que mais de vinte e tres por cento delles occorreram nos meios nozocomiaes (316 : 1251).

Englobando-se a estes, porém, os obitos suspeitos a mortalidade hospitalar desce a pouco mais de desesete por cento.

Retirando-se das diferentes frequencias a mortalidade hospitalar verificar-se-á que a Alameda cuberá a primazia do numero de obitos pela "influenza", na presente epidemia.

Muito interessante e instructivo seria poder se estabelecer a percentagem dos obitos pela "influenza" em relação ao numero dos atacados por esta enfermidade.

Para isto, porém, seria preciso conhecer-se o numero exacto de doentes accommetidos do mal, nesta quadra epidemica, o que não ficou determinado pela falta de notificação obrigatoria dos casos, providencia que só veio a ter efficiencia depois do dia 15 daquelle mez.

No entanto, de um modo indirecto poderemos calcular esta morbidade pela "influenza" :—computando-se o numero de pessoas adoecidas e os obitos em alguns meios collectivos e dahi, tirado-se uma percentagem media, avaliar-se, approximadamente, o numero total de influençados nas diversas frequencias desta capital.

Assim vejamos para os hospitaes o numero de pessoas adoecidas e os seus obitos de 25 de setembro até 15 de novembro :

d) Pessoas doentes e obitos nos meios nosocomiaes

Hospitaes	Doentes	Obitos	Porcentagem
Casa Detenção	392	11	2,8
H. Portuguez.	182	4	2,1
H. Militar. . .	347	8	2,3
H. Pedro II. . .	678	83	12,2
H. dos Lazáros	30	0	0,0
H. Alienados.	126	31	24,6
A. Mendicid.	789	79	10,0
H. S. Agueda	534	140	26,2
	3149	356	11,3

Esta percentagem de 11,3 é muito elevada, considerada ao primeiro golpe de vista, e si fosse ella a que se devesse tomar para o computo da morbidade, a vinte mil não atingiria o numero de doentes havidos em todo o municipio do Recife.

Devemos, porém, ter em attenção que nos meios nosocomiaes a "influenza" incidio sobre individuos já affectados de molestias anteriores que lhes conferem, ás vezes, uma excepcional gravidade.

Assim examinemos o assumpto :

No Hospital Pedro II, há duas salas destinadas a tuberculoses e ancylostomiasos e nelles foi que o mal fez maiores devastações, bem como na maternidade, onde, como anteaue mostrarei, não escapou uma só parturiente.

No Asylo de Mendicidade os obitos occorreram em ulcerosos chronicos, individuos cachetizados e em completa desorganisação physica.

No Hospicio de Alienados é de notar-se a extraordinaria mortalidade (54,2 por cento dos atacados) demonstrando que um systema nervoso doente em qualquer dos seus territorios é uma sobrecarga, com a qual vão lutar os elementos defensivos do organismo, ao novo mal que o invade.

Por ultimo o Hospital de S. Agueda é o receptaculo dos individuos já nas derradeiras etapas da doença e que ali chegam muitas vezes, nas vascas da agonia.

Levando-se, pois em linha de conta estas razões e, em virtude dellas, afastando-se dos calculos o Hospicio de Alienados e o Hospital de S. Agueda, bem podemos considerar uma razoavel media de 3 por cento para o numero de obitos na população hospitalar e, consequentemente, tendo sido 1893 os obitos da epidemia, o numero de influencia-dos deve ter subido a mais de sessenta mil em todo o municipio.

Eu considero, porém, duplicado este numero para computarmos uma morbilidade real porque a uma mortalidade hospitalar levando-nos a cifras mais altas contraponho a morbilidade dos collegios, mais de accordo com a observação na collectividade, por se tratar de "pessoas sãllas que adoeceram" onde a mortalidade foi excessivamente reduzida, como demonstra o mappa seguinte :

e) Creanças e adultos doentes e fallecidos nos collegios

Collegios	Doentes	Obitos	Percent.
C. dos Expostos.	184	4	2,1
Institutos dos Cegos.	33	0	0
A. Magalhães Bastos.	59	0	0
C. S. Vicente.	288	0	0
C. S. Thereza.	16	0	0
C. S. Joaquim.	262	0	0
Gymnasio Ayres Gama.	30	0	0
Instituto Pernambucano.	2	0	0
Gymnasio do Recife.	18	0	0
Instituto Carneiro Leão.	18	0	0

15

Collegios	Doentes	Gratos	Percent.
Collegio S. do Jussara.	9	0	0
Collegio Salesiano.	3	0	0
Collegio Nobrega.	9	0	0
Instituto Gervasio Cruz.	21	0	0
Collegio Americano.	31	0	0
" Maristas.	10	0	0
" Prytanen.	13	0	0
" S. Margarida.	0	0	0
" Damas Christ.	0	0	0
" Eucharistico.	60	1	0
" N. S. Pompea.	0	0	0
" Amer. Evangel.	0	0	0
" 24 de setembro.	1	0	0
" S. Jose.	1	0	0
Total.	1107	5	0,3

A vista de todas estas razões expendidas podemos admitir o reconhecimento de 120.000 pessoas pela "influenza hespanhola" na cidade do Recife durante a recente epidemia.

Ainda uma ultima questão interessante a aventar a respeito da estatística da mortalidade pela gripe é a que concerne as idades e sexos.

Dizem os tratadistas que os homens são mais frequentemente atingidos pela gripe que as mulheres; que as crianças são mais poupadas que os adultos; que dos 20 aos 60 annos a mortalidade é maior do que alem destas idades.

Detalhemos os factos.

Na actual epidemia collectou-se os seguintes dados a respeito de idades e sexos:

f) Mortalidade grippal por idade e sexo

IDADES	Influenza		Suspeitos		Somma	
	H.	M.	H.	M.	H.	M.
0 a 1 anno.	53	60	60	45	113	105
1 a 5 annos.	88	94	57	54	145	148
6 a 10 annos.	35	31	13	16	48	47
11 a 20 "	84	60	23	32	107	92
21 a 30 "	171	120	47	62	218	182
31 a 40 "	112	109	62	61	174	170
					105	218
					148	293
					47	95
					92	199
					182	400
					170	344

pelas idades dos adultos de 20 a 60 annos. Antes, a gripe atacou indistinctamente toda a nossa população ou, pelo menos, determinou obitos em todas as idades, obitos estes que se contaram em numero tanto maior quanto mais elevadas eram as idades das pessoas victimadas.

Acreditaram muitos que os velhos e as creanças foram mais poupados que os individuos das idades intermedias e os annos de 92 velhos e de 511 creanças em contraposição aos 1.253 adultos fallecidos pareciam isto confirmar.

Mas é que os habitantes dos grupos de idades comprehendidas entre os 20 a 60 annos sendo muito mais numerosos que os dos velhos ou os das creanças os obitos ali se contaram, pela mais extensa sementeira, em maiores algarismos.

A porcentagem real, no entretanto, demonstra-nos que todas as idades contribuíram ou forneceram contingentes quasi eguaes.

IV—FORMAS CLINICAS DA GRIPPE E OS TRATAMENTOS INSTITUIDOS

A gripe pura, escorreita, é uma infecção banal e susceptivel de cura na totalidade dos accommetimentos.

O que lhe confere uma gravidade maior ou menor, o que a torna molestia causadora de obitos são, de um lado, as complicações que lhe sobreveem, tantas vezes, são as implantações de outros agentes microbianos no organismo já combalido por esse mal.

De outro lado a gravidade da "influenza" está em relação muito directa com o terreno sobre o qual ella evolue; todo o organismo tarado resiste pouco, defende-se mal de suas investidas, morrendo as pessoas affectadas de molestias chronicas, ás vezes, de ligeiros ataques de gripe

Haja vista a mortalidade hospitalar e com particularidade a observada no Azylo de Alienados.

Em certos casos, mesmo, este insidioso mal põe em evidencia uma molestia latente que evoluirá com rapidez prodigiosa, matando suas presas em pouco tempo.

Assim, toda a molestia anterior, todo o estado de dystrophia previa do organismo e, sobretudo, todas as affecções pulmonares, renaes e cardiacas ennegrecem demasiado o prognostico da gripe.

Tambem os feridos, como as parturientes são fundamentalmente maleficiados pela "influenza".

Uns e outros são sujeitos quasi sempre a infecção pu- que lhes determina a morte com a maxima rapidez.

— 19 —
 si se chegar a evidência que este bacillo de Pfeifer é um
 mytho e que os responsaveis pela "hepatidite" são os
 "coccos", coraveis ou não coraveis pelo termo, de que fal-
 lam os ultimos estudos dos laboratorios, elles não devem ser
 os mais combatidos.

O outro grande medicamento largamente utilizado, em
 se fallando de gripe, são os sues de quinina.

E este um remedio de resa proveito e aqui empregado
 com a maior efficacia como meio preventivo, abortativo
 e curativo.

Aind. devo referir-me a um outro medicamento pre-
 ventivo e abortativo que aqui empregamos com feal suc-
 cesso:—Injecções de sues mercurizes—: alguns doentes
 meus e de outros clinicos, em numero não pequeno, em
 uso de taes meios curativos ou não contrahiram o mal ou
 foram lesados de um modo extremamente fugaz.

Contrahida a molestia, por inobservancia de alguns
 dos preceitos aconselhados pela medicina, ou a despeito
 delles, e sem me deter no classico emprego dos purgativos
 salinos e das poções diaphoreticas, de uso demasiadamente
 corrente por todos os nossos clinicos e para medicos, as
 medicações instituidas estiveram mais em relação com os
 symptomas e as complicações do mal que com a sua origem
 ou a sua natureza.

E' verdade que se fallam numa auto-hemoserothera-
 pia, numa seronisação anti-diphtherica e bem assim de vac-
 cina feitas com as culturas dos germens colhidos dos in-
 fluzados por via endovenosa—vaccina polyvalente se-
 gundo o conhecido methodo do dr. Wright.

Estas tentativas, porém, não tiveram entre nós ini-
 ciadores nem quem lhes procurasse, ao menos, conhecer
 o grão de efficacia.

Somente alguns ensaios foram feitos, por conselhos
 meus dados aos inspectores sanitarios, com o soro anti-
 pneumococcico.

As experiencias foram muito reduzidas, meia duzia ou
 pouco mais. Todas ellas, porém, deram resultados muito
 compensadores, curando os doentes em espaço de tempo
 não muito dilatado.

A toxase anti-infecciosa teve alguns successos quando
 havia suspeita de septicemia com o mesmo intuito deram
 excellentes resultados as injecções de electrargol e de
 ionargol.

Como meios coadjuvante e mantenedores das forças
 doentes tiveram larga extracção as inje-

ções de óleo camphorado, de água salada, de espartina, de arenalina, de diálina e outras.

Remédios muito empregados mas que bastantes vezes causaram dissabores, pelo seu uso intempestivo e desabados foram a aspyrina, o pyramidon e a cryogenina.

Elles podem ser considerados armas de dois gumes que quando não muito bem manejados causam mais mal do que beneficio proporcional.

Tiveram larga extracção tambem o benzozato de sodio, o chloreto e acetato de ammonio, o balsemo de tulá e os derivados da papaver somnifera.

Foram estes os armamentos therapeuticos mais em evidencia. Póde ser que eu tenha deixado no olvido uma ou outra droga aqui utilizada.

Não se queixem ellas, porém, deste meu esquecimento, porque se as lembrasse, talvez que, ao lado de alguns feitos gloriosos a apontar, eu tivesse necessidade de desenterrar-lhes as artimanhas e as criminassem, afinal, por um "horror" de iniquidades praticadas.

V.—PESQUIZAS DO LABORATORIO

O editor responsavel pelas devastações de gripe, o bacillo de Pfeifer, parece ter se demittido solertemente das suas funcções pathogenicas.

Pelo menos, nos ultimos tempos, nas mais recentes e minuciosissimas investigações realisadas por toda a parte e nos mais abalisados laboratorios, elle tem se esquivado ás vistas investigadoras dos microscopistas e não houve mais bacteriologista que o enxergasse nas suas preparações, coradas pelos mais energeticos reagentes!

Por isto é que alguns experimentadores negam-lhe toda a relação de causalidade e vão acreditando que o germen da "influenza" é "invisivel", como o de febre amarella e o da variola e como o eram, até muito pouco tempo os da ruiva e os da peri-pneumonia dos bovinos.

Little, Gadofalo e Williams, do corpo medico do exercito canadense, ultimamente, não encontraram bacillo de Pfeifer em perdigotos ou em culturas feitas com esudatos do nariz e garganta ou com o escarro.

O que elles encontraram sempre foi um coco, com muitos caracteres do estreptococco e com um poder hemolytico relativamente fraco.

Gotch e Wittingham, por sua vez, encontraram um cocco com as credenciaes do "micrococco catarchal" nas mucosidades e nos escarros de cincuenta influenciados.

Este sempre lexico
ambicos. Tambem não é
permeabilisiss. mas é
Mais vezes da que
vezes não ainda por
seem positivo, como
Entre nós as p
assumpio em debate
da epidemia porque
imporante depar
É verdade que
pões haviaci sido
estudos systematis
pela falta que del
Hemoculturas
no Hospital de
bacteriologico de
sultado a inexist
de diplococos to
e de estreptoco
Estas pesq

VI
Na leta e
rectoria de H
a) Notiff
extensão do
ventura seg
com o artip
alto alcanc
combate di
se ia encor
gione os r
deos e pe
Neste
tado pela
ficife a
doentes
lizeram
b)
Municit
que est
peutic

perceira de hygiene, com efflicacia aconselhadas para outros males.

Por este motivo tomei logo a albitre de requisitar todos os medicos e funcionarios do Estado e Municipio, sendo immediatamente postos a disposicao da Directoria de Hygiene os dres. Ponce de Leon e Arthur Gonçalves, da hygiene municipal; Arthur de Sô, Isaac Salazar e Diniz Passos, da Assistencia escolar; Vicente Gomez, Hermano Brandão e Antignio de Castro, da Escola Media de Agricultura; Ascanio Peixoto, da Chefatura de Policia, Aurelio Domingues, do Gabinete de Identificacao; e Gôes Cavalcanti, da Casa de Detencao.

Além destes, que relevantes serviços prestaram á população desta capital, devo referir-me com os mesmos elogios aos dres. Azeleu Domingues, Leopoldo Pedrosa, Fernando Ferreira, Luiz de Gôes e Silva Filho, espontaneamente postos no serviço da Directoria de Hygiene.

Contractei, igualmente, com previa autorisação do dr. governador, os dres. Selva Junior, Meira Lins, Paulo Correia, Liciniano de Almeida e Bernardino Ramos.

Munido, assim, de um pessoal competente cheio de zelo e interessado vivamente na debellação da epidemia, pude intensificar sobremaneira todos os serviços a meu cargo, fazendo voltar em pouco menos de um mez o nosso Estado sanitario aos seus limites normaes.

c) Requisição de pharmaceuticos.—Além dos graciosos offercimentos da pharmaceutica d. Laura Toscano de Britto e dos pharmacolandos da Escola de Pharmacia e Odontologia do Recife, Homero Nobrega, Romeu Loyo, Antonio Nemesio, José Gurgel e Emiliano Nobrega, requisitei mais os pharmaceuticos da Escola Media de Agricultura Porphirio de Andrade Sobrinho, Costa Lima e Edgard Valois.

Todos estes abnegados pioneiros prestaram optimos serviços nos diversos postos de socorro para os quaes foram designados.

d) Descentralisação das delegacias de saúde.—Para melhor attender aos urgentes serviços postos em pratica nos postos de socorros e nos domicilios dos doentes, resolvi, de accordo com o governo, localisar cada uma das quatro delegacias de saúde nos seus respectivos districtos.

Provisoriamente estas delegacias ficaram assim situadas:—a 1.ª no edificio da Bibliotheca Publica; a 2.ª na Escola Felipe Camarão, sita na rua da Intendencia; a 3.ª na Escola Maciel Pinheiro, na Encruzilhada; e a 4.ª na Escola Wenceslau Braz, na praça João Alfredo.

Dividida assim, de facto, em quatro zonas a cidade do Recife, destas zonas facilmente se irradiaram as praxias de prophyllaxia, accrescencia e defensiva, as visitas domiciliares em domicilio e os auxilios therapeuticos prestados nos postos de soccorro.

Multiplicou e subdividiu os postos de soccorro da seguinte maneira:

- 1 Bibliotheca Publica do Estado.
- 2 Pharmacia Americana.
- 3 " Central.
- 4 " Imperial.
- 5 " Nacional.
- 6 " Silva Ferreira.
- 7 " Escola Felippe Camurão.
- 8 Directoria de Hygiene.
- 9 Pharmacia União.
- 10 " da Torre.
- 11 " do Arruda.
- 12 " do Cordeiro.
- 13 " Noya.
- 14 " Triumpho.
- 15 Escola Maciel Pinheiro.
- 16 Pharmacia do Arraval.
- 17 " do Poço.
- 18 Escola Wenceslau Braz.
- 19 Pharmacia Caxangá.
- 20 " Campos.

Nestes vinte postos de soccorro onde prestaram serviços os Drs. José Climaco, Odilon Gaspar, Alfredo Medeiros, Arsenio Tavares, Paulo Aguiar, Costa Carvalho, Baptista da Silva, Armando de Macedo, Ramos Leal, Cruz Ribeiro, Paulo Correia, Isaac Salazar, Fragoso Selva, Selva Junior, Jorge Bittencourt, Arthur de Sá, Severino Cruz, João Rodriguez, Aurelio Domingues, Arthur Gonçalves, Costa Pinto, Monteiro de Moraes, Iciniano de Almeida e Meira Lins, eram ministrados medicamentos não somente aos doentes que a elles compareciam, como aquelles que impossibilitados de sair e já visitados pelos inspectores sanitarios, requisitavam-nos por intermedio dos parentes.

As visitas medicas domiciliarias foram feitas com a maxima frequencia por turnos de medicos postos á disposição necessitados e que eram encontrados na sede da Direccao desde 6 horas da manhã até ás 8 da noite,

atendendo os médicos de plantão na Assistência durante o resto da noite aos casos urgentes.

Destes serviços estiveram encarregados os Drs. Bernardino Dantas, Bandeira Filho, Thomé Dias, Arthur de Sá, Costa Pinto, F. Clementino, Fragoso Selva, Oswaldo Loureiro, Carlos Alves e Ponce de Leon.

Nestas visitas os médicos forneciam além dos medicamentos por elles prescriptos, auxilios pecuniarios e medida das necessidades de cada um dos enfermos e segundo uma tabella organizada na Directoria de Hygiene.

e) Outras medidas.—No intuito de restringir os effeitos maleficos da epidemia, a Directoria de Hygiene solicitou e foi effectuado o fechamento dos cinemas, das escolas publicas e particulares; fez prohibir as visitas aos hospitaes e aos cemiterios e os acompanhamentos aos enterros.

Ao mesmo tempo ella iniciou e secundou o serviço de lavagem das ruas e procedeu á rigorosa e systematica desinfeção dos domicilios particulares, dos cinemas, dos templos, dos hospitaes e das escolas.

Fez igualmente, collaborando com as autoridades municipaes, fiscalisação nas carnes (por intermedio do dr. Armando Maia que offereceu á Directoria de Hygiene para fazer a titulo gracioso este serviço) e no leite, conseguindo mesmo que este fosse vendido por preço menos elevado que aquelle a que attingio pela ganancia de alguns vendedores e proprietarios de vaccarias.

Estas providencias e o mais requintado apuro na observancia das determinações especificadas no Regulamento Sanitario em vigor, tanto de minha parte como dos leaes collaboradores na repartição que dirijo foram coroados do mais esplendido resultado que poderiamos almejar.

VIII - IRRADIAÇÕES DA EPIDEMIA PELO INTERIOR DO ESTADO

A proporção que a epidemia foi diminuindo de intensidade neste municipio chegavam á Directoria de Hygiene pedidos de soccorro de differentes cidades do nosso interior.

Entre ellas citarei Olinda, Iguarassú, Goyanna, Cabo, Ipojuca, Barreiros, Nazareth, S. Lourenço, Jaboatão, Escada, Amaragy, Gamelleira, Victoria, Palmares, Agua Preta, Qui-papá, Timbaúba, Bezerras, Bom Jardim, Caruarú, Panellas, Canhotinho, Pesqueira, Garanhuns, Pedra, Bom Conselho, Correntes, Buique e por fim Fernando da Noronha.

— 25 —
Para todos estes logares em anexo medico e para mu-
ltos d'elles autorisasi o fornecimento de recursos terapeu-
ticos.

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1918.

Octavio de Figueira
